

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

**Uma abordagem sociolingüística da afasia:
O Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma
comunidade de fala**

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL)

2006

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

**Uma abordagem sociolingüística da afasia:
O Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma
comunidade de fala
em foco**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito para obtenção do título de Doutora em Lingüística, na área de Sociolingüística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tania Maria Alkmim

Co-Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Irma Hadler Coudry

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL)

2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Sa47a

Sampaio, Nirvana Ferraz Santos.

Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala / Nirvana Ferraz Santos Sampaio. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadora : Tânia Maria Alkmim.

Co-orientadora: Maria Irma Hadler Coudry

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Competência comunicativa. 2. Neurolingüística. 3. Afasia. 4. Interação social. 5. Comunidade. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: A sociolinguistic framework of aphasia: Aphasics Fellowship Center (UNICAMP) as a speech community in focus.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Communicative competence; Neurolinguistic; Aphasia; Social interaction; Community.

Área de concentração: Sociolingüística

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tania Maria Alkmim (orientadora), Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (co-orientadora); Profa. Dra. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson; Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva; Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire; Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto; Profa. Dra. Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz (suplente), Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (suplente) e Profa. Dra. Raquel Salek Fiad (suplente).

Data da defesa: 19/12/2006.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Tânia Maria Alkmim

Profa. Tânia Maria Alkmim

Maz Hadler Coudry

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Profa. Dra. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

M^{te} da Conceição Fonseca Silva

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva

Fernanda Maria Pereira Freire

Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire

Ao meu PAI, Antônio (*in
memorian*),
e a minha MÃE, Adelaide
(*in memorian*),
que sempre foram OURO
DE MINA ...
Tocarei em seus nomes para
falar de AMOR ...

Ao meu marido,
Washington e minha filha,
Carolina, com quem
eternizo o AMOR.

Dedico

Agradecimentos

À orientadora Prof^a. Dra. Tânia Maria Alkmim, pelas discussões, sugestões e conhecimento partilhado e amizade.

À co-orientadora Prof^a. Dra. Maria Irma Hadler Coudy, pela convicção e alegria que contribuíram para que eu me fortalecesse e compreendesse um pouco os estudos sobre a afasia.

À Prof^a Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva, por seus questionamentos, críticas e contribuições valiosas durante a realização deste trabalho.

À Prof^a Dra. Maria Laura Mayrink-Sabinson, pelos questionamentos e críticas.

Às Professoras Tânia, Maza, Lalau e Conceição, pela cuidadosa leitura que fizeram do meu trabalho por ocasião do Exame de Qualificação. Contribuições importantes para a sua finalização.

À Tania e Maza, por toda a atenção com que me orientarem e (co)orientarem apontando os caminhos antes e após a qualificação.

À Banca Examinadora, pela gentileza de ter participado da defesa proporcionando críticas e sugestões que enriqueceram o trabalho.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, por ter me recebido para a elaboração deste trabalho.

Ao grupo II do CCA, que me permitiu a concretização desta pesquisa e um significativo aprendizado pessoal.

Aos funcionários do IEL Malu e Carlinhos, que me ajudaram na compilação e reprodução das fitas do grupo II do CCA e à funcionária Bel que sempre me auxiliou nas buscas no acervo da biblioteca.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela Bolsa de Estudos.

Ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, da UESB, por ter me liberado para a realização do Curso.

À Área de Língua Portuguesa e Lingüística, do DELL/UESB, pelo

incentivo a qualificação docente.

À minha amiga e companheira Ceição, que, nos períodos de convivência, me ensinou, a partir do seu profissionalismo, a nutrir meus princípios éticos e escolhas, agradeço, também, pelas noites de sono que abdicou em cumplicidade na realização deste trabalho, pela amizade sincera, juntamente com sua família.

Às amigas Olga, Milene, Livia e Anete, pela ajuda especial e divina.

Aos amigos Maria da Glória (Gogó), Regina, Eduardo, Marinez e Alberto, pelos cuidados e palavras estimuladoras.

Às colegas Cinthia Ishara e Noeli Lobo, pelos momentos de alegria e de angústia compartilhados, mas, fundamentalmente, pela amizade constituída.

Aos amigos Jorge Viana, Cátia, Adriana, Cândida, Gildete, Gorette, Greciely e Vera, pelo amparo em momentos difíceis.

Aos sobrinhos Vinícius, Mara e Mayana por não me deixarem só em Campinas.

Às sobrinhas Maynara e Gabi, por me ajudarem intensamente na transcrição das fitas.

À Maria, pela dedicação em meu lar.

À minha irmã Micheline, por seu carinho e atenção.

Aos amores da minha vida Washington e Carolina, pelo carinho, apoio e compreensão.

À Deus, porque nunca estive só...

“É como se eu soubesse que o desenvolvimento da idéia fosse ficar bloqueado enquanto em minha vida particular eu não tomasse algumas decisões (e decisões novas em termos de posicionamento de vida). Só que essas decisões, em seu conteúdo, aparentemente não têm nada que ver com o conteúdo da tese. Mas é como se eu soubesse que é só aparentemente, porque no fundo têm.”

(Márcio AmatuZZi, O resgate da fala autêntica)

Resumo

Neste trabalho, investigamos o Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Defendemos: a) que o CCA é uma comunidade de fala que se caracteriza pela prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade e pela construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade; b) que nas situações comunicativas e eventos comunicativos em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua quando usada também pelos sujeitos não-cérebros-lesados; c) que a atitude dos sujeitos cérebros-lesados inseridos no CCA é de permanecerem como sujeitos de linguagem na sociedade; d) e que a atitude dos pesquisadores é a de inserir os sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos, através da prática clínica em que não se separa língua(gem), cultura e sociedade. Para tanto, com base em conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados a conceitos e postulados da Neurolingüística Discursiva, analisamos o *corpus* da pesquisa, constituído de transcrições de gravações de situações comunicativas e eventos comunicativos vivenciados entre 2002 e 2004, no Grupo II do CCA. Os resultados indicam que, ao lado dos sujeitos não afásicos do CCA, os sujeitos afásicos, inseridos nessa comunidade de fala, são levados a enfrentar a afasia, agindo *com* e *sobre* a linguagem, a partir de repertório comunicativo variado que inclui recursos lingüísticos e não lingüísticos, em diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos.

Palavras-chave

1. Etnografia da comunicação.
2. Comunidade de fala.
3. Competência Comunicativa.
4. Neuroligüística
5. Afasia

Abstract

In this work we examine the Centro de Convivência de Afásicos (CCA). We argue that: a) the CCA is a speech community which is characterized by clinical practice that relates language, culture and society and by the knowledge construction of this practice in the relationship between language, culture and society; b) in communicative situations and communicative events in which the brain damage subjects at CCA are engaged, the language is incomplete, defective and heterogeneous, characteristics considered as being part of the language proper order and structure when used by subjects without brain damage as well; c) the attitude of the brain damage subjects who are at the CCA is to remain as subjects of language in society; d) the researchers attitude is to insert the brain damage subjects in communicative events through clinical practice where language, culture and society are not to be separated. Thus, based upon theoretical concepts and postulates of the Ethnography of Communication's theoretical framework and concepts and postulates of Discursive Neurolinguistics, we have analyzed the research corpus which is constituted of recording transcriptions from communicative situations and communicative events realized from 2002 to 2004 at CCA's Group II. The results suggests that as the non-aphasics-subjects at CCA, the aphasic ones who are part of this speech community face aphasia by acting with and about the language, using linguistic and non-linguistic resources in different discursive/communicative situations and discursive/communicative events.

Key –words

1. Ethnography of Communication
2. Speech Community
3. Communicative Competence
4. Neurolinguistics
5. Aphasia

Sumário

1	Considerações iniciais	1
1.1	A Proposta de Trabalho	1
1.2	Objetivos	4
1.3	A disposição do trabalho	4
2	Pensando afasia na relação linguagem, cultura e sociedade	7
2.1	Apresentação do CCA.....	7
2.2	Um histórico dos estudos sobre Afasia	9
2.3	Afasia do ponto de vista da Neurolingüística Discursiva	19
3	Linguagem, Cultura e Sociedade	25
3.1	Considerações sobre Sociolingüística	25
3.2	Etnografia da Comunicação: a opção teórica	27
3.2.1	Competência Comunicativa, Repertório Comunicativo e Comunidade de Fala	29
3.2.2	Situação Comunicativa, Evento Comunicativo e Ato de Fala	33
3.2.3	SPEAKING: modelo de análise preposto por Hymes	35
3.2.4	Regras e valores	37
3.3	A comunicação não-verbal na interação social: <i>o gesto e corpo</i>	40
3.4	Silêncio e seus significados: uma questão de linguagem, cultura, sociedade	43
3.5	Pausas e hesitações: fenômenos estruturadores, organizadores e de processamento do fluxo discursivo nos eventos comunicativos	46
3.5.1	As pausas	46
3.5.2	As hesitações	49
4	Centro de Convivência de Afásicos (CCA): <i>Uma Comunidade de Fala</i>	53

4.1	Considerações sobre a relevância da pesquisa	53
4.1.1	Construção do corpus e transcrição.....	55
4.1.2	Características das gravações	57
4.2	CCA: uma comunidade de fala	58
4.2.1	Prática clínica com a linguagem no CCA	58
4.2.2	Participantes das situações comunicativas e eventos comunicativos do grupo II do CCA	62
4.2.3	Competência Comunicativa e Repertório Comunicativo do grupo II CCA	67
4.2.4	Regras e valores no CCA	74
5	<i>Fotografias do CCA: Histórias de vida, história de corpos marcados ...</i>	81
5.1	Considerações gerais	81
5.2	Fotografias de DN	82
5.3	Fotografias de RL	101
5.4	Fotografias de DZ	116
5.5	Fotografias de SL	130
5.6	Fotografias de visitantes no CCA: Pe e M	142
5.7	Retrato de família	151
5.8	Para além do CCA: GS e Inl disseminando os objetivos desta comunidade	154
5.9	Algumas considerações sobre a comunidade de fala CCA	156
6	Considerações finais	161
7	Referências Bibliográficas	165
	Anexos	173

1 Considerações Iniciais

1.1 A Proposta de Trabalho

A pergunta que colocamos inicialmente neste trabalho é se *os problemas de linguagem como a afasia*, por exemplo, podem ser estudados considerando a relação língua(gem), cultura e sociedade? Inicialmente, também respondemos que sim e é isso que justifica este trabalho. Uma vez que a temática deste trabalho é a descrição e análise do Centro de Convivência de afásicos (CCA), que investigamos como uma comunidade de fala.

No decorrer dos séculos, sempre houve interesse em estudar as patologias da linguagem atribuídas a uma disfunção anátomo-fisiológica do cérebro. Entretanto, somente no século XIX dá-se início ao estudo científico do cérebro, ou seja, o interesse em estudar e desvendar a relação entre cérebro e linguagem. A descrição sistemática das alterações da linguagem decorrentes de lesões cerebrais deu origem à Afasiologia. Em seguida, deu-se um desdobramento aos estudos de processos lingüísticos e cognitivos do cérebro, normal ou patológico, dando origem à Neurolingüística

Ao tratar da questão da afasia, Jakobson (1955, p. 1969) afirma que se a **afasia é uma perturbação da linguagem**, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas devem começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem. Ele afirma, ainda, que esse problema não pode ser resolvido sem a participação de lingüistas profissionais familiarizados com a estrutura e o funcionamento da língua.

A partir do final da década de 80, do século XX, podemos

encontrar, no Brasil, trabalhos de lingüistas voltados para questões ligadas aos processos lingüístico-discursivos implicados nos casos de afasia, de neurodegenerescência, etc. Entre os estudos, ressaltamos o trabalho pioneiro de Coudry que introduziu os estudos neurolingüísticos no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP.

Essa pesquisadora critica a avaliação de linguagem realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa, apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais, questiona ainda as chances que têm nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola (cf. COUDRY, 2002a, p.112).

Para a autora, a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia) – diferente da abordagem tradicional assentada em tarefas metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta da língua – insere-se no exercício de práticas que fazem sentido para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem.

Na perspectiva de Coudry (1986, 1993, 1995; 1999; 2002a, 2002b), a avaliação da linguagem em contextos patológicos não pode ser dissociada das situações de uso social.

O que se observa, geralmente, é que o afásico passa por um distanciamento da sociedade ou a sociedade se afasta dele (ou há um afastamento de ambos).

Assim, se a afasia é um problema de linguagem e uma questão social; se na prática clínica com a linguagem desenvolvida no Laboratório de Neurolingüística (LABONE/IEL) e no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), ligado ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e ao Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da UNICAMP, os sujeitos cérebros-lesados são inseridos em situações de interação comunicativa com todos os membros que compõem o CCA, perguntamos:

a) Relacionando língua(gem), cultura e sociedade, podemos caracterizar o CCA, a partir da prática clínica com a linguagem que aí (CCA) se exerce, como uma comunidade?

b) Qual o funcionamento sociocultural da linguagem usada pelos sujeitos cérebros-lesados inseridos nas situações de interação comunicativa do CCA?

c) Partindo da relação língua(gem), cultura e sociedade, qual a atitude dos sujeitos cérebros-lesados, inseridos na prática clínica do CCA, diante das alterações que apresentam na linguagem?

d) Partindo da relação língua(gem), cultura e sociedade, qual a atitude dos pesquisadores do CCA na prática clínica com os sujeitos cérebros-lesados?

Para respondermos a essas questões, levantamos as seguintes hipóteses:

a) O CCA é uma comunidade, mas a língua não é o elemento definidor dessa comunidade, e sim a prática clínica com a língua(gem) e a construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade.

b) Nas situações comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua quando usada também pelos sujeitos “não-cérebros-lesados”.

c) A atitude dos sujeitos cérebros-lesados inseridos no CCA é de permanecerem como sujeitos de linguagem na sociedade.

d) A atitude dos pesquisadores é a de inserir os sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos, através da prática clínica em que não se separa língua(gem), cultura e sociedade.

Para tentar responder as questões e comprovar as hipóteses deste

trabalho, mobilizaremos conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados a conceitos e postulados da Neurolingüística Discursiva.

1.2 Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é investigar se o CCA funciona como uma comunidade que se caracteriza pela prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade. Como objetivos específicos, elencamos: (i) descrever o funcionamento das situações comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA; (ii) descrever as atitudes dos sujeitos cérebros-lesados diante das alterações que apresentam na linguagem, observando os primeiros momentos de sua (dos sujeitos cérebros-lesados) inserção na prática clínica com a linguagem do CCA e os momentos em que já estão inseridos em tal prática. (iii) descrever as atitudes dos pesquisadores na prática clínica de inserção dos sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos no CCA.

1.3. A disposição do trabalho

No capítulo 2, **Pensando afasia na relação linguagem, cultura e sociedade**, faremos uma apresentação breve do CCA, historiando a sua formação e constituição, e informaremos o critério de pertencimento dessa possível comunidade, ou seja, a afasia e as questões a ela relacionadas. Dessa forma, faremos uma descrição geral dessa patologia da linguagem, um histórico dos estudos de Gall, Broca, Wernicke, Goldstein, Luria e Jakobson; e apresentaremos também a neurolingüística Discursiva, a partir dos estudos de Coudry, nesse item, estará presente a justificativa deste trabalho, uma vez que a Neurolingüística discursiva tem uma prática clínica que não separa língua(gem), cultura e sociedade, sabendo

assim que nessa prática o indivíduo está no corpo social.

No capítulo 3, **Linguagem, Cultura e Sociedade**, estabeleceremos a opção teórica. Primeiramente, historiaremos, a partir de Bachmann et al. (1981) e Alkmim (2003), a sociolinguística, e a Etnografia da Comunicação, a partir de Hymes e Sville-Troiike. Tomando conhecimento dos conceitos que aqui serão empregados, quais sejam: **comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, Situação Comunicativa, Evento Comunicativo e Ato de Fala**.

No capítulo 4, **Centro de Convivência de Afásicos (CCA): Uma Comunidade de Fala?**, Apresentaremos, primeiramente, materiais e método utilizado na pesquisa, a maneira como os dados foram recolhidos e as características das gravações. Em seguida, caracterizaremos, a partir do que foi exposto no capítulo 3, o CCA como uma comunidade de fala e apontaremos os participantes dessa comunidade e analisaremos algumas situações comunicativas.

No capítulo 5, **Fotografias do CCA: Histórias de vida, história de corpos marcados**, enfocaremos 4 participantes do CCA, cujo critério de escolha implica o ano de ingresso na comunidade, ou seja, 2002, analisaremos, assim o repertório comunicativo desses partícipes. Em seguida, abordaremos a família como uma das tantas outras comunidades em que esses sujeitos estão inseridos, e faremos algumas considerações assinalando peculiaridades do CCA .

Finalmente, nas considerações finais, faremos uma sinopse dos pontos principais deste trabalho e apontaremos algumas perspectivas de estudo.

2 Pensando afasia na relação linguagem, cultura e sociedade

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem.

(Roman Jakobson, *Lingüística e Comunicação*)

2.1 Apresentação do CCA

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), criado em 1989, é fruto de um convênio interdisciplinar entre o Departamento de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem com o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil). Trata-se de um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não-afásicas (pesquisadores terapeutas e familiares/amigos), interação mediada pela linguagem verbal e não verbal, bem como por sua relação com sistemas não verbais; mediada ainda por um saber técnico sobre a linguagem e os processos cognitivos (memória, percepção, praxia/corpo, atenção) que integram o funcionamento do cérebro/mente.

No CCA há três subgrupos: Grupo I, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Edwiges Maria Morato; Grupo II, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Maria Irma Coudry e o Grupo III, recém-criado, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. A área

de Neurolingüística do IEL conta ainda com um grupo de convivência dedicado a crianças e jovens (CCazinho/IEL) com e sem lesão cerebral que foram diagnosticados como tendo dificuldades de aprendizagem que incidem na aquisição e uso da escrita e leitura. O CCAzinho foi criado em agosto de 2004 e, também, funciona no Laboratório de Neurolingüística (IEL/UNICAMP), sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Maria Irma Hadler Coudry.

Esta tese articula duas áreas da Lingüística, a Sociolingüística e a Neurolingüística, tanto do ponto de vista teórico quanto da prática que se exerce com a linguagem nos dois domínios, e dirige seu foco para a afasia e para o grupo II do CCA. Esclarece-se que o critério de pertencimento dos participantes nesse grupo é, por um lado, o estado de afasia por parte dos sujeitos cérebro-lesados; e, por outro, a formação em Neurolingüística dedicada aos alunos de graduação (em Lingüística, Letras e Fonoaudiologia) e de pós-graduação (mestrado e doutorado vinculados ao Programa de Lingüística do IEL), o que abre diversas frentes de pesquisa. O CCA também é um lugar de exercício da extensão universitária à medida que avalia e trata dos afásicos e agrega à comunidade CCA seus familiares e acompanhantes, o que abre outras frentes de pesquisa.

Afasia – do grego *aphasia* significa falta de fala, inabilidade de dizer alguma coisa sobre algo. Em sua prova didática de Livre-docência, Coudry (2002b) apresenta cinco conceitos de afasia: o primeiro e o segundo baseados em dissociações e relacionados respectivamente aos estudos de Broca (1861) e de Wernicke (1874); o terceiro inaugura a conceitualização baseada em relações, sendo Jackson (1874) e Freud (1871) representantes disso no século XIX; o quarto, no século XX, são os estudos de Luria e Jakobson que contribuem para a teorização neuropsicológica e lingüística da afasia; o quinto conceito de afasia vem sendo desenvolvido por Coudry, e pesquisadores em diferentes níveis por ela orientados, a partir do início dos anos oitenta do século XX até se consolidar em uma formulação mais recente, a Neurolingüística

Discursiva. Coudry (1986/88, p. 55) conceitua inicialmente assim a afasia:

trata-se de uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis lingüísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos (como a hemiplegia, as agnosias, as apraxias, a discalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e interpretação.

Se a afasia é tomada nesta tese como um problema de língua(gem), cultura e sociedade, trataremos, no próximo item, de estudos que conceituam a afasia desde meados do século XIX até chegarmos ao conceito discursivo de afasia.

2.2 Um histórico dos estudos sobre Afasia

Sabe-se que na Antigüidade o cérebro é visto como o órgão da sensação e da inteligência; que os sacerdotes egípcios já faziam suas correlações anatomo-clínicas; e que, de Galeno até a Idade Média, as faculdades mentais eram determinadas pela arquitetura anatômica e funcional (Teoria dos Ventrículos). Entretanto, somente no século XIX dá-se início ao estudo científico do cérebro com interesse em estudar e desvendar seus mistérios - o que foi feito a partir de estados patológicos de linguagem cujo foco é a afasia.

O neuro-anatomista alemão Franz Joseph Gall (1758-1828) deu origem aos trabalhos sobre a teoria da dominância cerebral para a linguagem, opondo-se ao pensamento dos seus contemporâneos que

acreditavam na atuação total do cérebro e na participação global em cada atividade cognitiva do homem (cf. Riese, 1977, p. 43). A teoria de Gall, conhecida como Frenologia, defende a idéia de que as diferentes características e os diversos traços de personalidade, morais e intelectuais, dependem de faculdades inatas e distintas que têm por sede uma parte bem determinada do córtex cerebral. Heeschen (1994, p.14) considera que o mérito de Gall foi ter colocado grandes pesquisadores, como os médicos e professores franceses Jean-Baptiste Bouillaud (1796 – 1881) e Paul Broca (1824 – 1880) no caminho localizacionista, ou seja, na co-relação direta do *locus* de lesões cerebrais com determinadas manifestações da afasia.

Assim, sob influência de Gall, Bouillaud esforçou-se para mostrar que a linguagem articulada dependia dos lobos frontais e foi o primeiro a distinguir entre uma linguagem interna e uma externa nos estudos da afasia. Para Bouillaud, a linguagem interna é algo que faz parte das capacidades intelectuais da mente humana (relacionado à memória das palavras), que pode se tornar aparente por meio da linguagem externa.

Em abril de 1861, Broca apresentou o estudo do cérebro de um dos seus pacientes, chamado Leborgne, cuja afasia se caracterizava como um distúrbio de linguagem articulada, sem problemas de cognição. É fruto desse estudo a distinção de Broca de duas faculdades de linguagem: uma designada como geral, que corresponde a uma capacidade “semiótica” de relacionar idéias a signos, e que poderia ser expressa não só pela fala, mas também por outras modalidades de linguagem; e outra que concerne à faculdade de linguagem articulada, algo intrinsecamente diferente da capacidade de criar signos, ou seja, um tipo especial de memória que equivaleria à capacidade de ‘traduzir’ signos em imagens mentais dos movimentos.

Em 1865, baseando-se em vários casos verificados anatomicamente, Broca estabelece para a sede da linguagem articulada a parte posterior da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo (hoje conhecida como área de Broca ou área 44 de Brodmann). Essa

denominação ainda é utilizada apesar do avanço dos estudos neurológicos e neuropsicológicos. Segundo Françoso (1987, p. 67), as idéias de Broca e Bouillaud têm alguns pontos em comum, visto que ambos sustentam a hipótese de que há duas faculdades relacionadas à linguagem: uma cuja tarefa é “cr  er des motes comme signes de nos idées e outra cuja tarefa    articular ces mêmes mots”. Uma diferença entre esses autores    que somente Bouillaud empregou, explicitamente, as expressões “parole intérieure” e “parole extérieure”, respectivamente em rela  o a essas faculdades.

Segundo Lebrun (1983, p.13),    necessário observar que para Broca somente a linguagem articulada    localizada no hemisfério esquerdo, e que tanto a compreensão da linguagem falada quanto a atitude geral para utilizar símbolos e estabelecer uma rela  o de sentido entre significado e significante dependem igualmente de ambos os hemisférios.

O médico alemão Carl Wernicke (1848 – 1905), na perspectiva Associacionista (cujo foco são os centros nervosos e as conexões que os unem), apontou, entretanto, para o fato de que, assim como uma lesão unilateral anterior    suficiente para perturbar a expressão oral, uma lesão do mesmo lado, situada posteriormente no hemisfério, causa problemas de compreensão da linguagem falada. A afasia estudada por Wernicke, a sensorial, leva seu nome e decorre de lesão no lobo temporal esquerdo (  rea 22 de Brodmann). Os conceitos derivados dos estudos de Broca e Wernicke são analisados por Coudry (2002b) como baseados em dissocia  es produzidas pelo *locus* da lesão, por um funcionamento não integrado do cérebro e por suas manifesta  es ling  stico-cognitivas (lesão anterior/posterior; motor/sensorial; expressão/compreensão).

A rea  o ao Associacionismo no estudo da afasia foi um movimento bastante amplo, uma oposi  o ao empirismo em geral e ao associacionismo em particular. Esse movimento se caracteriza por uma visão holística da afasia que recupera as fun  es cerebrais gerais diferenciando-as das específicas. Foi influenciado pela Gestalt que por

sua vez foi influenciada pela contribuição do neurologista inglês Hughlings Jackson (1874) que estendeu o conceito de afasia para a linguagem, o que antes era restrito à *parole*. Por seu turno, Von Monakow (1914), Head (1926) e Goldstein (1948) são os neurologistas da primeira metade do século XX que levam para a afasia idéias da psicologia da Gestalt. Esses autores postularam que a afasia é, em essência, um distúrbio uno, possivelmente decorrente de distúrbio de funções intelectuais especializadas.

Kurt Goldstein (1878–1965), assim como Luria, inspira-se nos trabalhos de Vygotsky (1934/1962) para definir linguagem interna. Para Vygotsky, pode-se falar de uma representação de um sistema semiótico mediado e mediador de funções cognitivas, construído a partir da interação social. A linguagem teria dois papéis frente às funções cognitivas superiores: permite o desenvolvimento da capacidade de abstração e categorização, e também a auto-regulação do comportamento.

Para Goldstein (1950), a linguagem interna está inicialmente bastante identificada com a linguagem social, ou seja, com as instrumentalidades da linguagem. Segundo Françaoso (1987, p.153), o conceito-chave que permite Goldstein construir sua visão sobre os distúrbios de linguagem é o de desdiferenciação: “*modification of the patient’s performance shows the effect of a blurring of the sharp boundaries between figure and ground*”. Ou seja, a desdiferenciação seria a perda de uma estruturação da experiência em termos da relação entre figura e fundo. Com base nesse princípio geral, Goldstein (1950) formula dois grupos de sintomas complexos de afasia a partir de dois tipos de linguagem: a concreta (as instrumentalidades da fala que consistem de sons, palavras, formas e sentenças cristalizadas, ou seja, a fala automática) e a abstrata (fala voluntária, proposicional, racional) da qual dependem várias ações voluntárias (nomear palavras e séries, repetir, ler, perguntar, ordenar, entre outras) que refletem duas modalidades de ação mental, ou atitudes. No campo da afasia, essas atitudes dizem respeito, por um lado, à conduta/atitude concreta e, por

outro, à conduta/atitude abstrata ou pensamento categorial que define, por sua vez, dois grandes grupos de afasia.

O conceito de afasia formulado por Goldstein vincula-se a alterações dessas atitudes, ambas presentes no uso da linguagem cotidiana. Em diferentes graus, a afasia que afeta a linguagem abstrata, volitiva, proposicional dificulta a manipulação do significado das palavras (nomear, repetir) e a afasia que afeta a linguagem concreta atinge suas instrumentalidades.

Para introduzir algumas idéias centrais de **Freud**, **Luria** e **Jakobson** sobre afasia – e que compõem a teorização recente da ND -, utilizamo-nos do texto (impresso) de Coudry (2002b) como referência principal. A autora aponta que Freud inaugura o terceiro conceito por contestar o princípio da localização das funções e ser um dos primeiros a admitir a *localização da lesão*; mas não a da função; “*funções* resultam da atividade/trabalho do cérebro todo: isolar a região da fala só tem sentido do ponto de vista *post-mortem*, mas não com respeito à função normal” (Coudry 2002b, p. 3). Outra inovação conceitual de **Freud** foi não derivar o funcionamento normal do patológico como prevê o princípio localizacionista.

Freud (1891/1973), contrariando a visão localizacionista de sua época, interpreta as afasias como interrupções de associações/percepções, de várias ordens, que tocam a palavra, tal como a concebe: uma unidade funcional que representa um processo complexo de associações de que participam vários analisadores cognitivos (visual, acústico, cinestésico, tátil). Com Freud se aprende, portanto, que o aparelho de linguagem é um aparelho equipado para associações que vão além do território da linguagem, o que é compatível com os pressupostos teóricos da ND. Essa estrutura só se dá a conhecer por meio do estudo da patologia da linguagem que permite observar sua desintegração (Coudry, 2006, p. 14).

O estudo crítico de Freud distingue os transtornos da linguagem em duas classes. A primeira delas compreende a afasia verbal, em que

estão perturbadas as associações entre os distintos elementos da representação-de-palavra. A segunda classe engloba a afasia assimbólica, em que está alterada a associação entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto.

A patologia que apresenta problemas na relação entre a representação-de-objeto e sua idéia (objeto real no mundo físico percebido pelos processos perceptivos) – denominada de agnosia por Freud – decorre de extensas lesões corticais bilaterais e pode acarretar problemas de linguagem à medida que todos os estímulos para a linguagem surgem das associações com a representação-de-objeto, já que percepção e associação são faces de um único processo. Freud entende que esses casos configuram uma terceira classe de afasia, a afasia agnósica que é causada por um efeito funcional remoto com ausência de lesão orgânica no aparelho de linguagem; e afirma também que as afasias verbal e assimbólica são manifestações de lesões no aparelho de linguagem (Coudry, 2002b; Coudry, Freire e Gomes, 2005).

Outro autor-âncora para o terceiro conceito de afasia é Alexander R. Luria (1902–1977) que introduz na Neurologia um ponto de vista (cf. Saussure, 1916/1970) herdeiro e comprometido com postulados de Vygotsky em relação à condição sócio-histórica da linguagem, da mente e de seu funcionamento. Para guiar o estudo sobre a relação cérebro-linguagem, seja na patologia ou no funcionamento normal, o autor formula o princípio da organização cerebral (e seu funcionamento) complexa, dinâmica e integrada.

No estudo da afasia, Luria (1981) se posiciona contra o localizacionismo estrito (que co-relaciona diretamente lesão/função) e introduz o conceito de *sistema funcional complexo* que envolve várias unidades e áreas cerebrais *trabalhando em concerto*:

Os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos e (...) não estão ‘localizados’ em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em

conjunto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional” (Luria, 1981, p. 27).

O conceito de sistema funcional estabelece que os processos mentais não estão localizados em áreas circunscritas do cérebro, mas ocorrem com a participação de diversas áreas cerebrais; processos como a percepção, memória, atenção, gnósia, praxia, fala, pensamento, escrita, leitura e cálculo, se realizam mediante a participação de várias áreas cerebrais.

Para Luria (1981), o cérebro se organiza em três blocos ou unidades funcionais que abrangem todas as regiões cerebrais (externas e internas) que se subdividem, por sua vez, em uma porção anterior envolvida no funcionamento de atividades motoras - falar, andar, pegar, nadar - também denominada de área dinâmica; e em uma porção posterior chamada gnósica, que trata de processos perceptivos - auditivos, visuais, táteis-cinestésicos (provenientes da sensação que o movimento provoca), olfativos - e de suas relações. Só uma visão baseada na plasticidade cerebral - o que permite que outras áreas se re-arranjam para assumir funções modificadas pela afasia - sustenta a possibilidade de suprir a unipolaridade da linguagem que a afasia estabelece, sendo ela decorrente de lesões anteriores ou posteriores.

Da concepção de cérebro como sistema funcional conclui-se que lesões em determinada área do cérebro podem levar à desintegração de todo um sistema funcional. Assim é que, segundo Luria (1981), a afasia modifica um sistema funcional, ou vários, o que o leva a formular seis formas de afasia, a saber:

1. **AFASIA MOTORA AFERENTE** que deriva de alterações nos esquemas aferentes de produção dos gestos articulatórios; associada a lesão nas partes inferiores do córtex retrocentral esquerdo (parte pós-central do córtex). Trata-se de dificuldade de combinação de um movimento com outro para produzir os gestos articulatórios.

2. **AFASIA MOTORA EFERENTE** que deriva da desintegração da

organização em série de melodias cinéticas envolvidas dos gestos articulatórios; associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda (corresponde à afasia de Broca com agramatismo).

3. **AFASIA SEMÂNTICA** que deriva de alterações na síntese simultânea de significados que se relacionam (dificuldade, por exemplo, de compreender a relação indireta que resulta da expressão *irmão do pai*: o que não significa nem pai nem irmão, mas tio) e está associada a uma lesão na área têmporo-parieto-occipital esquerda.

4. **AFASIA SENSORIAL** (correspondente à **afasia de WERNICKE**) que deriva de alterações na percepção áudio-verbal e está associada a uma lesão na parte supero-posterior do lobo temporal esquerdo.

5. **AFASIA ACÚSTICO-AMNÉSICA** cuja lesão afeta as áreas secundárias responsáveis pelo reconhecimento áudio-verbal e está associada a uma lesão no lobo temporal esquerdo.

6. **AFASIA DINÂMICA** que afeta a tomada de iniciativa verbal e conseqüentemente o discurso narrativo. Está associada a uma lesão no lobo frontal, na 3ª circunvolução, causando inércia em processos nervosos ligados ao sistema verbal.

A constituição do quarto conceito inaugura a participação de disciplinas não médicas no estudo das afasias, como a lingüística, cujo autor de referência é Jakobson.

Jakobson foi um dos primeiros lingüistas a estudar o fenômeno afásico. Nos seus dizeres, “compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar” (cf. Jakobson (1969, 34), deve estar em primeiro lugar no estudo das dificuldades de linguagem. Ele toma como base, em seu trabalho, a descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos feita por Luria. Jakobson coloca a noção de comunicação como fundamental ao explicitar a sua visão sobre a relação entre linguagem e contexto social. Apresenta como *ficção desconcertante* o princípio da homogeneidade do código lingüístico porque todo código lingüístico é multiforme e compreende

uma hierarquia de subcódigos diversos que o sujeito falante escolhe levando em conta os níveis do sistema lingüístico, a função da mensagem, o interlocutor ao qual se dirige e a relação existente entre os falantes envolvidos na situação comunicativa. Assim, o ponto de partida é o processo comunicativo amplo que ultrapassa a ótica estreita de uma análise do fenômeno lingüístico baseada apenas em características estruturais. Esse autor privilegia também os aspectos funcionais e identifica os seguintes fatores constitutivos de todo ato de comunicação: o remetente, a mensagem, o destinatário, o contexto, o canal e o código. Para ele, a predominância de cada um desses fatores envolve diferentes funções de linguagem.

Jakobson, ao se dedicar ao estudo das afasias, estava de fato interessado na elaboração de uma teoria geral da linguagem que a explicasse em seu todo: aquisição, funcionamento, estrutura, alterações, etc. Justamente por ferir a norma, a gramaticalidade, os padrões estruturais e funcionais da língua, as afasias dariam solidez empírica a sua teorização sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral (e da sua aquisição pela criança de um modo particular).

Chamamos atenção (o que será explorado adiante) para o conceito de função relacionado à afasia presente nos estudos de Jakobson (e também nos estudos de Freud e de Luria).

Jakobson descreve os sintomas verbais dos seis tipos de afasia classificados por Luria e os relaciona ao funcionamento dos dois grandes eixos de relações simbólicas (sintagmático: que relaciona os signos *in praesentia* e paradigmático: que relaciona os signos *in absentia*), à luz de Saussure (1916/1970). Segundo Ducrot e Todorov (1972/2001, p.110), enquanto o funcionalismo de Martinet faz da sintagmática um meio, um simples preâmbulo à pragmática, o funcionalismo de Jakobson dá a esses dois tipos de relação um valor independente. Para Jakobson, a interpretação de toda unidade lingüística põe em operação, a cada instante, dois mecanismos intelectuais independentes: a) comparação com as unidades semelhantes; e b) relacionamento com as unidades

coexistentes. Dessa forma, o sentido de uma palavra é determinado, simultaneamente, pela influência daquelas que a cercam no discurso, e pela lembrança daquelas que poderiam ter tomado o seu lugar. Jakobson postula que os dois mecanismos são independentes nos distúrbios da linguagem e podem ser distribuídos em duas categorias: a) impossibilidade de ligar os elementos uns aos outros, de constituir sintagmas (o enunciado é uma seqüência descontínua); b) impossibilidade de ligar os elementos utilizados a outros elementos de seu paradigma (os enunciados não se referem mais a um código). Esta dualidade tem, para o autor, uma grande generalidade. Estaria na base das figuras de retórica mais empregadas pela “linguagem literária”: a metáfora (um objeto é designado pelo nome de um objeto semelhante) e a metonímia (um objeto é designado pelo nome de um objeto que lhe é associado na experiência) dependeriam respectivamente da interpretação paradigmática e sintagmática, compatibilizando *sintagmático* a **metonímico** e *paradigmático* a **metafórico**.

No texto “Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia”, Jakobson (1969) formula dois tipos fundamentais de afasias: 1) o distúrbio da contigüidade; e 2) o distúrbio da similaridade, baseando-se nos dois modos de arranjo do signo lingüístico na cadeia verbal: sintagmático no primeiro e paradigmático, no segundo.

Dessa forma, conforme Coudry (2002b), a quarta concepção de afasia se refere à modificação na estrutura bipolar da linguagem, que se torna unipolar. A afasia pode levar a uma redistribuição das funções lingüísticas relacionadas com a natureza bipolar da organização da linguagem em sistemas - complementares e opostos - que se articulam, sob os mesmos princípios estruturais. Jakobson chamou atenção dos lingüistas para *a lógica da linguagem na afasia*, implicações ligadas ao funcionamento da linguagem: tal como ocorre no processo de aquisição, também ocorreria na afasia. Nesse caso, não se trata de causa e efeito, mas de processos complexos, hierarquicamente organizados, que se inter-relacionam.

2.3 A afasia do ponto de vista da Neurolingüística Discursiva

No início da década de 80 do século XX, podemos encontrar, no Brasil, trabalhos de lingüistas voltados para questões ligadas ao estudo discursivo de processos lingüístico-cognitivos envolvidos nos casos de afasia. O trabalho pioneiro de Coudry introduziu estudos neurolingüísticos no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, como já abordado no capítulo introdutório deste trabalho. Essa pesquisadora e o seu grupo de pesquisa (vinculado ao *Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados* - CNPq: 521773/95-4) vêm desenvolvendo uma abordagem discursiva para avaliar e compreender processos de significação, patológicos ou não, que ocorrem na linguagem do sujeito afásico. A partir dessa perspectiva, conforme a autora, explicitam-se

e se tratam conceitualmente princípios que, desde o início nortearam os estudos neurolingüísticos de tradição proeminentemente lingüística: a questão dos processos de significação. **Enunciativo** porque importa a **enunciação para o outro**, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; **discursivo** porque é a forma da linguagem expor-se como atividade significativa, condicionada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes (Coudry, 1986/88, p. 12).

A autora, dessa forma, critica a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa e apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais. Questiona ainda sobre “*que chances têm nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola?*” (Coudry, 2002a, p.112).

Temos aqui, o quinto conceito de afasia, formulado por Coudry, que parte de uma teoria indeterminada e pública de linguagem formulada por Franchi (1977). Conceito que apresentamos logo no início deste capítulo e que considera que o *sentido* não é dado *a priori*, mas se faz em meio a contigências sócio-históricas, incluindo fatores contextuais, o que sabemos ser muito diferente do que se preconiza na área médica para avaliar e tratar (d)as afasias.

Para Coudry, a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia) – diferente da abordagem tradicional assentada em tarefas metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta da língua – insere-se no exercício de práticas que fazem sentido para o sujeito, relacionadas a práticas sociais com a linguagem. É possível perceber que, na perspectiva de Coudry (1986, 1993, 1995; 1999; 2002a, 2002b), a avaliação da linguagem em contextos patológicos não pode ser dissociada das situações de uso social.

Sobre essa questão, Morato (2000) afirma:

após o episódio neurológico, a qualidade de vida do sujeito afásico será proporcional à intensidade do impacto da afasia sobre ele. Naturalmente, a maneira como se lida social e subjetivamente com a afasia condiciona, de certa forma, a sorte dos que com ela convivem. Qualquer que seja o cenário, ele acaba por influenciar fortemente o processo de recuperação da linguagem ou a possibilidade de adaptação ou reinserção sócio-ocupacional de sujeitos afásicos. Nesse caso, a afasia deixa de ser apenas uma questão de saúde, uma questão lingüística, uma questão cognitiva. **A afasia torna-se uma questão social.**

O que se observa, geralmente, é que o afásico passa por um distanciamento da sociedade ou a sociedade se afasta dele (ou há um

afastamento de ambos). Segundo Lemay (1995), é através da linguagem que assumimos nossa posição na sociedade e somos reconhecidos enquanto pessoas. Mas o autor questiona

Como ser realmente reconhecidos quando não podemos exprimir claramente nossas idéias, nossas opiniões, nossa percepção das coisas e dos acontecimentos porque o vocabulário e o contorno das frases, que permitem todas as nuances e precisões necessárias a uma comunicação eficaz, não estão mais disponíveis? ... O problema da linguagem é ainda mais invalidante, pois **atinge todas as áreas culturais**. Não conseguimos ler, escrever, calcular, substituir as palavras inadequadas pelas palavras precisas que procuramos; dizer “Bom dia, senhor” quando nos dirigimos a uma senhora ou dizer “minha mãe” quando queremos dizer “minha mulher”, todas essas dificuldades colocam em dúvida a integridade intelectual do afásico aos olhos da sociedade que o observa (Lemay, 1995, p.123).

Em relação ao *sujeito na afasia*, Coudry (2002a) afirma que *há linguagem na afasia quando há sujeito* e que afásico e não afásico partilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua. A autora questiona “Quem nunca passou por situações de se sentir mais incompleto do que usualmente, hesitando, retomando, interrompendo, tendo menos controle sobre o que diz?” e afirma que na afasia podem ocorrer várias dessas dificuldades, e outras, com a diferença de ser trabalhoso para o sujeito afásico sair desse mau momento, que se repete em várias situações e que não é tão passageiro (como pode ocorrer com pessoas não afásicas). São situações difíceis que o afásico enfrenta, sobretudo levando em conta o grau de tolerância zero que se tem hoje em dia para com os normais. A concepção abrangente e pública nessa Neurolingüística, segundo a autora, não é posta para banalizar a afasia, mas, ao contrário, para compreendê-la. Nessa perspectiva há lugar para o sujeito, o que torna possível estudar a linguagem pública usada por sujeitos afásicos que compõem uma

comunidade de falantes.

Coudry (1988), ao descrever as condições e estratégias da prática clínica com a linguagem que envolve procedimentos metodológicos como a agenda, o álbum de retratos, o caderno de atividades, o trabalho com leitura do jornal, a interação com a família, a tematização de fatos e atividades de interesse social, defende que, com esses e outros procedimentos, é possível a reconstituição do paciente como sujeito.

Assim, no campo da Neurolingüística Discursiva, critica-se a avaliação padrão de sujeitos afásicos e a aplicação de certos modelos teóricos da lingüística, centrados essencialmente em parte do que recobre a atividade metalingüística. Coudry, na prática clínica com esses sujeitos, expõe uma concepção de linguagem segundo a qual as línguas naturais são resultado de um trabalho coletivo, histórico e cultural e não mero fruto de convenção (Franchi, 1977).

Freire (2005), a partir dos estudos de Coudry, afirma que a Neurolingüística Discursiva se baseia, de um lado, na preocupação de Jakobson em explicar o modo como o sistema da língua se organiza; e, de outro, correlaciona a essa noção de uso da língua os fatores ântropoculturais de uma dada comunidade lingüística, compartilhando, assim, de uma visão abrangente e pública de linguagem. Essa autora afirma que Coudry, ao interpretar os estudos de Jakobson, quando esse se refere à prevalência de funcionamento de um eixo na afasia, postula que há projeção desse eixo sobre o outro, ou seja, embora o “déficit primário” possa atingir um dos eixos em especial, o seu mau funcionamento acarreta um re-arranjo do outro eixo, que pode ser interpretado também como uma redistribuição do modo de funcionamento da língua.

Tomando como ponto de partida esse referencial teórico formulado por Coudry (1986/88) para a área de Neurolingüística, Freire (2005) desenvolve a sua pesquisa. Ela afirma que esse referencial teórico que articula a dimensão histórica, intersubjetiva e psíquica da linguagem em função de questões teóricas e metodológicas que repercutem na prática

clínica com a linguagem norteia seu trabalho principalmente na relação entre teoria e dado.

O trabalho de Freire (2005), de caráter longitudinal, com acompanhamento de um sujeito de 30 anos, entre abril de 2003 e outubro de 2004, do sexo masculino, que apresenta um quadro de Síndrome Frontal leve em virtude de um traumatismo craniano que acometeu bilateralmente os lobos frontais e o lobo parietal alto à direita, tem como proposta de investigação, de descrição, os procedimentos e as práticas com e sobre a linguagem condizente com a prática clínica com a linguagem que se desenvolve no CCA. O encaminhamento desse sujeito, em fevereiro de 2002, segundo Freire, ocorreu por conta da queixa de dificuldade de aprendizagem e de leitura, bem como da queixa pessoal de memória.

Através da teorização proposta por Coudry (2002b) baseada nos autores **Freud**, **Luria** e **Jakobson**, Freire (2005) utiliza o conceito de *dado-achado* (Coudry, 1996) em meio à situação clínica, para fundamentar o que denomina de “escrita na Agenda Mágica”, lugar de reconstrução da relação do sujeito com a escrita e com a subjetividade. A autora estuda as relações entre linguagem, memória, corpo e percepção, a partir da articulação das formulações de Freud sobre o funcionamento neurofisiológico do aparelho psíquico, dos estudos de Jakobson a respeito do funcionamento bipolar da linguagem e das formulações de Luria sobre a organização sistêmica e hierarquizada das funções cerebrais. Esse trabalho é reflexo de uma parte da prática clínica com a linguagem desenvolvida no CCA.

A partir dos seguintes questionamentos de Coudry (2002b):

Que trabalho (lingüístico-cognitivo) o afásico faz e deixa de fazer? Que trabalho alternativo - já que não há um só modo de dizer - ele projeta como possibilidade de língua e de sua relação com os parâmetros culturais que identificam sujeitos de uma mesma comunidade discursiva?,

e considerando a construção teórico-metodológica da Neurolingüística Discursiva, podemos pensar na relação afasia, linguagem, cultura e sociedade, conforme ocorre na prática clínica com a linguagem desenvolvida no CCA, e responder às questões postas inicialmente neste trabalho.

3 Linguagem, Cultura e Sociedade

Le rythme s'inscrit dans une expression sociale où ordre, répétition, harmonie sont des références constantes du langage et les principes d'énergie des mouvements corporels. Toute rupture d'interdit est une rupture d'harmonie. La mort introduit dans la création est aussi une rupture d'harmonie, d'où la puissance incantatoire de la danse et du chant qui rétablissent l'harmonie compromise, car ils sont ordonnés dans leur déploiement, et le message qu'ils communiquent est intemporel et essentiel, étant celui de toute l'ascendance de la communauté.

(Marcel Houis, *Antropologie Linguistique de L'Afrique Noire*)

3.1 Considerações sobre a Sociolingüística

A Sociolingüística é caracterizada como a área da Lingüística que se ocupa das questões e estudos sobre a relação entre língua, cultura e sociedade. Segundo Alkmim (2003), essa área é vista como “difusa”, carente de densidade teórica e limitada a práticas empiricistas, quando comparada a domínios sofisticados como a Sintaxe e a Fonologia.

Apontando a questão chave dessa área: “quais são os seus pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos?”, Alkmim (2003) apresenta uma reflexão sobre a área da Sociolingüística. Ela delinea as raízes históricas dessa área e o desafio teórico metodológico para captar a diversidade lingüística.

Quanto às raízes históricas, a autora ressalta a importância das lições do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 1916) para o fundamento teórico da chamada Lingüística moderna e chama a atenção para o objeto de estudo dessa Lingüística, herdeira da tradição saussureana, qual seja: a *langue*, abordado pelo seu traço essencial, sua natureza formal, a partir de uma análise que prescindir de qualquer consideração de ordem histórica, social e cultural, isto é, fatos históricos, sociais e culturais estão inscritos na linguagem, mas

excluídos do objeto-*langue*. Surge, assim, o princípio da autonomia do fenômeno lingüístico, ou seja, o isolamento do seu objeto da realidade social, de seus usuários e de seus usos.

Entretanto, a questão da relação entre língua, cultura e sociedade foi debatida e explorada por estudiosos de outros campos das ciências humanas e sociais. A partir do final dos anos 60 do século XX, paralelos ao avanço dos estudos gerativistas, estudos e pesquisas com a temática voltada para os aspectos sociais e culturais da linguagem, oriundos da Antropologia, da Sociologia e da Lingüística, começam a ter um maior impulso nos Estados Unidos. É nesse período que se solidificam o nome de pesquisadores como William Labov, John Gumperz, Dell Hymes, Joshua Fishman, William Bright, entre outros.

Em maio de 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), por iniciativa de Bright, o termo sociolingüística é estabelecido para nomear esse campo de estudos. Os trabalhos apresentados nesse congresso foram publicados em 1966, na obra de referência da área, com o título *Sociolinguistics*.

Nesse período a Sociolingüística define o seu objeto de estudo, a diversidade lingüística, tendo como tarefa descrever a covariação sistemática entre estrutura lingüística e a estrutura social. A partir do momento em que se conjuga a análise do fenômeno lingüístico com a consideração da realidade sócio-cultural, segundo Alkmim (2003), essa área privilegia o trato com dados empíricos, ou seja, a coleta de dados lingüísticos no contato direto com a realidade que se pretende estudar.

Para trabalhar com os dados da diversidade lingüística, deve-se levar em conta que a diversidade lingüística está articulada com a diversidade sócio-cultural da comunidade sob análise e, assim, segundo Alkmim (2003), a Sociolingüística afirma sua vocação interdisciplinar e advoga o compromisso entre o campo dos estudos lingüísticos e o campo dos estudos sociais. Dessa forma, a Sociolingüística tem de assumir uma teoria da linguagem que sustente sua concepção de linguagem, apoiando-se em uma teoria que tenha como pressuposto básico a natureza

heterogênea do fenômeno lingüístico. Nos dizeres de Alkmim (2003), essa teoria ainda está por se fazer: a autora afirma que tendo surgido da preocupação com questões empíricas, a Sociolingüística não tem sido capaz de contribuir decisivamente para a formulação de uma teoria que responda às suas necessidades. Essa área tem acumulado um conjunto de “estudos de casos” e, não obstante, apontado questões pertinentes.

A partir desse acúmulo de estudos de casos e de questões associadas é que estaremos apontando, no próximo item, o caminho que escolhemos percorrer para a realização deste trabalho.

3.2 Etnografia da Comunicação: a opção teórica

Tendo como precedentes Boas, Sapir e Malinowski, a Etnografia da Comunicação, proposta por Dell Hymes na década de 60 do século XX, foi a primeira formulação teórica que estabeleceu o princípio de que uma interação comunicativa entre indivíduos está ligada e determinada por constituintes lingüísticos e por circunstâncias sociais, culturais e psicológicas.

Como assinala Bachmann et al. (1981, p. 60), Hymes “sera le premier à souligner la nécessité, parallèlement à l’analyse des systèmes cognitifs, d’une étude systématique des rapports entre la langue et la vie socio-culturelle”. Hymes, naquele momento, apontava a necessidade de uma teoria que pudesse dar respostas a uma série de preocupações que não tinham ainda suporte científico.

Com o surgimento do interesse sociolingüístico, passaram a existir, contemporaneamente, três das disciplinas: a Etnografia da Comunicação, a Sociolingüística Variacionista e a Sociologia da Linguagem que, apesar de pertencerem ao âmbito geral da investigação sociolingüística e terem o estudo da língua em relação com a cultura e a sociedade, como interesse comum, diferem quanto ao enfoque de análise. A primeira, inaugurada por Hymes e Gumperz, adota uma perspectiva antropológica; a segunda, representada por Labov, adota uma perspectiva

sociológica; e a terceira, representada por Fishman, situa-se na perspectiva da sociologia da linguagem. Mais tarde, na década de 80 do século XX, vemos surgir, uma quarta disciplina de interesse sociolingüístico: a Sociolingüística Interacional, que, desenvolvida por Gumperz, parte da Etnografia da Comunicação, mas adota a perspectiva das relações interpessoais. Dessas disciplinas, interessa-nos mais de perto, neste trabalho, a Etnografia da Comunicação, sobre a qual trataremos a seguir.

Em 1962, Hymes publica o artigo “**The Ethnography of Speaking**”. Nesse texto, o autor apresenta o que seria a primeira versão de um novo domínio de investigação dedicado ao estudo da fala concebida como fenômeno sociocultural. Dessa forma, inaugura-se, naquele momento, em nível teórico, a *etnografia da fala* (*ethnography of speaking*). Em 1964, Hymes publica, junto com Gumperz, um suplemento da revista **American Anthropologist** intitulado “**The Ethnography of Communication**” (Gumperz e Hymes, 1964). Esta obra apresenta, de maneira oficial e real, o nascimento da Etnografia da Comunicação (Ethnography of Communication).

Desde o momento de seu surgimento, a Etnografia da Comunicação supôs, para a antropologia lingüística e outras disciplinas encarregadas do estudo da linguagem, uma troca de enfoque importante. A língua, entendida como objeto social, passa a ser estudada, também, no contexto de uso.

A Etnografia da Comunicação apresenta uma dimensão de análise geral e outra particular (Saville-Troike, 1982, p. 2). Se, por um lado, pretende descrever e entender o comportamento comunicativo em situações culturais específicas, por outro, pretende formular conceitos e teorias que dêem suporte a uma metateoria global da comunicação humana.

As propostas de Hymes iniciam um método de trabalho de caráter pluridisciplinar. Com esse método que leva em consideração os modelos formais de lingüística e dos elementos comunicativos de natureza

estrutural, combinados com elementos de caráter funcional, o autor pretendia interpretar o comportamento comunicativo em contextos culturais. Para investigar esse comportamento comunicativo, Hymes propôs uma série de conceitos que denominou *unidades sociais, tais como: competência comunicativa (communicative competence), repertório comunicativo e comunidade de fala (speech community)*, de um lado; e de outro, *situação comunicativa (speech situation), evento comunicativo (speech event) e ato de fala (speech act)*. Consideramos essas unidades como ferramentas teóricas úteis para o nosso trabalho e delas falaremos a seguir.

3.2.1 Competência Comunicativa, Repertório Comunicativo e Comunidade de Fala

Com relação ao conceito de *competência comunicativa*¹, para

¹ Em 1973, surge o texto “*Em direção à competência da comunicação*”, capítulo oito do ensaio “*Toward Linguistic competence*”, publicado, em 1974, em inglês (trabalho reunido por Bauman e Sherzer), com o título “*Exploration in the Ethnography of Speaking*”. Para a edição em francês, *Vers la Compétence de Communication*, Hymes acrescentou uma apresentação para situar e narrar o desenvolvimento dos seus estudos sobre essa temática. Depois de 1973, incluiu, também, um posfácio (1982) que não somente comenta as idéias do texto de 1973, não apenas interroga as eventualidades da noção de competência da comunicação (depois do seu surgimento) e críticas às posições chomskianas, mas também renova uma história conceptual e terminológica que tem início com a reação ao texto, de Chomsky, *Aspects* (1965). Assim, Hymes (1974) aponta para o fato de que a aquisição de códigos lingüísticos é reconhecida como parte da competência comunicativa (p.42) e que a teoria lingüística trata de competência em termos da aquisição que a criança faz da habilidade de produzir, compreender e discriminar qualquer sentença gramatical de sua língua (...) Na matriz social em que ela adquire um sistema gramatical, a criança adquire também o sistema de seu uso, considerando pessoas, lugares, propósitos e outros modos de comunicação. (...) Nesta aquisição reside a competência sociolingüística da criança, ou (competência comunicativa), sua habilidade de participar na sua sociedade não só como membro falante, mas também como membro da comunidade. (p75). Hymes critica Noam Chomsky (1965) por reduzir ‘competência’ a conhecimento de gramática (p.121) – postura que, como dito anteriormente, foi aprofundada em (1973/1982) *Vers La Compétence Linguistique* –; na p. 139, cita Burke, quando aponta que a organização e seleção de elementos lingüísticos na performance verbal (ação) são sustentadas por tipos de competência simbólica que transcendem a competência lingüística. É necessária uma extensão da noção de tipos de competência latentes na performance lingüística se a convergência entre etnografia e gramática transformacional pretender ser frutífera. Na p.154. ele comenta que afirmações de que a análise gramatical está preocupada como algo que pode ser chamado de competência estão muitas vezes relacionadas com julgamentos de inferioridade do falante e mais adiante, na p.204, Hymes diz que se competência significar qualquer coisa útil (na verdade não precisamos de um sinônimo para gramática), ela deve referir às habilidades das pessoas. Um fato saliente a respeito de uma comunidade de fala é a distribuição desigual de habilidades e oportunidades para o seu uso. Cabe ressaltar aqui que ao consultar Chomsky (1980, *Rules and Representations*, New York: Columbia University Press e 1986, *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use/ O conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso*, trad. De Maria Raquel D. Martins), encontramos o seu posicionamento dizendo que “Pode-se argumentar que os sistemas que estamos a considerar constituem apenas um elemento da faculdade da linguagem, entendida de um modo mais vasto de forma a incluir outras capacidades envolvidas no uso e na compreensão da

conhecer uma língua, segundo Hymes (1967), não é suficiente apreendê-la somente do ponto de vista gramatical; é necessário, também, saber o que é social e culturalmente aceitável entre os seus falantes. O conhecimento, que combina o saber gramatical com saber social, constitui a *competência comunicativa* dos indivíduos. Os indivíduos, usuários de uma ou de diversas línguas, têm acumulada na sua competência comunicativa uma gama de variedades (sociais, profissionais, geográficas, estilísticas, etc.) que lhes permitem comunicar-se em diversas situações. Esse conjunto de variedades constitui o *repertório comunicativo* de um falante. O saber acumulado que faz parte do repertório comunicativo é de natureza individual, ou seja, cada falante desenvolve o seu próprio conhecimento de maneira particular conforme sua experiência. Mas o saber que se acumula no repertório comunicativo é compartilhado, é comum ao grupo social no qual o indivíduo está inserido, ou seja, é comum à *comunidade de fala*. Mas o que é uma comunidade de fala? Nas palavras de Hymes,

Tentatively, a speech community is defined as a community sharing
both rules for the conduct and interpretation of acts of speech, and

língua, como por exemplo aquilo a que por vezes se chama “competência comunicativa”, ou partes do sistema conceptual humano que estão especificamente relacionados com linguagem (...) Deixarei de lado aqui tais questões e continuarei a usar o termo ‘faculdade da linguagem’ no sentido mais restrito da discussão anterior.” Saville-Troike (em *The Ethnography of communication: an introduction*, 1982) informa que o conceito de Competência comunicativa se estende a conhecimentos e expectativas de quem pode ou não falar em certos estabelecimentos, quando falar e quando manter em silêncio, quem pode falar para, como alguém pode falar para pessoas de diferentes *status* e papéis, que apropriados comportamentos não-verbais são em vários contextos, que as rotinas das tomadas de turnos são em vários contextos, como perguntar e dar informações, como pedir, como oferecer ou recusar assistência ou cooperação, como dar comandos, como obrigar disciplina, e o gosto – qualquer coisa envolvendo o uso da língua e outras dimensões comunicativas em estabelecimentos particulares. Saville-Troike afirma que é claro que “diferentes intercâmbios culturais podem e fazem produzir conflitos ou inibir comunicação”, em seguida ela dá o seguinte exemplo: certos grupos indígenas americanos estão acostumados a esperar muitos minutos em silêncio antes de responder uma questão ou tomar um turno na conversação, e encontra embaraços em silêncio. De modo oposto, Abrahams (1973) tem apontado que entre as conversações com negros pode envolver muitas pessoas falando ao mesmo tempo, uma prática que poderia violar as regras de interação na classe média branca. E como foi mencionado antes, mesmo tais matérias como nível de voz em diferentes intercâmbios culturais, e intenção de falantes pode ser mal interpretada por causa de diferentes expectativas normas de interpretação.

rules for the interpretation of at least one common linguistic code. The sharing of code rules is not sufficient: there are persons whose English I can interpret, but whose message escapes me. (Hymes, 1967, p. 18).

O conceito de comunidade de fala, postulado por Hymes, é uma unidade importante de análise etnográfica. Com esse critério de agrupamento, de base sociocultural, podemos identificar as comunidades de fala e não as comunidades lingüísticas; e analisar os grupos socioculturais e não as pessoas que falam uma mesma língua. Conforme o autor,

Speech community is a necessary, primary concept in that, if taken seriously, it postulates the unit of description as a social, rather than linguistic, entity. One starts with a social group and considers the entire organization of linguistic means within it, rather than start with some one partial, named organization of linguistic means called a "language". This is vital because the notions of "a language" can carry with a confusion of several notions and attributes that in fact have to be sorted out. (...) The first confusion is between the notions of a speech community and a language. Bloomfield (1939), Chomsky (1965) and others have in effect reduced the notion of speech community to that of a language, by equating the two (Hymes, 1977, p. 47).

Nessa perspectiva, os sujeitos são estudados no contexto social e são vistos como seres competentes dentro das suas comunidades de fala. Essa perspectiva permite conceber e descrever uma comunidade como um todo organizado por normas compartilhadas (incluindo as normas que regulam o uso de um ou de diversos códigos comunicativos), por uma mesma concepção social e cultural do mundo, e não como um grupo de pessoas que utiliza uma mesma língua.

Saville-Troike (1982), com base nos postulados de Hymes,

considera que muitas definições para o termo “comunidade de fala” têm sido propostas, incluindo critérios como distribuição do uso da língua, frequência de interação por um grupo de pessoas, participação de regras de fala e interpretação da performance da fala, *participação de atitudes e valores considerando forma e uso da língua*, e participação da compreensão sócio-cultural e pressuposições a respeito da fala. Ela afirma que os lingüistas estão, na sua maioria, de acordo com o fato de que uma comunidade de fala não pode ser exatamente igual a um grupo de pessoas que falam a mesma língua.

Segundo essa autora, os etnógrafos da comunicação podem começar seus estudos a partir de uma entidade social definida extralingüísticamente, e investigar seu repertório comunicativo em termos de comunidade definida socialmente: a natureza e distribuição de pesquisas lingüísticas, como são organizados e estruturados, como relatam a organização social, como funcionam como um componente padronizado e integrado de uma comunidade como um todo.

Em seguida, ela afirma que parte da dificuldade que se tem em definir comunidade de fala pode ser atribuída aos diferentes objetivos que “comunidade” tem de acordo com diferentes critérios, ilustrando com:

1. *É um grupo dentro da sociedade que tem algo significativamente em comum (incluindo religião, etnia, raça, idade, surdez, orientação sexual, ou ocupação, mas não peso ou cor de olho).*

2. *É uma unidade de pessoas ligadas fisicamente tendo regras repletas de oportunidades (tribo politicamente organizada ou nação, mas não um único sexo, única idade, ou uma única unidade de classe como um monastério, um asilo ou gueto).*

3. *É uma coleção de entidades semelhantes que têm algo em comum (tais como o Mundo Oeste (Ásia), países em desenvolvimento, Mercado Comum Europeu, ou Nações Unidas).*

A autora defende que, dependendo do grau de abstração, unidades

sociais podem ser selecionadas em diferentes níveis; virtualmente qualquer comunidade numa complexa comunidade pode ser considerada parte de outra maior, ou subdividida em grupos menores. Enquanto “pode-se focalizar em uma única escola, vizinhança, fábrica ou comunidade gay, uma pesquisa etnográfica integrada pode solicitar relação entre tais subgrupos para o social e o cultural como um todo, com todos os seus papéis” (Saville-Troike, 1982, p. 18). Não há expectativa de que a comunidade seja hegemônica lingüisticamente, mas como coletividade será incluída como uma classe de variedades (e de diferentes línguas) que será normalizada em relação à saliência de dimensão social e cultural da comunicação, tais como papel e domínio.

3.2.2 Situação Comunicativa, Evento Comunicativo e Ato de Fala

As relações comunicativas entre os indivíduos podem ser estudadas, conforme Hymes (1967), em níveis de análise inferiores, tais como: *situação comunicativa*, *evento comunicativo* e *ato de fala*.

Uma *situação comunicativa* (*speech situation*), segundo o autor, é uma unidade social na qual tem lugar uma atividade de tipo interacional culturalmente definida, como, por exemplo, uma cerimônia, uma reunião, uma festa, etc., onde o emprego da fala não tem por que ser imprescindível, ou seja, é marcada pela fala ou pela ausência da fala: “Within a community one readily detects many situations associated with (or masked by the absence of) speech. Such contexts of situation will often be naturally described as ceremonies, fights, hunts, meals, love-making and the like” (Hymes, 1967, p. 19). Uma *situação comunicativa* é, pois, uma interação social de caráter amplo assentada no ponto de vista de uma comunidade.

Um *evento comunicativo* (*speech event*), por sua vez, é definido como uma unidade social que se encontra no interior de uma situação comunicativa e que compreende as interações nas quais os usos dos códigos comunicativos são regulados por regras de uso comunicativo.

Entre as regras, estão as que regulam a fala, ora para que esta se produza (entrevistas, conversas telefônicas, conferências, conversas coloquiais, etc., em que a língua oral é primordial), ora para que não se produza (exame escrito, funeral, partida de xadrez, etc., onde os códigos fundamentais são outros). Os códigos verbais têm função constitutiva, mas o verbal não é o único elemento que pode constituir o evento, pois o que encontramos no mundo real são situações em que o verbal se entrecruza com o não verbal para sustentar os eventos comunicativos. Segundo Hymes (1967, p. 19), os eventos comunicativos podem ser verbais e não verbais: “a hunt, for example, may comprise both verbal and nonverbal events, and the verbal events may be of more than one type”.

Uma *situação comunicativa* pode ser considerada como um cenário onde se desenvolvem os *eventos comunicativos*. Numa *situação comunicativa*, podemos identificar as características físicas que descrevem um espaço e um tempo, mas também os traços psicossociais e culturais inerentes que influenciam na definição e desenvolvimento do próprio *evento comunicativo*.

Quanto a *ato de fala (speech act)*, Hymes (1967, p. 20), inspirado em Austin, define, inicialmente, como a menor unidade social analisável, dotada de intenção comunicativa. Em 1972, o autor reformula o conceito, estabelecendo a diferença entre essa unidade, considerada de natureza social, e as unidades gramaticais ou sintáticas: “It [speech act] represents a level distinct from the sentence, and not identifiable with any single portion of other levels of grammar, nor with segments of any particular size defined in terms of other levels of grammar” (Hymes, 1972a, p. 56-57). O autor acrescenta que numa mesma unidade gramatical pode haver diferentes atos de fala (pode representar diferentes intenções comunicativas): “A sentence interrogative in form may be now a request, now a command, now a statement; a request may be manifested by a sentence that is now interrogative, now declarative, now imperative in form” (Hymes, 1972a, p. 57).

Os *atos de fala*, estruturalmente, incluem-se no interior dos *eventos comunicativos*. Uma promessa, uma ordem, uma petição, uma afirmação, uma negação, etc., são exemplos de atos de fala. Segundo Hymes (1967), um mesmo ato de fala pode aparecer em eventos comunicativos diferentes; vários atos de fala podem aparecer em um mesmo evento comunicativo; e um evento comunicativo pode se constituir com um único ato de fala.

Para esclarecer melhor a relação entre *situação comunicativa*, *evento comunicativo* e *ato de fala*, o autor dá o seguinte exemplo: em uma festa (*situação comunicativa*), várias pessoas conversam sobre um determinado tema (*evento comunicativo*); essa conversa, por sua vez, é sustentada por vários *atos de fala*.

3.2.3 SPEAKING: modelo de análise proposto por Hymes

Segundo Hymes (1967), o evento comunicativo é unidade social determinada por uma série de fatores (lingüísticos, sociais, culturais, psicológicos) que deve ser adotada na análise em função de uma série de conceitos agrupados nos diversos componentes que formam o modelo SPEAKING, modelo de análise proposto pelo autor.

Na primeira versão do modelo, Hymes (1967) apresenta oito componentes, que funcionam de forma inter-relacionada. O autor não apresenta uma teoria descritiva, mas um guia de caráter heurístico, um suporte de conceitos para ser memorizado. Argumenta que não há mal em organizar o esquema de acordo com princípios mnemônicos. Ele agrupa no acróstico inglês *SPEAKING* oito componentes que intervêm e descrevem um evento ou acontecimento comunicativo. Cada uma das letras que compõem o *speaking* corresponde, na primeira versão, às iniciais dos componentes que o formam: **S** espaços físicos – tempo e

lugar (*setting e scene*), **P** (*participants*) participantes (locutor, ouvinte, destinatário(s) ou não, membros presentes ou, de algum modo, participantes no desenrolar da ação); **E** (*ends*) finalidades e resultados da atividade de comunicação; **A** (*art characteristics*) atos, conteúdo e forma da mensagem; **K** (*key*) tom, canal e formas de falar; **I** (*instrumentalities*) instrumentos, canais de comunicação e códigos correspondentes; **N** (*norms of interaction and interpretation*) normas de interação e de interpretação; **G** (*genre*) gênero, o tipo de atividade da linguagem.

Na segunda versão do modelo, Hymes (1972) apresenta, com maior precisão, dezesseis componentes: (*message form*) forma da comunicação; (*message content*) conteúdo da comunicação; (*setting*) tempo; (*scene*) lugar; (*speaker, source, sender*) locutor; (*addressor*) remetente; (*hearer, destination, receiver, ou audience*) ouvinte; (*addressee*) destinatário; (*outcomes*) finalidade da comunicação; (*goals*) resultado da comunicação; (*key*) tom, chave interpretativa; (*channel*) instrumento, canal de comunicação; (*forms of speech*) formas de fala; (*norms of interaction*) normas de interação; (*norms of interpretation*) normas de interpretação; (*genre*) e gêneros, o tipo de atividade da linguagem. Segundo o autor, embora o número de componentes tenha dobrado nessa versão, podem ser agrupadas nos oito componentes do acróstico inglês *speaking* da primeira versão (cf. Hymes, 1972a, p.59).

Esse modelo continua sendo empregado na análise dos eventos comunicativos, mas é alvo de várias críticas, pois não se reconhece na Etnografia da Comunicação um modelo descritivo que esteja pronto e definitivo e que esteja consagrado pelos investigadores, o que provoca diversidade de procedimentos. Considerando o modelo exclusivamente etnográfico que pretende servir como suporte de descrição dos eventos comunicativos, Stubbs (1987, p. 59) critica Hymes, afirmando que este se dedicou somente ao estudo dos padrões comunicativos das diversas culturas em nível geral sem utilizar os conceitos para estudar as interações concretas observadas e registradas em contextos sociais específicos.

Não podemos deixar de observar, entretanto, que o modelo heurístico proposto por Hymes tem um caráter aberto. Isso implica que o modelo é um guia útil para o investigador na análise de eventos comunicativos, mas pode haver necessidade de incorporação de outros conceitos formulados em outras disciplinas, pois o autor não perseguia um modelo completo, definitivo e acabado. Devemos entendê-lo, assim, como uma ferramenta útil (ou não) e não como uma teoria universal.

A Etnografia da Comunicação não chegou a oferecer formulações teóricas gerais sobre o processo comunicativo, mas, conforme Bachmann *et al.*, (1981, p. 200), apresentou dados interessantes relacionados aos padrões da fala de diferentes comunidades nas sociedades. Esses dados demonstram que cada sociedade estabelece padrões comunicativos distintos; que cada sociedade interpreta de maneira diferente o funcionamento de uma língua, ou seja, os fatores que relacionam a língua com a cultura e a sociedade.

Consideramos que tanto os princípios metodológicos quanto os conceituais da Etnografia da Comunicação têm grande utilidade descritiva e analítica para o estudo do mecanismo geral da interação e das interações produzidas em contextos específicos. Os conceitos propostos, por Hymes, denominados de *unidades sociais*, tais como: *competência comunicativa, repertório comunicativo, comunidade de fala, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala*, constituem ferramentas importantes para pensarmos o campo de análise das interações no contexto do CCA e da prática clínica com a linguagem que nele se desenvolve.

3.2.4 Regras e valores

A competência comunicativa é vista como o conhecimento que envolve códigos de linguagem em torno de “o que falar”, “quando (e para quem) falar” e “como falar”, ou seja, o conceito envolve tudo o que se refere ao uso da linguagem e outras dimensões comunicativas em

cenários sociais particulares. Sendo assim, a competência comunicativa oferece o ponto de interação entre a linguagem e a vida social e, portanto, está diretamente relacionada com a idéia de competência cultural, ou tudo que envolve o conjunto total de conhecimentos e habilidades que os falantes trazem para uma situação.

Nesse sentido, uma *comunidade de fala* é, portanto, definida pela *competência comunicativa* esperada de seus membros, ou seja, pelo compartilhamento de *regras* para conduzir e interpretar a fala. Entende-se por regras os caminhos pelos quais os falantes associam modos particulares de fala, tópicos ou formas de mensagens com cenários e atividades particulares. As atividades, ou aspectos de atividades, diretamente governados por “regras” para o uso da fala definem *eventos de fala* que pode envolver um ou muitos *atos de fala*.

Com relação aos valores que surgem no decorrer das interações, lembramos aqui o trabalho de Schlieben-Lange (1993), que salienta que, a partir de uma proposta para o desvendamento de “língua encoberta”, em 1972 elaborou uma enquete na cidade de Bagnola-sur-Cèze, no sul da França. Sua pesquisa teve como objetivo verificar se o ocitano ainda era falado nessa pequena cidade; as formas em que essa língua continua a existir; e a consciência dos membros dessa comunidade de fala a respeito da situação lingüística.

Schlieben-Lange (1993) apresenta brevemente o problema específico da comunidade de fala ocitana. Esclarece que existe da parte dos falantes um “saber sobre a língua”, quando esses falantes explicitam seu saber que se baseia na sua prática e nas suas experiências, ao mesmo tempo que é fundador delas; e um “discurso público sobre a língua”, quando repetem o discurso do outro. Dessa forma, se um membro de uma comunidade de fala se manifesta por qualquer razão sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas lingüísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, observa-se, então, nas suas enunciações a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados: de um lado, esse falante explicita seu saber, que se baseia na sua prática e nas suas experiências,

ao mesmo tempo em que é fundador deles; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou inclusive de outros com ele concorrentes), discurso, aliás, que tem uma existência autônoma.

Dessa forma, cabe ressaltar que os argumentos do discurso público (ou dos vários discursos públicos que ocorrem entre si) têm a forma elementar de estereótipos e assim são facilmente disponíveis e incorporáveis. Segundo a autora, o discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre ‘bonito’, ‘feio’, ‘bom’, ‘ruim’, ‘eficiente’ etc, mas também contém elementos do saber sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço (por exemplo, ‘cada vila tem um dialeto diferente’), sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma lingüística) é adequada.

Nesse sentido, os julgamentos que se lançam sobre pessoas a partir de traços lingüísticos, os preconceitos que se adquire quanto ao modo de comportamento adequado nas diversas situações sociais, a negação de valores de determinado grupo, são exemplos de estereótipo. E isso é o que nos move neste trabalho a questionar quais os efeitos e/ou os impactos que a afasia pode causar sobre leigos e cientistas (principalmente a partir das “avaliações” que excluem os estudos lingüísticos); e, também, questionar sobre os preconceitos, tanto de ordem científico quanto social, com relação à afasia.

Uma das questões importantes que ressaltamos e retomamos em relação à Etnografia da Comunicação está relacionada ao fato de Hymes defender que os eventos comunicativos se constituem pelo verbal e pelo não verbal.

Considerando que essa questão é importante para o nosso trabalho, trataremos, no próximo item, da comunicação não verbal na interação social. Mas antes, entretanto, ressaltamos, aqui, que o interesse para explicar o processo de comunicação humana não é exclusivo das disciplinas sociolingüísticas. Outras áreas de investigação apresentam enfoques teóricos particulares de análise que as singularizam, tais como:

Neurolingüística, Análise do Discurso, entre outras. Em alguns momentos, seus postulados vão servir de apoio conceitual para o desenvolvimento deste trabalho.

3.3 A comunicação não-verbal na interação social: o gesto e o corpo

Segundo Argyle (1972), há diferentes grupos de investigadores interessados nos estudos da comunicação não-verbal. Entre eles destacamos: um grupo que defende que a comunicação não-verbal é um tipo de linguagem e que busca descobrir seus elementos e a estrutura da comunicação não-verbal, olhando para leis empíricas e relações de causa-efeito; e um outro que tem se preocupado com regras (ou seja, convenções culturais implícitas) que governam o comportamento verbal e não-verbal em diferentes situações.

Argyle (1972) mostra que os sinais não-verbais usados pelo homem exercem diferentes papéis na interação social nas diferentes sociedades. Na maior parte das culturas o contato corporal ocorre dentro da família, entre o marido e a mulher e entre os pais e as crianças.

Em se tratando da aparência, o autor observa que muitos aspectos da aparência pessoal estão sob controle voluntário – roupa, cabelo, pele. Muito tempo, dinheiro e esforço estão relacionados ao controle da aparência, e isso pode ser observado como um tipo especial de comunicação não-verbal. O principal propósito de manipular a aparência parece ser a preservação do “self”, ou seja, enviar mensagem a respeito de si próprio. Dessa forma, as pessoas enviam mensagens sobre seu *status* social, sua ocupação, ou sobre a que grupo social pertencem ao vestir determinada roupa – Por exemplo: gerente de banco não se veste igual a um hippie. A aparência também transmite informações sobre personalidade e humor.

No que tange à postura, aos sinais com a cabeça e à expressão facial e ao olhar, os estudos mostram que há posturas apropriadas para

determinados ambientes: igreja, festas etc.; que a postura pode ser sinal de *status* e varia com o estado emocional, especialmente em companhia da dimensão tenso-relaxado; que há uma conexão importante entre os sinais com a cabeça e a fala; e que, geralmente, esses sinais são usados para reforçar a interação; que a expressão facial também está relacionada com a fala: o ouvinte fornece um comentário contínuo de suas reações do que está sendo dito por pequenos movimentos das sobrancelhas e dos lábios, indicando expressão enigmática, surpresa, discordância, agradecimento, etc; que as pessoas olham enquanto falam e enquanto ouvem; que jogos de olhar têm um importante papel nas atitudes e estabelecimento de relações interpessoais; que as pessoas olham mais enquanto o outro está distante, demonstrando que olhar e proximidade podem ser substituídos um pelo outro como sinal de intimidade; que o olhar pode ser acompanhado de diferentes expressões faciais e pode sinalizar agressão, repreensão, aprovação, atração sexual, etc; que olhar está relacionado com a comunicação verbal.

Em relação aos gestos, os diversos estudos apontados por Argyle (1972) indicam que as mãos são capazes de comunicar e que são mais expressivas que movimentos da cabeça, dos pés ou de outras partes do corpo; que os gestos são também próximos da fala e são usados para ilustrar o que o falante está dizendo, principalmente quando o seu poder verbal falha; que movimento de mãos e cabeça podem ser utilizados para indicar a estrutura interna das elocuições e para indicar sincronismo nas elocuições; que os gestos de funcionamento dêitico, como o apontar com o dedo para indicar objetos, pessoas ou lugares que estão e também que não estão imediatamente presentes; que os gestos, também, podem substituir a fala.

Em relação aos aspectos verbais não-segmentais da fala, os sinais prosódicos, como tons-padrão, acentos e pausa, produzem efeitos no sentido da sentença, por isso são tomados como partes da elocução verbal. Esses sinais também chamados de paralingüísticos são semelhantes a outras expressões de atitude e emoção.

Ainda segundo o autor, os elementos não-verbais que incluem expressões e gestos com o corpo (rosto, mãos, olhos, pés) têm funções variadas, são usados para governar a situação social imediata, para servir de suporte na comunicação verbal e para substituir a comunicação verbal.

Com relação às atitudes interpessoais que são atitudes voltadas para o outro, podemos afirmar que há dimensões como inferior ou superior, gostar/não gostar. Segundo Argyle (1972), a atitude de superioridade pode ser conduzida por (a) postura – corpo ereto, cabeça erguida; (b) expressão facial – sem sorriso, “arrogante”; (c) tom de voz – forte, ressoante, “dominante”; (d) aparência - roupa indicando status elevado; (e) olhar –fitando o outro para baixo.

O estado emocional pode ser distinguido das atitudes interpessoais, uma vez que as emoções não são direcionadas para outros presentes, mas são estados de um indivíduo. As emoções comuns são: raiva, depressão, ansiedade, alegria, etc. O estado de ansiedade pode ser mostrado por (a) tom de voz; (b) expressão facial; (c) postura tensa e rígida; (d) gestos; (e) cheiro da transpiração; (f) contemplação – aversão à contemplação. As pessoas podem tentar omitir seu verdadeiro estado emocional, ou direcionar os seus interlocutores a um outro estado emocional, mas é difícil controlar todos esses casos. O estado emocional pode ser conduzido pela fala (“Eu me sinto muito feliz”) – mas provavelmente essas proposições não serão confiáveis sem o suporte dos sinais não-verbais apropriados, e os sinais não-verbais podem conduzir interações sem o verbal.

Assim, a fala tem um papel central em quase todo o comportamento social, mas é relevante considerar a importância do papel do não-verbal nos eventos comunicativos, pois não podemos compreender as relações sociais dos sujeitos se não considerarmos que as mesmas se instauram pela produção de signos verbais e não verbais; que, ao produzirem signos verbais e não verbais e sentidos nas relações com os outros, os sujeitos são profundamente afetados pelo que produzem,

assim como pelos próprios modos de produção. Isso significa que, nas situações e eventos de comunicação, o corpo é significado e significa na relação com o(s) outro(s).

Ainda sobre o corpo, o verbal e não verbal, o que falar do silêncio nos eventos comunicativos? Tentaremos pensar sobre a questão no tópico 3.4, a seguir.

3.4 Silêncio e seus significados: uma questão de linguagem, cultura e sociedade.

Pensar sobre o silêncio é pensar que na história da humanidade, o silêncio tem diferentes funções, usos e estratégias. Podemos mesmo pensar que momentos de silêncio alternam-se com o ato de falar, tecendo uma intrincada rede de significações, desde o surgimento dos primeiros homens e sua conseqüente necessidade de formação social. O silêncio tem sido, pois, objeto de estudo de vários pesquisadores.

O caso Quaker, como exemplo, é considerado, por Bauman (1974), como interesse da etnografia da fala por duas razões: a **primeira** diz respeito à necessidade de estudo etnográfico do uso da linguagem concebendo o silêncio em condição de igualdade com a fala; a **segunda** refere-se ao fato de existirem sociedades em que a fala pode verdadeiramente ser dita como constitutiva de um foco cultural, mas negativamente avaliado. Os Quakers, entre os quais a fala é altamente avaliada e o silêncio impressiona positivamente, são colocados aqui em contraste com outros grupos que chamaram a atenção dos etnógrafos da fala.

A atitude que os Quakers, no século XVII, tinham em relação à fala e ao silêncio está ligada a um temor religioso. Uma vez que o homem comum, para os Quakers, não tem discernimento das coisas de Deus, para suprimir as questões carnis, era necessário se manter em

silêncio. O silêncio assumia, assim, um lugar simbólico significante. A fala era a faculdade do homem, e não tinha valor para a comunhão com Deus, o que só poderia ser atingida através do silêncio.

Para atingir o estado espiritual desejado, não bastavam as palavras, nem o silêncio, o **ministro Quaker**, dessa forma, tinha como papel usar as palavras para ajudar os demais do grupo a atingir o estado espiritual a partir e por meio, também, do silêncio.

Burke (1995) afirma que o sistema de silêncio no início da Europa moderna era sustentado por dois princípios: (i) o religioso e (ii) o princípio de respeito. O primeiro princípio estaria voltado para o silêncio como um dos elementos mais sagrados em todas as religiões, uma vez que podemos distinguir uma variedade de silêncio religioso, tais como: pessoal e comunal, pagão e cristão, “silêncio eleito” dos monges, silêncio na igreja e oração silenciosa ou “mental”. Para Burke (1995), o silêncio religioso é um misto de respeito por uma divindade, uma técnica para abrir o ouvido interior, como no caso Quaker, e um sentido de inadequação de palavras para descrever as realidades espirituais.

O segundo princípio estaria baseado na relação de poder. Segundo Burke (1995), no início da Europa moderna, as mulheres, as crianças e os jovens deviam se manter em silêncio. As mulheres falavam com as mulheres ou respondiam para seus maridos, e as crianças falavam com as crianças, ou respondiam para os adultos. Nas refeições formais, talvez como sinal de respeito pelo anfitrião, o príncipe mantinha-se em silêncio na frente dos cortesões. Homens e adultos mantinham-se especialmente quietos na presença de estranhos, em especial quando questionados acerca dos negócios de sua comunidade. A prudência, assim como a lealdade, impunha o silêncio

Burke (1995) defende que o significado do silêncio varia, assim como o de outras formas de comunicação, de acordo com a ocasião em que o silêncio ocorre, de acordo com a pessoa que está em silêncio e também de acordo com o público. O momento e o lugar também são importantes: o “silêncio localista” dos templos, bibliotecas e hospitais, é

um exemplo.

Os estudos de Bauman (1971) e de Burke (1995) indicam tanto que nas sociedades as pessoas inseridas nas diversas comunidades não falam o tempo todo, quanto que o silêncio tem diversos sentidos nas sociedades.

Orlandi (1995), ao apresentar os sentidos do silêncio, afirma que o importante é compreender as seguintes características: 1. há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido, e as próprias palavras transpiram silêncio, alertando que há silêncio nas palavras, uma vez que são atravessadas de silêncio, produzem silêncio e silenciam; 2. o estudo do silenciamento, que não é o silêncio, mas “pôr em silêncio”.

Segundo a autora, a primeira característica “livra o silêncio do sentido ‘passivo’ e ‘negativo’ que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura” (Orlandi, 1995, p.12); e a segunda característica “liga o não-dizer à história e à ideologia” (Orlandi, 1995, p.12).

A autora afirma que esse processo de produção do sentido silenciado é distinto do que se tem estudado sob a rubrica do implícito. Isso porque a significação implícita “aparece como sobreposta a uma outra significação”. Ela defende que o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio. Dessa forma, o silêncio, relegado a uma posição secundária, como “resto” da linguagem, é um fator essencial como condição do significar.

Quando nos aprofundamos no modo de significar do silêncio, segundo Orlandi (1995), nem um sujeito é tão visível, nem um sentido é tão certo. Há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Esta dimensão, segundo a autora, leva-nos a apreciar a errância dos sentidos, o desejo da unidade ou do sentido fixo, “o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo do seu funcionamento” (Orlandi, 1995, p.12).

A autora não pensa o silêncio simplesmente como o ato de não falar, por impedimento ou não e, muito menos, como o que está implícito, que aparece nas entrelinhas, mas sob outro olhar, o discursivo, aquele que compreende, no silêncio, o discurso não pronunciado. Defende que a idéia da falta, da falha, da incompletude do sentido e do sujeito é condição para a pluralidade do sentido e do próprio sujeito e que quanto mais silêncio se instala, mais possibilidade de sentidos se apresenta.

3.5 Pausas e hesitações: fenômenos estruturadores, organizadores e de processamento do fluxo discursivo nos eventos comunicativos

As pausas e as hesitações são fenômenos que ganharam relevância nos estudos da Linguística Moderna. Nos itens abaixo, veremos estudos relevantes que abordam o funcionamento da pausa e das hesitações durante a atividade verbal.

3.5.1 As pausas

A pausa, dentre uma série de estratégias conversacionais, é um elemento que ocorre com muita freqüência e que, segundo Brito (1994), constitui um tipo de marcador conversacional fundamental na organização do diálogo.

As pausas podem ser classificadas como não preenchidas com material sonoro e preenchidas com material sonoro, vogal nasal ou oral alongada ou por ressonância nasal e prolongamento da palavra anterior. Segundo Abercrombie (1967), as pausas, quer sejam hesitações, quer sejam paradas deliberadas para a tomada da respiração, são

idiossincráticas e variam de falante para falante. Cagliari (1992) destaca a função aerodinâmica da pausa, na medida em que sua presença na fala pode coincidir com a respiração. Para ele, a pausa teria a função de segmentação da fala, podendo, assim, ocorrer depois de frases, sintagmas, palavras e até sílabas, quando se silaba uma palavra.

Cruttenden (1986) afirma que a explicação dada pelo senso comum para as pausas não preenchidas como as que permitem ao falante respirar durante a fala é ingênua, uma vez que, além de sermos, algumas vezes, forçados a fazer pausas para respirar, fazemos pausa por outras razões e não perdemos a oportunidade de respirar. Essa autora salienta que nem sempre as fronteiras de grupos entonacionais são marcadas por pausa e que as pausas nem sempre marcam tais fronteiras, pois podem ser tomadas como fenômenos de hesitação. Para ela, há três lugares em que a pausa pode ocorrer no enunciado: (a) em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeitos e predicados; (b) antes de palavras de conteúdo lexical forte dentro de sintagma nominal, de sintagma verbal, de sintagma adverbial e (c) depois da primeira palavra de um grupo entonacional. Para ela as pausas classificadas em (a) geralmente indicam uma fronteira de grupo entonacional e as classificadas em (b) e (c) são tomadas como fenômenos de hesitação, ocorrendo como mecanismo de operação que o falante dispõe para encontrar uma palavra ou para planejar e reorganizar uma sentença.

Segundo Butterworth (1980), as pausas podem servir não apenas para criar um tempo disponível para o processo cognitivo do falante, mas também para ajudar o ouvinte na sua tarefa de compreender o falante.

Na perspectiva discursiva, Silva (2002) defende que as pausas são formas materiais da língua que funcionam como sítios de significância por meio dos quais os sujeitos repetem, deslocam-se e rompem limites, pela possibilidade mesma de o sentido poder ser outro. Nessa perspectiva, segundo essa autora, pensar em pausas é pensar em marcas de silêncio como acontecimento fundamental de significação; é pensar a pausa como um dos lugares em que há manifestação da contradição e de

identificação e/ou contra-identificação dos sujeitos.

Ao propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, interessada nas pausas que ocorrem nesse tipo de patologia, Oliveira (2003) busca, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais destes sujeitos.

Essa pesquisadora ressalta que a mudança metodológica realizada em seu estudo possibilitou observar a linguagem em seu funcionamento, bem como compreender um pouco mais sobre o papel das pausas no processo de construção e reconstrução da linguagem desses sujeitos.

Durante a análise e discussão dos dados, Oliveira (2003) levanta a hipótese de que a mudança nas características das pausas não só podia estar relacionada ao aumento de dificuldades motoras e cognitivas que os sujeitos da pesquisa vivenciaram com o decorrer do tempo, como também podia indicar que essa progressão da doença de Parkinson vinha se dando de modo particular a cada um de seus sujeitos.

Oliveira selecionou e recortou somente as pausas em início de turno e comparou sua ocorrência na primeira e na segunda gravação. Nesta comparação, observou: (i) a frequência de pausas e turnos conversacionais; (ii) a presença de pausa em turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; (iii) tipo de pausa em termos de duração que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; e (iv) características de preenchimento acústico de pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos.

Feita essa comparação, a pesquisadora verificou que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo para que se pudessem observar mudanças na ocorrência das pausas, e em suas características de duração e preenchimento. Quanto à ocorrência, ela observou uma tendência à diminuição; no que se refere à duração, conferiu que os sujeitos passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal; e, quanto ao seu aspecto de preenchimento, os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e

aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas.

Assim, além dos aspectos motores envolvidos na mudança das características de duração e de preenchimento das pausas, aspectos como os de ordem conversacional, cognitiva e enunciativa atuaram de modo integrado no funcionamento das pausas iniciais dos parkinsonianos. Oliveira (2003) verificou também que o aumento de pausas médias e longas que facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor se associou a uma mudança nas características de preenchimento, o que, segundo a pesquisadora, possibilitou aos sujeitos o controle e sustentação do turno, bem como mais tempo para o planejamento de sua atividade lingüística.

3.5.2 As hesitações

Marcuschi (1999) considera que a hesitação, embora típica da fala, não é irrelevante como fenômeno lingüístico. Segundo esse autor, a hesitação é parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não uma disfunção do falante. A hesitação desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano da formulação textual. Defende a tese de que a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve como indicação de organização sintagmática da língua. É interessante observar que a hesitação pode indicar atividades epilingüísticas e metalingüísticas de busca da palavra, indicando, também, o processamento paradigmático como se pode verificar nos dados apresentados neste trabalho.

A característica básica da hesitação seria, de acordo com esse autor, o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos, mas que também não são aleatórios. Dessa forma, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, uma vez que a fala,

mesmo com hesitações, pode continuar fluente. Assim, se, por um lado, fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos, por outro lado, a hesitação só é detectável na sucessão das atividades comunicativas e se caracteriza como a presença de atividades na superfície lingüística. Por conseguinte, Marcuschi (1999) aponta algumas outras características da hesitação: (a) Há uma relação entre a hesitação com o *status* informacional dos elementos lingüísticos em cujos contextos ou fronteiras ela ocorre; (b) a hesitação tem um papel pragmático considerável e não passa despercebida pelos falantes; (c) trata-se de um fenômeno de processamento, ou seja, a hesitação não é uma propriedade do falante como tal, nem da língua em si.

Algumas marcas empíricas da manifestação das hesitações são apontadas por Marcuschi (1999), quais sejam: (a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas e alongamentos vocálicos; (b) expressões hesitativas: “éh”, “ah”, “ahn”, “mm”(que são consideradas a matéria-prima das pausas preenchidas); (c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação; (d) itens lexicais – substantivos, advérbios, adjetivos, verbos; (e) fragmentos lexicais – palavras iniciadas e não concluídas. Não obstante, o autor afirma que essa classificação tem vários problemas. Por exemplo, alguns aspectos parecem casos de busca (caso do alongamento e dos fragmentos) e outros seriam estratégias (caso dos marcadores) e alguns podem ser problemas de seleção (caso dos itens formais e lexicais).

Marcuschi (1999) propõe a seguinte classificação para as hesitações: 1. pausas não preenchidas: silêncios prolongados que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe e pelo fluxo da fala; 2. pausas preenchidas: ocorrência de marcadores de hesitação do tipo “éh”, “ah”, “ahn”, “mm”; alongamentos vocálicos com características hesitativas e marcadores conversacionais acumulados; 3. gaguejamento: repetições de unidades inferiores a um item lexical e pedaços de palavras iniciadas; 4. repetições hesitativas: as repetições julgadas não

significativas semanticamente, geralmente repetição de itens formais; 5. falsos inícios: todos os inícios de unidades sintáticas oracionais, que são iniciados com algum problema e refeitos ou retomados.

Qual seria o papel ou papéis da hesitação? Ainda conforme Marcuschi (1999), o papel da hesitação é muito mais o de sugerir os sintomas de um processamento em curso do que o de propor alternativas de formulação textual-dicursiva. O autor afirma que há uma relação entre hesitação e tópico, conhecimento de mundo, capacidade de codificação e conhecimento lingüístico. Por outro lado, há fatores representados por falante-ouvinte (estrutura da participação), organização de turnos de fala (estrutura de produção) etc. Ele afirma que, levando em consideração que o texto dialogado é produzido em co-autoria e em turnos sucessivos, há sempre a necessidade de uma progressão sob o risco de perda da palavra. Nesse caso, é importante produzir sons ao invés de ficar em silêncio, ocorrendo que, em muitos casos, um ouvinte entende a posição hesitativa do falante como pedido de socorro e lhe dá um auxílio na formulação avançando o que o outro iria dizer. Esse lingüista apresenta, por fim, três papéis das hesitações: (a) papéis formais: indicação de orientação/reorientação de seleções sintagmáticas e atividade de busca/confirmação de seleções lexicais; (b) papéis cognitivos: sinalização de saturação de tópico, sinalização de atividades de compreensão, indicação de organização tópica, indicação de atividade de planejamento; (c) papéis interacionais: sinalização de manutenção de turno, sinalização de finalização de turno, sinalização de atenuação de afirmações, e, em alguns casos, o fato de a hesitação operar como (d) sinalizador de superioridade, segurança e tranquilidade.

Apesar de não comprometer a gramaticalidade dos enunciados, a hesitação, segundo Marcuschi (1999), ao contrário de outras características da fala, tais como a repetição, a paráfrase, a correção, não tem funções sistemáticas no plano da formulação textual. Entretanto, a hesitação não é vista como uma simples disfunção da fala, uma vez que tem o papel de sugerir os sintomas de um processamento em curso.

Se, como vimos nos itens 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5, *(i)* a interação comunicativa entre indivíduos está ligada e determinada por constituintes lingüísticos e por circunstâncias sociais, culturais e psicológicas; *(ii)* a cultura modera o comportamento do corpo, que também funciona como instrumento expressivo de comunicação não-verbal; *(iii)* o silêncio nos remete ao caráter de incompletude da linguagem já que em todo dizer há uma relação com o não-dizer; e *(iv)* a pausa e hesitações são fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo, a pergunta que colocamos, neste trabalho, é: *como pensar o verbal, o não verbal, o silêncio, as pausas e hesitações nas situações comunicativas, quando há comprometimento da linguagem por um problema de saúde ou fatalidade da vida, como a afasia* (que também pode vir associada a modificações em outros processos cognitivos - percepção, atenção, memória, praxia/corpo - além de apresentar sinais neurológicos – hemiparesia, hemiplegia)? Tentaremos enfrentar essa questão nos capítulos 4 e 5 deste trabalho.

4 Centro de Convivência de Afásicos (CCA): *Uma Comunidade de Fala*

Por que a gente chama Centro de Convivência? Porque é a convivência mesmo entre afásicos e não-afásicos ...e o que que nós fazemos lá? Tudo que não-afásicos fazem, então, lemos jornal, conversamos, fazemos fofoca ... contamos o que fizemos durante a semana, cozinhamos junto,s assistimos a um filme e comentamos, vamos fazer visitas pela região, conhecer a região e comentamos, ou seja, interagimos através da linguagem (Imc, para o documentário sobre Afasia, 2003)

Eu preciso falar ... oh, SE-NHOR ... Eu preciso falar Senhor, Senhor, Senhor (CF)

4.1 Considerações sobre a relevância da pesquisa

Buscando responder à pergunta se podemos caracterizar o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), a partir da prática clínica com a linguagem que aí se exerce, como uma comunidade de fala, nos basearemos em estudos da Etnografia da Comunicação, idealizada por Hymes.

No capítulo 2, vimos que Hymes (1967), idealizador da Etnografia da Comunicação, buscando investigar o comportamento comunicativo em contextos culturais, propôs uma série de conceitos que denominou unidades sociais, entre as quais destacamos, no momento, *comunidade de fala*. Essa unidade social é uma unidade importante de análise etnográfica e, juntamente com as demais unidades sociais tratadas no capítulo 2, funcionará como ferramenta teórica útil neste trabalho, como já assinalamos. Para o autor, o critério de agrupamento de uma

comunidade de fala é de base sociocultural e não de base lingüística.

Uma comunidade de fala, na perspectiva de Hymes (1967) e, mais especificamente na perspectiva da Etnografia da Comunicação, não pode ser caracterizada somente pela língua que se fala. É preciso observar se, em grupo, há um todo organizado por normas compartilhadas que regulam o uso dos diversos códigos comunicativos (verbais e não verbais), por uma mesma concepção social e cultural do mundo.

Nessa perspectiva, “normas de uso da língua não definem a comunidade a ser investigada, mas sua descrição é parte do êxito do estudo etnográfico que focaliza uma comunidade selecionada de acordo com critérios não lingüísticos” (Saville-Troike, 1982, p.18). A língua “deve ser concebida como lugar de papel significante para identificar o limite da comunidade de fala, no mínimo como a perspectiva de seus próprios membros” (Saville-Troike, 1982, p.19).

Saville-Troike (1982) argumenta que, em qualquer nível de comunidade de fala selecionado para estudo, *a função social da língua incluirá o limite de funções de separação, unificação, estratificação*. A função interacional, que estará presente, dependerá da comunidade estudada, como um complemento total das funções da linguagem, domínios presentes nas oportunidades de interação. Neste nível inclusivo, a comunidade de fala precisa não de uma única parte da língua, mas do papel que cada um assume nessa interação.

Uma tipologia informal de comunidade de fala como “*soft-shelled*”(mais aberta) versus “*hard-shelled*” (mais fechada) pode ser distinguida, segundo Saville-Troike (1982), com base na força do limite que é mantida pela língua, a comunidade “*hard-shelled*” (mais fechada) tem um forte limite relacionado à interação dos membros da comunidade com outros que dela não fazem parte, o que promove uma manutenção da língua e cultura. Saville-Troike (1982) argumenta, como mostramos no capítulo 3, que, virtualmente, qualquer comunidade pode ser considerada parte de outra maior, ou subdividida em grupos menores, e que, como coletividade, uma comunidade pode ser como uma classe de variedades

que será normalizada em relação à saliência de dimensão social e cultural da comunicação.

Nessa perspectiva, então, se um grupo tem uma cultura partilhada, se as pessoas que dele participam têm nome nativo com o qual é identificado pelos membros, se no grupo há uma rede social para contato, se no grupo há folclore ou história comum, podemos dizer que esse grupo forma uma comunidade de fala. Com base nesses postulados, podemos afirmar que o CCA é uma comunidade de fala, inserida em uma comunidade maior e subdividida em grupos menores.

Ao estudar a linguagem em sua relação com a sociedade e a cultura, o pesquisador estuda parte do objeto. Nesse sentido, o *corpus* desta pesquisa se constitui de fitas de vídeo gravadas das sessões de prática clínica com a linguagem realizadas no CCA, no período de 2002 a 2004. As fitas foram obtidas no arquivo do LABONE (Laboratório de Neurolingüística), onde o trabalho do grupo é voltado para o exercício de diferentes práticas *com* e *de* linguagem e suas diferentes configurações textuais: relatos, diálogos, comentários, leituras de algo a ser compartilhado, recontagem, explicações, *etc.*

4.1.1 Construção do corpus e transcrição

No decorrer do segundo semestre de 2002 e nos dois semestres de 2003, fizemos várias visitas ao CCA. Para a organização do corpus, consultamos, no Laboratório de Neurolingüística - LABONE/IEL, no Banco de Dados em Neurolingüística – BDN (CNPq: 521773/95-4), o arquivo das fichas de *anamnese* dos sujeitos e as fitas VHS referentes às gravações das sessões do grupo II do CCA realizadas nos anos de 2002, 2003 e 2004 e os *cadernos de anotações* das sessões referentes a esses anos.

Num primeiro momento, assistimos a 60 fitas. Num segundo momento, selecionamos as fitas que registram o início da inserção de

quatro sujeitos cérebros-lesados do grupo II na prática clínica do CCA e fitas que registram esses sujeitos cérebros-lesados já inseridos na prática clínica do CCA. Ressaltamos aqui que, em alguns momentos, presenciamos as sessões pelo espelho-espião², em outros, de dentro da sessão, o que nos possibilitou manter contato direto com os participantes.

Essa delimitação foi necessária para que pudéssemos dar conta das seguintes etapas, quais sejam: (a) descrição do funcionamento do CCA; (b) descrição e análise do processo de inserção na prática clínica do CCA; (c) descrição e funcionamento das situações comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA; (d) descrição das atitudes dos sujeitos cérebros-lesados diante das alterações que apresentam na linguagem, observando os primeiros momentos de sua (dos sujeitos cérebros-lesados) inserção na prática clínica com a linguagem do CCA e os momentos em que já estão inseridos em tal prática; (e) descrição das atitudes dos pesquisadores na prática clínica de inserção dos sujeitos cérebros-lesados em atividades languageiras no CCA.

Para a transcrição das fitas, adaptamos a tabela proposta pelo BDN de que constam quatro colunas: sigla dos integrantes das situações; transcrição; observações sobre as condições de produção do enunciado e gestos/ expressões faciais que utilizamos para apresentação e análise das situações comunicativas e dos eventos comunicativos, bem como dos repertórios comunicativos. As normas do BDN utilizadas nas transcrições podem ser consultadas nos anexos deste trabalho.

Além das fitas, recorreremos ao caderno de anotações sobre os pontos mais importantes de cada sessão do grupo II, para verificar em quais sessões os quatro sujeitos estavam presentes.

² Como pode ser verificado na figura 1, há, na sala de convívio do CCA, dois ambientes: um em que acontecem as sessões e outro em que se pode observar, reservadamente, por meio de um vidro espelhado “espelho-espião” as situações comunicativas vivenciadas pelos pesquisadores, afásicos, e, às vezes, por familiares dos afásicos.

4.1.2 Características das gravações

As sessões gravadas no CCA ocorrem uma vez por semana, com duração de duas horas. No horário estabelecido para o início das sessões, os sujeitos afásicos se reúnem na sala de convívio, onde se acomodam à mesa. Cada encontro é registrado por gravação áudio-visual em VHS.

A sala de convívio do CCA em que ocorrem as sessões apresenta estrutura física e distribuição de móveis como esboçado na figura 1.

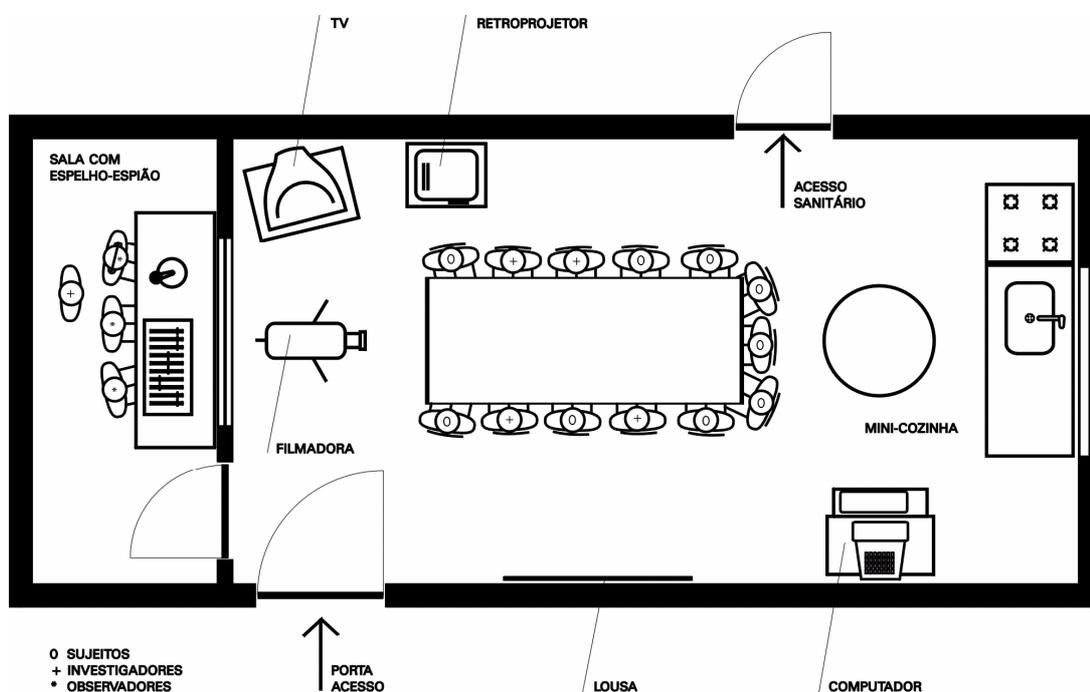


Fig. 1

Sala de convívio do CCA – um esboço

Os sujeitos não-afásicos, que fazem parte dessa comunidade, são alunos orientados pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, em vários níveis de formação: graduação (Iniciação Científica, Estudos Monográficos e Estágio) em Lingüística, Letras e Fonoaudiologia;

Mestrado e Doutorado (incluindo o Programa de Estágio Docente) em Lingüística; além de Pós-Doutorado. Também pesquisadores de outras universidades e instituições (do Brasil e estrangeiras) fazem estágio nesse grupo para multiplicarem essa experiência com outros afásicos e não afásicos em condições teórico-metodológicas semelhantes, o que implica uma aproximação (cursar disciplinas, passar por atendimento orientado) frutífera para a Neurolingüística Discursiva.

Os sujeitos afásicos, que fazem parte dessa comunidade, por sua vez, são vinculados ao Departamento de Neurologia por ser o CCA um ambulatório a ele vinculado: Ambulatório de Neuropatologia da Linguagem. O acesso ao CCA se dá por várias vias: pelos Ambulatórios de Neurolingüística, Neuropsicologia e Neurologia, localizados na FCM/UNICAMP; pela procura direta ao CCA no IEL/UNICAMP.

Integram-se, pois, nas práticas (clínicas) com a linguagem da comunidade CCA, pessoas afásicas e não afásicas. O que reúne essas pessoas nesse Centro, que caracterizamos como uma comunidade de fala, é a convivência entre afásicos e não afásicos, mediada pela linguagem verbal e não verbal e seu uso em diversas situações discursivas. É uma condição de ser afásico (corpo/sujeito modificado pela patologia) apresentar dificuldades lingüístico-discursivas desse corpo/sujeito marcado que se manifesta no corpo/sujeito, nos movimentos, na fala, na posição social. Em suma, trata-se do enfrentamento de uma condição mais incompleta que produz efeitos na relação de como estar no mundo histórico-cultural, possibilitada por uma prática clínica - desmedicalizada - com a linguagem

4.2 CCA: uma comunidade de fala

4.2.1 Prática clínica com a linguagem do CCA

A prática clínica com a linguagem do CCA, como comunidade de fala, é sustentada pelos estudos em Neurolingüística de orientação

discursiva que combate a medicalização que se pratica quando a língua(gem) é tomada como determinada, padrão para todos os falantes, o que condiciona o que é certo e o que é errado, além de estigmatizar as variedades que fogem à norma padrão. São preocupações fundantes dessa prática (clínica) com a linguagem: o não isolamento social dos afásicos, o enfrentamento da afasia e a construção de possibilidades de o afásico estar no mundo e o exercício *com* e *sobre* a linguagem, nas diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos.

Na comunidade de fala do CCA, são vivenciadas, verbal e não verbalmente, **situações discursivas ou de comunicação** articuladas teórico-metodologicamente, que ocorrem em

um ambiente de linguagem em que interlocutores (afásicos e de não afásicos) constroem e partilham de vários interesses, papéis e conhecimentos que os identificam como falantes de uma língua natural; um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos entre interlocutores afásicos e não afásicos, mediados por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade. (Coudry, 2006)

Fazem parte das atividades lingüístico-cognitivas desenvolvidas no CCA: dramatizar cenas da vida cotidiana, cozinhar, fazer festas, pintar e desenhar, dançar, cantar, assistir a filmes, ler e comentar o noticiário escrito e falado, bem como as anotações dos participantes em sua agenda.

As sessões do CCA, que denominaremos de **situações comunicativas**, ocorrem, semanalmente, com duas horas de duração. Nas **situações comunicativas**, os sujeitos afásicos, junto com os sujeitos não afásicos, participam de **eventos comunicativos** que possibilitam a vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, em contextos verbais e não verbais, na construção de sentidos. Os sujeitos afásicos são

motivados, em grupo, a exercer a linguagem em diversos **eventos comunicativos** (diálogos, narrativas, comentários) em que há alternância de interlocutores, diferentes posições enunciativas e configurações textuais.

Em geral, as **situações comunicativas** são organizadas da seguinte forma: a sessão tem início com comentários sobre os acontecimentos da cidade, do Brasil e do mundo, baseados no noticiário impresso e/ou falado, ou no registro, nas agendas, de fatos da vida pessoal (anotações que valem a pena ser compartilhadas com o grupo são postas em cena); podendo haver na sessão a teatralização e as atividades práticas (cozinhar, cantar, narrar, discutir, entre outros) que, também, funcionam como **evento comunicativo**. Em seguida, há um **evento comunicativo** denominado “hora do café”, que possibilita os participantes socializarem os lanches, descontraírem e conversarem.

Detalhamos os **eventos comunicativos** que têm sistematicamente relação com atividades lingüísticos-cognitivas: **leitura da agenda** de cada um dos participantes - contém todas as atividades ligadas aos participantes como: trabalho, passeios, idas a médicos, etc.; **leitura e discussão** de recortes de jornais e de revistas levados pelos participantes; **conversa** sobre fotos (familiares, passeio, festas ou do próprio participante). Ocorre também o inverso, ou seja, inicia-se com o evento comunicativo da leitura da agenda, leitura e discussão de recorte de jornais, conversas para depois realizar o evento da expressão teatral pela dramatização. Os **eventos comunicativos** são coordenados por um pesquisador, a quem cabe o papel de organizar os recortes trazidos pelos integrantes e auxiliar, se necessário, na introdução de temas para conversação.

Com o uso da agenda como instrumento metodológico, toma-se parte de dados e fatos sobre a vida do afásico que, no grupo, tornam-se tópicos de eventos comunicativos em que predominam diálogos e narrativas. De acordo com Coudry (1997a), são fatos que merecem ser contados, indicando a presença e a ação do sujeito na linguagem. A

agenda é preenchida, a depender da história do sujeito (escolaridade, uso pré-morbido da escrita, sinais de hemiparesia, etc.), por ele, por um membro da família ou por um investigador. Trabalha-se com a linguagem a partir das chamadas “práticas sociais da memória”: as estórias de vida/doença, os álbuns de família, etc.

Esses **eventos comunicativos** objetivam fazer com que os participantes compartilhem com todos a memória e a vida de cada um fora do CCA. Nesses eventos, os sujeitos afásicos (re)tomam e trabalham os usos da linguagem, exercitam sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas e trabalham as possibilidades de inserção em diferentes situações e eventos comunicativos, ou seja, são motivados a mobilizar diferentes movimentos de sentido: cognitivos (mnêmicos, perceptivos e atencionais), enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais, situacionais).

Outras situações comunicativas, também, são desenvolvidas no Centro, como as que objetivam a inclusão digital dos afásicos: aulas com noções básicas para a utilização de computador e navegação na rede Internet. Além disso, há oficinas de arranjo de flores, de fabricação de velas, de pintura em tela, de culinária.

São comuns, ainda, as seguintes situações comunicativas: palestras (com convidados); passeios (museu, exposição); festas comemorativas (encerramento de período letivo, aniversários, carnaval, junina, natal, etc.), em que os eventos comunicativos giram em torno do cardápio e músicas que serão tocadas visando à dança; almoços comunitários, cuja organização (cardápio, ingredientes) fica por conta de todo o grupo e é anotada nas agendas. Esses eventos proporcionam momentos em que os integrantes do grupo exercem vários papéis como sujeitos da linguagem, visam à reinserção ocupacional, à partilha de um espaço simbólico de experiências, à restituição de papéis sociais e ao fortalecimento de quadros interativos.

Na perspectiva teórico-metodológica-assistencial da prática

(clínica) com a linguagem exercida no CCA, os sujeitos afásicos tem um acompanhamento longitudinal em grupo, que possibilita que as alterações apresentadas, as tentativas de superação dessas alterações e a motivação para identificar dificuldades e eleger processos alternativos de significação possam ser viabilizadas. Além da sessão coletiva, todos os afásicos são acompanhados individualmente por um(a) *cuidador(a)*: aluno de graduação (iniciação, estudos monográficos e estágio) em Lingüística, Letras e Fonoaudiologia; aluno de mestrado e doutorado (incluindo o Programa de Estágio Docente) em Lingüística, sob orientação do pesquisador líder do grupo de pesquisa.

Assim, no CCA, o *corpo patológico* (que se diferencia do corpo social pelo que escapa à maior parte dos sujeitos) é inserido num contexto em que há regras, normas e espaço para a heterogeneidade, para as diferenças entre os sujeitos, seus modos de agir e de se colocar no mundo.

Podemos reafirmar que, no sentido de Hymes, o CCA se caracteriza como um todo organizado por normas compartilhadas que regulam as diferentes situações e eventos comunicativos (no entrecruzamento do verbal e do não verbal), que tem a mesma concepção social e cultural do mundo. Mas defendemos que não é só isso que o define como uma comunidade de fala, mas, também, a prática (clínica) com a linguagem e a construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade.

4.2.2 Participantes das situações comunicativas e eventos comunicativos do grupo II do CCA

Nas situações comunicativas do grupo II do CCA, sob responsabilidade da pesquisadora docente Dra. Maria Irma Hadler Coudry (Imc), estão presentes 10 alunos do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, além dos 12 sujeitos afásicos relacionados no quadro 1.

Como indicado no quadro 1, abaixo, no período em foco, fazem parte do grupo II 12 sujeitos afásicos que apresentam diversas faixas etárias, variados graus de escolaridade e níveis sócio-econômico-culturais. Essa amostra é constituída predominantemente por homens (n-7, 58,3%), com idade > 50 anos (n-8, 66,6%), com segundo grau completo ou nível superior (n-6, 50%), sendo que a outra metade é constituída de não alfabetizados e de sujeitos com o ensino fundamental (completo e incompleto).

As informações apresentadas no referido quadro constam do arquivo de fichas de *anamnese* do CCA vinculado ao BDN e se referem aos dados que nelas contavam no período em estudo.

QUADRO 2 - Dados dos sujeitos afásicos do grupo II

SIGLA DO SUJEITO/ SEXO	DADOS DO SUJEITO
AC Masculino	Primário completo, motorista aposentado por invalidez, casado, usava a mão direita (destra). Em agosto de 1988, teve uma queda súbita e logo voltou a si, no dia seguinte foi hospitalizado em Paulínia, e, em seguida, internado em Sumaré. O exame radiológico mostra seqüela fronto-temporal esquerda.
CF Feminino	Graduação em Terapia Ocupacional, solteira, usava a mão direita (destra). Em 1985, apresentou cefaléia intensa, sofreu súbita perda de consciência. Constatada ruptura de aneurisma, Acidente Vascular Cerebral hemorrágico (AVCh), submeteu-se a intervenção cirúrgica. A tomografia computadorizada mostrou área hipodensa (isquêmica) em território da Artéria Cerebral Média esquerda. Em 1991, foi encaminhada ao CCA. A avaliação feita no ambulatório de Neurologia da UNICAMP identificou o quadro de CF como “Afasia de Broca”, depois de ter sido diagnosticado

	<p>inicialmente como “Afasia Global”.</p> <p>Apresenta uma estereotipia [e’saw] que substitui boa parte das palavras em sua fala espontânea. A entonação foi totalmente preservada e atua como elemento estruturador de sentido; o <i>prompting</i> oral (ou pista articulatória) do interlocutor funciona como ponto de partida para a produção oral de CF. Há ainda uma apraxia buco-facial associada ao quadro.</p>
DZ Masculino	<p>5ª Série completa, operador de máquina, casado. Usava a mão esquerda (sinistra).</p> <p>Em 2000, segundo o próprio paciente, teve um “derrame”, com paresia de membros inferior e superior, apresenta atualmente pouca seqüela em membro inferior. Segundo o departamento de Neurologia, os exames RM (Ressonância Magnética) e SPECT (Single Photon Emission Computed Tomography) mostram alterações compatíveis com infarto cerebral nas regiões Têmporo-parieto-occipital esquerdas. Reclama que não consegue mais ler e escrever e que gagueja com frequência.</p> <p>Seu caso deu início ao estudo “Escrita e letramento na afasia: estudo de um sujeito canhoto”.</p>
DN Feminino	<p>Não foi alfabetizada, profissão do lar, casada. Usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 2001, segundo relato do marido, DN caiu da cama e ficou sem falar e andar, recuperando, aos poucos, os movimentos. AVCi na artéria cerebral média (ACM) esquerda, cuja seqüela mais importante é a expressividade verbal; identifica-se em DN uma falta de iniciativa verbal que não necessariamente está relacionada à afasia, dado que sua religião impede que ela se insira em várias práticas sociais.</p> <p>Gestualidade que acompanha a fala e as expressões faciais estão normal. Linguagem oral: fala apenas o nome de uma filha - “Quel” – e a palavra “não”.</p> <p>Participa do projeto: “Afasia, letramento e alfabetização”.</p>
FS Masculino	<p>Estudante de medicina veterinária, curso interrompido, solteiro. Usa a mão direita (destra)</p> <p>Em 8/05/2000, sofreu uma anóxia cerebral em decorrência</p>

	<p>de uma parada cardiorespiratória de causa desconhecida. Segundo a mãe, o paciente é cardíaco e possui uma válvula estenose aórtica colocada em 1993. Exames realizados em 2000: Ressonância revela leve grau de atrofia cerebral, cintilografia de perfusão cerebral aponta para alterações no fluxo sanguíneo cerebral (difusas e acentuadas) compatíveis com o quadro de encefalopatia pós-anóxia.</p>
GS Feminino	<p>Ensino fundamental, viúva, profissão do lar. Usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 1997, submeteu-se a implante de marcapasso, tendo por etiologia a doença de Chagas. Em 05/12/1997, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) com seqüela à direita. Laudo da Tomografia realizada em 08/12/1997: AVCi frontal e nos núcleos da base à esquerda. Comete muitas parafasias.</p>
IC Feminino	<p>Graduação em pedagogia, professora alfabetizadora aposentada, casada, usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 20/06/1997, apresentou dois episódios subsequentes de hemorragia subaracnóidea secundário a ruptura de aneurisma de artéria cerebral média esquerda e comunicante anterior, sendo que, no primeiro episódio, não apresentou seqüelas. Entretanto, após o segundo episódio, passou a apresentar seqüelas motoras e de linguagem (não falava, mas entendia).</p>
JP Masculino	<p>Aprendeu a ler e escrever em casa e só frequentou a escola durante um ano depois de casado, vigilante, usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 06/10/2000, sofreu um AVCi em região da ACM e cerebelar esquerda, envolvendo os lobos frontal, parietal e occipital, e a porção superior do lobo Esquerdo do cerebelo. Ficou 7 dias na UTI sem perder a consciência, fez, já na primeira semana, fisioterapia e fonoaudióloga durante um ano e meio.</p>
OP Masculino	<p>Não alfabetizado, carpinteiro, viúvo, usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 2001, teve um AVCi, ficou sem falar nada e apresentou hemiparesia à direita em membros superior e inferior, após fisioterapia três vezes por semana, apresenta hoje</p>

	<p>seqüela em membro superior.</p> <p>Participa do projeto: “Afasia, letramento e alfabetização”, pesquisa IC/PIBIC, realizada pela aluna Márcia Sanae Murae que o alfabetizou durante um ano e descreveu esse processo em sua pesquisa.</p>
RL Masculino	<p>2º grau completo, cursando bioquímica - curso técnico, solteiro, usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 27/02/2001, ocorreu um acidente de moto, tendo um Traumatismo Crânio-Encefálico (TCE). Informou que estava na garupa da moto, o motorista faleceu e ele ficou em coma 9 dias no Hospital das Clínicas da UNICAMP (HC).</p> <p>RL foi inserido em um grupo de estudo de voz vinculado ao Curso de Fonoaudiologia, no CEPRE/UNICAMP, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Lúcia Mourão, o que o tem ajudado muito.</p>
SL Masculino	<p>Graduação em Administração, funcionário público, fotógrafo profissional, casado. Usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 03/11/ 2001, foi acometido de um acidente vascular cerebral (AVC), temporo-parieto-occipital esquerdo, por cardiopatia, hemiparesia à direita, membros superior e inferior.</p>
SV Masculino	<p>Engenheiro Eletrônico, solteiro, usava a mão direita (destra).</p> <p>Em 1982, começou a ter convulsões, foi diagnosticada epilepsia.</p> <p>Em 2003, submeteu-se à cirurgia para retirada de lesão tumoral infiltrativa, que teve sucesso no controle das crises. No CCA, faz acompanhamento individual com foco na leitura e escrita.</p>

No quadro abaixo, apresentamos informações sobre os sujeitos não afásicos que fazem parte do grupo, o pesquisador líder e pesquisadores estudantes (com idade que varia, em 2002, entre dezenove e quarenta e três anos):

QUADRO 3 - Dados dos sujeitos não afásicos (pesquisadores) do grupo II

SIGLA DO SUJEITO/ SEXO	INFORMAÇÕES SOBRE O SUJEITO
Imc / feminino	Líder do grupo e Livre-Docente do Departamento de Lingüística do IEL/UNICAMP
Iff/ feminino	Aluna do Programa de Doutorado em Lingüística e pesquisadora do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) da UNICAMP
Ief/ feminino	Aluna do Programa de Doutorado em Lingüística do IEL/UNICAMP
Iec/ feminino	Aluna do Programa de Doutorado em Lingüística do IEL/UNICAMP
Ici/feminino	Aluna do Programa de Mestrado em Lingüística do IEL/UNICAMP
Ics/feminino	Aluna do Programa de Mestrado em Lingüística do IEL/UNICAMP
Ipa/feminino	Aluna do Programa de Mestrado em Lingüística do IEL/UNICAMP
Ibd / masculino	Iniciação científica – participante do Projeto Integrado/CNPq - de 08/2001 a 08/2003, aluno do curso Licenciatura em Letras (noturno)
Ims / feminino	Iniciação científica - participante do Projeto Integrado/CNPq - de 08/2001 a 08/2003), aluna do curso de Bacharelado em Lingüística (diurno)
Ivc / feminino	Iniciação científica – participante do Projeto Atividade Linguístico-cognitiva na demência/ FAPESP, aluna do curso Licenciatura em Letras (noturno)

4.2.3 Competência Comunicativa e Repertório Comunicativo do grupo II CCA

Na prática clínica com a linguagem exercida no CCA, vimos que os sujeitos afásicos participam de situações comunicativas e, dentro dessas, de eventos comunicativos demonstrando o conhecimento e habilidade de contextualização apropriada e uso/interpretação da linguagem em comunidade, que se refere ao conhecimento comunicativo e habilidades partilhadas pelo grupo. Abaixo, apresentamos um exemplo de situação comunicativa (sessão do dia 28/10/02). No trecho, o evento comunicativo parte da conversa em torno da apresentação de MM, um novo integrante do grupo, a partir do tópico “*o que se faz no grupo*”, o

que é usual fazer todas as vezes em que há apresentação de um novo participante.

Situação comunicativa 1 – sessão do dia 28/10/02

Imc	Gente, vamos contar pro seu MM o que a gente faz nesse grupo? Como é que esse grupo funciona?		
RL	A gente <i>//segmento ininteligível//</i> seu SL <i>//segmento ininteligível//</i> só isso	Tom de brincadeira	
Imc	A gente o quê?		
SL	Há, há, há	Risos	
RL	Zoa com SL.	Tom de brincadeira	
Imc	Não entendi.		Levantando os ombros
RL	A gente zoa com SL.		
Imc	A gente zoa o RL (disse que), a gente zoa com o SL, SL é <i>//segmento ininteligível//</i>		Aponta para SL
SL	Assim não dá.		
Imc	Assim não dá, SL, a gente zoa. O que que a gente faz nesse grupo, pessoal? Além de zoar do SL ... o que que a gente faz CF? você que é da velha guarda da mangueira		Faz um gesto de não entender com a mão
Todos		Dão risadas	
Imc	Ela é das antigas. O que que a gente faz aqui?	Perguntando para CF	
CF	Eh ... ah...		
Imc	A gente vem aqui pra quê? Pra se conhecer.		
CF	cer		
Imc	Pra falar.		
CF	falar		
Imc	Pra trocar idéias.		
CF	déias		
CF	Putado::		
Imc	Computador... a gente também uma coisa que a gente vai retomar agora que tem bastante pessoas nesse grupo <i>//pausa//</i> dramatizar situações da vida cotidiana por		

	exemplo, sei lá ...CF vai na receita federal pegar um papel //segmento ininteligível//		
CF	Ai		Bate palma
Imc	Então, a gente vai dramatizar//segmento ininteligível// porque é uma coisa que todo mundo passa, por exemplo, agora nesses últimos tempos eu fui ao DETRAN com a GR. A GR, ela participou do grupo de quinta feira, mas ela foi avaliada comigo, ficou um ano e tanto comigo, então, ... uma relação bastante próxima e me pediu pra ir com ele no DETRAN fazer um exame de perícia pra ela voltar a dirigir, né?		Gesto de dirigir
CF	Ai [e'saw][e'saw] eh::		
Imc	Então ai tem uma serie de dificuldade tem que ir tem que pegar papel te que fazer a perícia tem uma serie de coisas pra fazer e a gente acompanha o que mais a gente faz nesse grupo? a gente vê fotos um do outro? Vê		
CF	Vê		
Imc	Por que que a gente vê foto um do outro? Pra conhecer		
CF	[conhecer		
Imc	É um modo de conhecer pessoas as pessoas que fazem parte da vida nossa e aqueles momentos que foram fotografados //segmento ininteligível// o que mais a gente faz aqui, dona IC?		Gesto de comer
SL	Eh:: a gente fazemo:: começa ...		
Imc	A gente come aqui?		
IC	Eh		
Cf	[eh		
Imc	De vez em quando, a gente faz uma comidinha.		
SL	Bom, pra, de vez em quando, o bo bo	hesitação	
RL	Bolo?		
SL	Eh		
Imc	Essa aqui... ele faz um bolo bom também.		Aponta para dona IC falando de SL
Todos		Dão risadas	

CF	Pintar		
Imc	Pintar, a gente pinta aqui? Não, você trás as suas pinturas pra gente ver, né?		
CF	[e'saw]		
SL	Eu tinha, eu sei //segmento ininteligível// e eu tinha ...		
RL	Cê tira foto de planta, né?		
Imc	Ele é fotografo, então traz as fotos //segmento ininteligível// né? Então, na semana que vem, o senhor pode trazer algumas fotos da sua família, da sua esposa, os seus filhos, né? pra gente conhecer. O que mais que a gente faz? A gente passeia		
CF	Oh e['saw][e'saw] ...		
Imc	A gente ta programando um passeio no museu do Ipiranga em São Paulo		
CF	Olha [e'saw][e'saw]		
SL	Eu vou lá, eu vou lá .		
Imc	Cê vai lá //segmento ininteligível// pra vender, a gente vai no museu do Ipiranga ou no memorial da América latina, né? Passear.		

Na **situação comunicativa 1**, podemos observar um evento comunicativo cuja circunstância de ocorrência está relacionada ao primeiro momento da inserção de um novo membro na prática (clínica) com a linguagem no CCA. Os interlocutores (sujeitos afásicos e não afásicos) vivenciam uma situação de uso sociocultural da linguagem, em contexto verbal e não verbal, com o propósito de informar o ingressante MM sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo.

Os sujeitos envolvidos evidenciam a competência comunicativa. Consideramos que o conceito de competência comunicativa está encaixado na noção de competência cultural, ou totalmente fixada no conhecimento e habilidades que falantes trazem para uma situação comunicativa. Isso nos proporciona uma visão harmônica da definição de cultura como significado, nos direcionando ao trabalho com símbolos.

Os sistemas de culturas são normas de símbolos, e língua é somente um dos sistemas simbólicos da rede social. Interpretar o

significado de comportamento lingüístico requer (re)conhecer o significado em que ele está inserido. Dessa forma, todos aspectos da cultura são relevantes para a comunicação nas situações comunicativas do CCA, mas aqueles aspectos que têm a maior parte de procedimentos dirigidos em formas e processos comunicativos são: estrutura social, valores e atitudes tomadas pela língua e modos de falar. Categorias conceituais de redes que resultam de experiências partilhadas e meios de conhecimento e habilidades (incluindo língua) são transmitidos de geração para geração e para novos membros do grupo. Na situação comunicativa 1, observamos a atividade lingüístico-discursiva voltada para as instruções sobre as práticas que convergem em linguagem.

O conceito de competência comunicativa implica a idéia de um repertório comunicativo. Esse repertório se refere à totalidade de recursos lingüísticos disponíveis aos membros de uma comunidade. Cada indivíduo seleciona os recursos mais apropriados para determinados contextos, podendo transitar de um para outro em um mesmo ato de fala. Reiteramos que a linguagem deve ser vista como um fenômeno dinâmico e interativo entre os interlocutores do processo comunicativo tanto na realização oral ou escrita quanto na interação não-verbal, o que possibilita uma seleção mais ampla de recursos (estendendo-se a outros sistemas semióticos) do que o repertório lingüístico. Dessa forma, o sujeito afásico pode ter dificuldade de linguagem, mas pode usar outros elementos para fazer sentido:

Situação comunicativa 2 – sessão do dia 10/11/2003

SL	Ah:: cê sabe aqui		
Imc	Oh, pessoal!		
SL	O e e tem o clipes ai? Não, né?		
Imc	Clipes alguém tem clipes?		
SL	Ah, só pra ,pra um, um		
Imc			Entrega um clipe para SL

Imc	Oh, gente! vamos só prestar atenção aqui oh, ele pegou um clipe ...um eclipse... cê viu?		
SL	Eu vi		
Imc	Foi um eclipse lunar, né? lua cheia		
SL	Foi às dez, dez horas.		
Imc	E foi até meia noite, meia noite e quinze.		
Ibd	Eh, isso ai.		
Imc	Foi rápido esse eclipse, foi no norte hemisfério norte.		
SL	Não, no ...no, foi mais longe, mais longe		
Ibd	Maza, <i>ehn</i> Maza...		
SL	Sol é o sol na sombra... fez o sol, sol, a sombra ...a sombra, então, quando...		
Imc	A terra... a lua		
SL	A lua.	Pega a forma da vela	
SL	O sol.	Pega o copo	
Imc	Eh::		
SL	Ai o sol passa, ah:: ah:: na frente da lua.	hesitação	
Imc	Fez sombra.		
SL	Eh, fez sombra na lua, então, não tem jeito de de::		
Imc	Tem que ser inteira porque passou ai, depois foi inteira.		
RL	Qual é que é lua ai?		
SL	O de lá,ele vendo, ah, ah...	Da risada	
Imc	A terra é essa, redondinha, azul. A terra é azul por causa do quê que a gente vê a terra azul?		
SL	Ah:: ah:: ah::		
Imc	A água, isso?		
RL	Eu pensei que esse fosse a lua.		
Imc	Não, a lua ,o sol é amarelo, a lua teria que ser prateada, mais ou		

	menos.		
SL	Viu, e o atroaltas foram lá.		
Imc	Os astronautas.		
SL	E vira lá, a terra é a a ... azul.		
Imc	A terra é azul.		
RL	Por causa da água, então.		
Imc	Isso		
RL	É por causa da água, o sol, e o sol?		
Imc	E a luz.		

Na situação comunicativa 2, Imc propõe um evento que diz respeito à conversa sobre diversos assuntos, a exemplo do eclipse lunar que ocorreu na noite de 08/11/2003. Nesse evento, observamos que **SL** queria contar a seu interlocutor que tinha visto o eclipse da noite anterior. Tentou seguidas vezes dizer a palavra eclipse, mas várias parafasias ocorriam em seu lugar, e seu interlocutor não compreendia. Mas **SL** não desistiu. O que fez? Em uma folha de papel, escreveu a letra E, tirou um clipe da agenda de seu interlocutor e juntou-o ao E já escrito, o que resultou em eclipse. **SL** selecionou um segmento da palavra eclipse (E) e combinou com um objeto (clipe, que se diz clips), dispondo os dois no papel (E+objeto), produzindo uma ligação não oficial - um “gato” - entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto (Freud, 1891/1973). Assim é que se articulam linguagem (oral e escrita) e percepção (auditiva e visual) em uma espécie de síntese paradigmática e sintagmática, suportada por um cérebro e um sujeito em ação para realizar seu intuito de dizer. LS pôs em relação linguagem e percepção para produzir o sentido desejado (Abaurre e Coudry, 2006). Em suma, apesar da afasia, **SL** explorou seu repertório comunicativo verbal e não verbal para *dizer eclipse* e ilustrar o que acontece nesse fenômeno.

Tentando responder à pergunta sobre qual o funcionamento sociocultural da linguagem usada pelos sujeitos cérebros-lesados

inseridos nas situações de interação comunicativa do CCA, afirmamos que, na perspectiva discursiva, parte-se dos mecanismos e processos (neuro)lingüísticos envolvidos no conhecimento das dificuldades e possibilidades de reorganização do estado cognitivo geral do sujeito afásico, e do estabelecimento de sentido, considerando as variedades vernaculares do português brasileiro e as diferentes configurações textuais em que podem se apresentar, o verbal e o não verbal. Diferentemente da tradição de se avaliar a linguagem no contexto patológico a partir de atividades essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas e assentadas na variedade culta (escrita) e normativa do português. Assim, quando surgem problemas, como o de **SL**, ao tentar falar eclipse, surgem também as possibilidades já existentes no funcionamento da linguagem, como vimos no evento transcrito acima. Quando **SL** tenta falar astronautas e fala “atroaltas”, por exemplo, consegue estabelecer sentido uma vez que ocorre uma manifestação do processo de funcionamento da linguagem e não uma troca de palavras. Consideramos que no funcionamento da linguagem em contexto patológico podem reconhecer-se modos de arranjo e estruturação próprios da linguagem, como propõe Jakobson (1969), e que os movimentos do processo enunciativo-discursivo são constitutivos desse funcionamento, conforme Coudry (1986).

Podemos observar que o papel dessas práticas nos eventos comunicativos de cada situação comunicativa é exercer a linguagem em processos de significação diversos que produzem e mantêm *identidades* individual e coletiva, bem como (re)inserir o afásico em situações cotidianas que partilha com não afásicos.

4.2.4. Regras e valores no CCA

Analisando trechos das sessões (1) e (2), abaixo, consideramos que se trata de um grupo dentro da sociedade que tem algo significativamente em comum, a saber: “*encontram-se para trocar idéias, experiências, notícias*”

(...), o que é importante para uma memória coletiva”. O CCA é uma unidade de pessoas ligadas fisicamente, que partilham de regras que são ajustadas à própria dinâmica de funcionamento da comunidade CCA. Nessas sessões, o sujeito **FS**, recém-participante do grupo II, que apresenta um quadro frontal grave que o deixou *deslocado* em relação às regras de uso social da linguagem e de ações, é *iniciado* em relação a algumas regras de convivência da comunidade CCA.

(1) Sessão em 17/02/2003 – Tópico: as regras do grupo e a situação de FS no grupo

Imc - Aqui tem regras... esse grupo tem regras ... não pode ficar toda hora levantando, não, estamos todos sentados conversando ... então, você fica sentado conversando

(2) Sessão em 10/03/2003 – Tópico: as regras do grupo

Imc - Acabou de tomar água... a gente tem que... FPS, eu não posso deixar fazer o que você quiser porque aqui ninguém faz o que quer... eu não posso levantar, subir, pendurar no lustre, eu não posso fazer... sabe, tem que ser uma coisa que ta acontecendo um encontro de pessoas

[

CF ssoas eh [e'saw]

Imc - Que todas as semanas se encontram, trocam idéia, experiências, notícias

FPS - isso é importante?

Imc - Claro, isso é importante

FPS- ()

Imc - Isso é importante pra memória, a gente cria uma memória coletiva

CF- Olha, eh::

Imc- Pra você poder um dia voltar pra faculdade. Agora se você fica, senta, levanta, senta, levanta, senta, levanta, você não presta atenção em nada que rola aqui... eu não posso deixar isso acontecer, viu... então, eu vou ser dura com você... não pode ficar levantando... qual é nossa tarefa agora... olhar, na primeira página do jornal, que notícias há sobre a guerra, se bem que o Corinthians invadiu aí ...

Além dos valores e normas presentes na sociedade e que estão presentes também na comunidade CCA, o grupo cria e ajusta normas e regras. No trecho da situação comunicativa **02/03/2004**, abaixo, entra em

cena o *grilo-falante* do grupo, o Dunga³, o anão mudo da história da Branca de Neve e os sete anões, que é sempre convocado, com o bordão *chama/pega o Dunga*, quando um dos participantes ultrapassa certos limites, postos pela própria convivência. O Dunga, ao permanecer em silêncio, mas estar em cena, corresponde a um modo de estar no sentido, de falar.

Situação comunicativa 02/03/2004

Tópico: Um trocadilho: como uma onda, o guloso

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
RL	Como uma onda	Tom de brincadeira	
Imc	Ah::como uma onda me perdoe você fez um trocadilho daqueles bem		
Iff	Ô eu acho que o pescoço do dunga tá //segmento ininteligível//		Iff passa o Dunga, personagem que aparece no grupo quando alguém ultrapassa certos limites, em respeito aos partipantes.

O que faz desse grupo uma comunidade de fala? Temos um grupo de pessoas que falam a mesma língua, mas o que faz desse grupo uma comunidade de fala não é somente isso, mas o fato de que os sujeitos que dela participam estabelecem e seguem regras e atitudes concernentes à língua, às ações sociais de grupo e à afasia que, por ser um problema de linguagem, torna-se objeto de estudo da (Neuro)Lingüística e leva os pesquisadores à *vontade de saber*⁴ sobre esse objeto.

Seguindo Schlieben-Lange (1993), podemos afirmar que há aí um “discurso público sobre a língua”, a partir do momento em que se *repete* o discurso do outro, uma vez que seu saber compartilha dos múltiplos conhecimentos e informações que se vão adquirindo historicamente no

³ O Dunga foi presente de aniversário, em 2003, para a co-orientadora desta tese, oferecido por Maria Laura Mayrink-Sabinson e Tania Maria Alkmim. Desde então, é personagem da comunidade CCA, com função e identidade.

⁴ No sentido de Michel Foucault, a partir da leitura feita por Silva (2003).

decorrer da vida e se aplicam progressivamente a novas e diversas situações e objetivos, herança de nossa vida organizada em sociedade.

Freqüentemente, as pessoas se espantam quando escutam um afásico *falando*, porque, para o senso comum, o afásico é capaz “até” de compreender, mas não é capaz de falar.

(a) 09/09/2002 Tópico: apresentação de novos integrantes do grupo DN e RL

Imc - Quanta gente nova DN... o seu...
RL - RL
SL - melhor fala que eu
Imc- fala melhor que você?
SL - fala muito melhor
Imc- Mas depende do conteúdo e se ele só falar bobagem ...e aí?
CF - Olha ((pega em Imc e aponta para RLO))
Imc - Tá falando bem
CF - Ótimo

(b) 25/03/2002 Tópico: Notícia sobre médico que molestava crianças

CF - Eu preciso falar... oh SE-NHOR... Eu preciso falar Senhor, Senhor...Senhor

(c) 20/10/2003 Tópico: signos do zodíaco – Festa de aniversário de Imc

RL- Aqui tem de tudo... só não têm afásicos
Sobre a escrita de CF e a de SL
SL -Você tá ... você tá...
CF- [e'saw]
SL- Você tá bem?
CF- Bem, issa aí[e'saw]bem, oh, senhor
Imc- Mas, é porque a letra vai melhorando
CF- [e'saw]
SL- E parece que você gosta, gosta dessa...
Imc- Gosta disso, né?
CF- Eh::ah ah[e'saw]
Imc- E tem um gosto pessoal e sabe porque também CF ele eh um poeta
CF- Eta... ah... eh [e'saw]
Imc- Ele é um poeta, ele estuda poesia e para ele quem é a moça lá do hospital que trata da pessoa e faz esse exercício mecânico, pra um poeta, é muito complicado, cê entendeu?
CF- Ah não ah não
Imc- Por isso que ele não gosta, ele num faz
CF- Oh [e'saw] oh meu
Imc- Ele quer voltar escrevendo CF, ele quer voltar escrever escrevendo mesmo que ah letra dele seja feia.
CF- Não issa aí [e'saw]
SL- Eh eu sou eh eh
CF- Eh::
Imc- Oh deixa ele falar
SL- Eu sou da mão eh da da
Imc- Num escreve muito com a mão
SL- é tudo no computador

(d) 17/02/2004 Tópico: Assistindo a um documentário (Afasia) sobre o grupo

Imc - Dona IC a senhora prefere bolo ou salgado?
IC- Sal-gai-do
interrupção
IC -Mas eu estou bem com a minha afasia
...
CF - ótimo ha ha ai (risos)
CF - ÓtimO:: ((todos batem palma))
CF - Ótimo
CF - mi... eu ó olha ótimo
CF - ó olha ó gen/ eu preci/ falar ((CF levanta e abraça C))
CF-Ó:: isso é meu mundo! Ótimo! Ótimo!((aponta para todos que estão na sala e para sua boca))

Observando os trechos transcritos em (a), (b), (c) e (d), verificamos o conhecimento de **SL**, de **CF** e de Imc a respeito da situação lingüística de **RL**, o que demonstra um “saber sobre a língua” e sobre as seqüelas possíveis de um TCE, explicitando esse saber que se baseia nas práticas e experiências, ao mesmo tempo em que se sentem fundadores delas, como exemplo, **SL**, em (a) “*melhor fala que eu ... fala muito melhor*”.

Em (b), verificamos, no dizer de **CF**, *a vontade de falar*, falando: “*Eu preciso falar ... oh SE-NHOR ... Eu preciso falar Senhor, Senhor ... Senhor*”, quando gostaria de comentar sobre o episódio do médico que molestava crianças. Tomando Fedosse (2000), afirmamos que **CF** apresenta uma estereotipia (/e’saw/), que funciona como ‘curinga’, substituindo muitas palavras em sua fala espontânea. No sentido de Fedosse (2000), a entonação foi totalmente preservada e atua como elemento estruturador de sentido. Fedosse aponta que a afasia de CF se manifesta pela falta de iniciativa verbal (inércia patológica), sendo que o prompting oral (ou pista articulatória) do interlocutor funciona como ponto de partida para quase toda a produção oral de CF. É nesse sentido que, muitas vezes, CF participa das situações comunicativas *retomando/repetindo* as últimas sílabas da palavras faladas por seus interlocutores. Dessa forma, CF consegue se fazer entender, mas tem consciência das suas limitações, e, em diversos momentos, verbaliza:

“Eu preciso falar Senhor”.

É possível perceber, em (c), que **RL**, para quebrar com o estereótipo relacionado ao fato de afásicos não falarem - e tudo que disso decorre -, lança mão do momento em que todos falam sobre o signo do zodíaco a que pertencem para estabelecer o seguinte julgamento: “**RL**- *Aqui tem de tudo... só não tem afásicos.*” Segue esse mesmo intuito o julgamento que IC faz da sua condição de afásica, IC – (d) “*Mas eu estou bem com a minha afasia*”, o que é compartilhado com os demais presentes na sessão.

A atitude dos sujeitos cérebros-lesados inseridos no CCA, apresentadas nesses trechos aqui transcritos, é a de se manterem como sujeitos de linguagem na sociedade. Isso indica que o CCA atinge sua meta fundante da prática (clínica) com a linguagem, que, como já dito, é a ação contrária ao isolamento social dos afásicos. Tal atitude os fortalece para enfrentar a afasia e a construção de possibilidades de estar no mundo, por meio do exercício constante *com e sobre* a linguagem, nas diferentes situações e eventos comunicativos. Isso é o que faz do CCA uma comunidade de fala.

5 *Fotografias do CCA:* *Histórias de vida, história de corpos* *marcados*

Se é verdade que o corpo humano é, em certo sentido, produto da atividade social, não é absurdo supor que a consciência de certos traços, revelados por uma média, dependa da fidelidade consciente ou inconsciente a certas normas da vida. Por conseguinte, na espécie humana, a frequência estatística não traduz apenas uma normatividade vital, mas também uma normatividade social.

(Canguilhem, G. *O normal e o patológico*)

Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. São iguais a nós.

(Platão, *República, Livro VII*)

*Começar de novo
E contar comigo
Vai valer a pena ...*

(Ivan Lins e Vitor Martins, *Começar de Novo*)

5.1 Considerações gerais

Os corpos/sujeitos afásicos que vivenciam a prática (clínica) com a linguagem no CCA, num primeiro momento, mostram marcas que reafirmam suas histórias e constituem e reforçam o patológico. Quando já inseridos nessa prática, compartilham seus limites e suas possibilidades com outras pessoas e redimensionam as possibilidades e os limites do corpo e de seu papel social. Enfim, reinterpretam-se na relação com outras pessoas, ou seja, *o corpo torna-se alvo dos novos mecanismos de poder, oferecendo-se a novas formas de saber*⁵.

⁵ Pensando, aqui, a partir da leitura feita da obra de Michel Foucault por Silva (2003).

Neste capítulo, apresentaremos fotografias da história de quatro sujeitos/corpos marcados que ingressaram em 2002 no Grupo II da comunidade de fala do CCA, com diferentes níveis de escolaridade (conforme quadro 2). Apresentaremos, também, situações comunicativas referentes a visitas no CCA e situações e depoimentos que envolvem familiares de alguns participantes dessa comunidade. O quadro, abaixo, se refere à identificação dos quatro sujeitos escolhidos para compor o *corpus* desta tese:

QUADRO 4 – Identificação dos sujeitos investigados e respectivos graus de escolaridade

SUJEITOS	GRAU DE ESCOLARIDADE
DN	Não alfabetizado
DZ	Ensino fundamental
RL	Ensino Médio
SL	Graduado

Para tanto, mobilizamos os conceitos operacionais da Etnografia da Comunicação já discutidos neste trabalho, tais como: comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala. Trabalhamos também com alguns conceitos da Neurolingüística Discursiva. Esclarecemos que os dados dos sujeitos constam da ficha de anamnese dos prontuários organizados no LABONE/BDN/IEL e que todos os afásicos e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

5.2 Fotografias de DN

DN, integrante da comunidade CCA nunca foi à escola, é casada, teve oito filhos, exerce a profissão do lar, é evangélica e frequenta a igreja três vezes por semana. Antes do AVC, costurava para a família e, atualmente, faz fisioterapia três vezes por semana.

Em 2001, segundo relato do marido, **DN** caiu da cama e ficou sem falar e andar, recuperando-se, parcialmente. Na avaliação de linguagem,

feita, em 10/12/2001, no LABONE/IEL/UNICAMP, foi constatada a afasia, mas a gestualidade que acompanha a fala e as expressões faciais foram consideradas normais. Na ficha de anamnese, está registrado que em casa, DN só fala “**Quel**” (redução do nome da filha) e “**não**”. No LABONE, ela teve atendimento individual e foi inserida no projeto: “Afasia, letramento e alfabetização”⁶, cujo objetivo é introduzir o afásico na aquisição e uso da escrita/leitura, bem como a sua reinserção na sociedade.

Baseando na classificação de Luria, se não fosse a restrição religiosa de DN na participação em certas situações vivenciadas na comunidade CCA, poderíamos interpretar a sua afasia como afasia dinâmica, pela falta de iniciativa verbal que apresenta. Entretanto, devido a esse fato, podemos pensar sua afasia como da ordem da desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas dos gestos articulatórios, associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda, ou seja, à afasia motora eferente descrita por Luria.

Na sessão de 09/09/2002, dois novos integrantes - **DN** e **RL** - foram apresentados ao grupo. Nessa sessão, estavam presentes, além dos iniciantes, **AC**; **SL**; **OS**; **CF**; **GS**; **IC**; **Imc** e uma aluna de Pós-Graduação. Nesse dia, os integrantes, principalmente **CF**, estavam muito eufóricos por causa da aquisição do computador para a Sala de Convívio, o que desencadeia o episódio 3.

A partir dos turnos de **Imc**, **RL**, **SL** e **CF**, **DN** faz gestos para se comunicar, tomar decisões, alcançando um sentido relevante para o contexto que foi construído pelo trabalho prévio de seu interlocutor, vejamos:

Situação comunicativa 09/09/2002

⁶ Foi iniciado um processo de aquisição de escrita/leitura de DN conduzido pela aluna de mestrado Patrícia Arnelas durante o segundo semestre de 2003, interrompido por licença maternidade da aluna e retomado a partir de 2005 nas atividades do estágio de fonoaudiologia, sob a responsabilidade das Profas. Dras. Maria Irma Hadler Coudry e Fernanda Maria Pereira Freire.

(1) Tópico: acidente com RL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Então... vamos perguntar o que que aconteceu com ele, por que que ele... tá aqui e depois para a DN, né DN?	Referindo-se a RL	
DN		Pausa longa	Balança a cabeça afirmando

(2) Tópico: Estado onde DN nasceu

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Então dona DN, a senhora nasceu em Campinas?		
DN		Pausa longa	Balança a cabeça negando
Imc	Não, onde a senhora nasceu?		
DN		Pausa longa	Estala os dedos tentando lembrar
Imc	Minas?		
CF	[Minas?		
DN		Pausa longa	Balança a cabeça negando e coloca a mão na cabeça, demonstrando aflição
Imc	Não, então, vamos lá		
RL	Baiana?		
SL	[baiana?		
Imc	Baiana?		Aponta para RL
SL	Bahia?		
DN			balança a cabeça negando
Imc	Não		
CF	Paraiense?		
Imc	Paranaense?		Aponta para CF identificando quem fez a pergunta
DN			Balança a cabeça afirmando
CF	He , he, he	Risos. CF vibra por ter conseguido adivinhar	

(3) Tópico: Sobre o computador, leitura e escrita

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
-----------------------	-------------	--	--

Imc	Chega de //segmento <i>ininteligível</i> // dona DN, a senhora quer aprender? Mexer... tentar, pelo menos, aqui, a gente tenta, se a gente não gostar, a gente não faz, quer tentar?quer?		Aponta para o computador
DN			Balança a cabeça negando
Imc	a:: a senhora sabe ler, dona DN?		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	Ham! dona DN não sabe ler ... a senhora gostaria de aprender a ler, aqui, com a gente? [gente oh		
CF			
Imc	Gostaria?		
DN		Pausa longa	Balança a cabeça afirmando
Imc	Isso, gente pode...		
SL	Aproveitar e ensinar a ler		

(4) Tópico: Local onde mora

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Só um minutinho... vamos ouvir... a senhora mora em Campinas? Mora, aqui, em Campinas?		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Donde mora?		
Imc	Não ...onde mora? onde a senhora mora? é Sumaré?é Sumaré		Aponta para RL que fez a pergunta primeiro
DN	Não		Balança a cabeça duas vezes afirmando
Imc	Não.		

SL	Hortolândia?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Artur Nogueira?		
RL	Jaguariúna?		
DN			Aponta para uma direção
Imc	É pertinho daqui?		
DN		Pausa longa	
SL	Campinas?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Valinhos?		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Vinhedo?		
Imc	Sumaré ...Limeira		
SL	Hortolândia?		
DN		Mantém a pausa longa	
Imc	Vamos ver se ela vai falar, Hortolândia?		
DN			Balança a cabeça negando
IC	((Barrinha))		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Americana?		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	É pertinho daqui?		
DN			Balança a cabeça afirmando
CF	Olha [e'saw] oh		Aponta para DN e para a porta

Imc	A senhora vamos ver se ela consegue falar	Falando sobre DN	
RL	Indaiatuba		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	A senhora lembra o nome da cidade? consegue falar?		
DN		Pausa longa	Não faz movimentos com a cabeça
SL	O nome do... do prefeito?		
Imc	Prefeito há há há a senhora sabe o nome do prefeito	Risos	
DN			Balança a cabeça negando
SL	Você sabe o nome do prefeito? sabe não ?		
Imc	A senhora vem de ônibus?		
CF	Oh senhor		
Imc	A senhora vem de ônibus?		
		Pausa longa	
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Perua?		
DN			Balança a cabeça negando e faz um gesto com a mão mostrando algo
Imc	A pé?		
DN	Não		
Imc	ônibus?		
DN	Há na-o:: eh eh	Hesitação	
CF	[e'saw][e'saw][e'saw][e'saw]		
Imc	O que que é? vem com alguém conhecido? não		
DN			Balança a cabeça afirmando

Imc	É ? vem com alguém conhecido? com seu filho?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	Tá ai?		
DN	Ele tá lá oh		Aponta para fora da sala
Imc	Tá lá tá lá esperando		Aponta para fora da sala
DN	Eh não lá ()		Aponta para todos o os lados
Imc	Ele traz e depois vem buscar?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Não, a senhora vai sozinha?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Tem uma pessoa ai acompanhando a senhora?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	É seu filho? Filha? marido?		Mostra a aliança na mão
DN	Não		
Imc	Não		
CF	Oh [e'saw][e'saw]		Apontando para a porta
DN	Ah eh		Aponta para outra direção
Imc	Mas tá ai o seu acompanhante? Tá ai?		
DN	Não		aponta para CF
Imc	Tá ai?		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	Tá aí CF você viu?		
CF	Eh::		

A expressão verbal de DN está restrita pelo efeito da afasia. Mas, apesar das limitações que impossibilitam uma expressão *fluente*, a partir dos gestos ela consegue interagir na interlocução. Como isso é possível? Encaixando o campo semiótico constituído através dos sinais com a cabeça na situação discursiva, **DN** negocia o sentido e sustenta a interlocução utilizando a percepção e os gestos, como pode ser observado acima na situação comunicativa 09/09/2002, com o evento comunicativo diálogo. Em (1), após uma pausa longa, **DN** balança a cabeça afirmando, ou seja, ela compreende que posteriormente será apresentada ao grupo. Em (2), **DN**, balança a cabeça, estala os dedos, alisa a cabeça demonstrando aflição, ao ser questionada sobre o estado em que nasceu. **DN**, nessa vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, sabe que as regras culturais estabelecem que a resposta à pergunta deva vir à tona, uma vez essas regras de convivência organizam socialmente o comportamento dos presentes na situação. No evento comunicativo, (3), os participantes conversam sobre aprender a utilizar o computador, sobre leitura e escrita. Como **DN** não sabe ler, ela nega ter interesse em aprender a usar o computador, mas afirma se interessar em aprender a ler, quando indagada por Imc sobre essa possibilidade, o que, por um lado, ampliará o seu repertório comunicativo e, por outro, o novo conhecimento e uso podem ter efeitos restauradores na própria afasia (como mostra a pesquisa IC/PIBIC de Murai com **OP**).

Em (4), **DN**, participa do evento comunicativo, movimentando a cabeça de forma negativa e afirmativa, apontando com o dedo objetos, ou pessoas, lugares que estão e também que não estão imediatamente presentes, hesitando e falando “*Não*”, “*Ele tá lá oh*”, “*Eh não lá*”, “*Há na- o:: eh eh*”. A hesitação, como já abordado neste trabalho, não é vista como uma simples disfunção da fala, mas tem o papel de organizar o dizer e pode indicar um processamento em curso (como mostra o trabalho de Oliveira (2003) com sujeitos parkinsonianos). Os gestos, por sua vez, propiciam estados de conversas, se inserem nesses estados de conversa, no lugar do ou acompanhando o verbal, o que mantém as situações

comunicativas em funcionamento.

Observamos que Imc, com ajuda do grupo, abre no diálogo em curso espaço para **DN** confirmar ou rejeitar. Considerando a afasia de **DN**, as perguntas são elaboradas, no evento comunicativo diálogo, sempre direcionando para uma resposta categórica *sim*, ou *não*. **Imc** ajuda-a e o *Não* ou *Sim* não ficam só como uma sentença isolada, em meio a uma escolha binária (*sim/não*), mas, em vez disso, alcançam um sentido relevante por ocorrer dentro de um ambiente que foi construído pelo trabalho prévio dos interlocutores. **DN**, dessa forma, beneficia-se das pistas dos seus interlocutores. Verificamos que onde há pausas há, também, a atuação de modo integrado de gestos, hesitações ou mesmo a verbalização de “sim” e “não”, ultrapassando a condição inicial descrita pela família: “*Ele tá lá oh*”, “*Eh não lá*”.

Analisando o papel da pausa, notamos que ela inicia o segundo membro do par adjacente pergunta-resposta e que há, na realidade, uma pausa preenchida com um gesto: **DN** responde com movimentos da cabeça. Além disso, podemos observar, na situação comunicativa de 11/11/2002, perguntas que restringem o tópico da resposta porque direcionam o conteúdo da informação que deve ser fornecida e, ao mesmo tempo, leva os demais participantes a se preocuparem em ajudar na manutenção dos tópicos, contribuindo com perguntas também. Assim, o verbal, o não verbal, a pausa, as hesitações estão presentes nas situações comunicativas do grupo II, em seu funcionamento normal, o que mostra *há linguagem e sujeito na afasia*. As atividades desenvolvidas no grupo permitem que **DN** exerça sua capacidade de linguagem, uma vez que não se trata de tarefas de repetição de estímulos ouvidos, mas sim de eventos comunicativos que estabelecem sentidos, o que a convoca para responder com o repertório comunicativo que tem. É o que se vê, abaixo, na sessão de 11/11/2002, quando a investigadora lhe pede para responder *trago* – e ela o faz - no contexto de trazer o documento de identidade para informar seus dados pessoais.

No diálogo Imc tenta ajudar **DN** elencando possibilidades de

resposta: “*o que a senhora gosta de cozinhar? Polenta... pão... bolo... coxinha?*”, o que não produz efeitos. Vejamos:

Situação comunicativa 11/11/2002

1 Tópico: Onde nasceu

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	O que a senhora gosta de cozinhar ? polenta, pão, bolo, coxinha?		
DN		Não responde	
Imc	Tanta coisa, né? Massa? a senhora faz massa, macarrão? Molho?		
DN		Pausa longa	Balança a cabeça afirmando
Imc	Quantos paulistas?		Alguns levantam a mão
Imc	Um ... dois, três, quatro... cinco... a senhora é:: mineira?		
DN		Pausa longa	Balança a cabeça afirmando
Imc	Paulista		
SL	Eu sou de ()		
Imc	espera ai, vamos ver dona DN, de onde a senhora é ? pera ai gente... vamos ver dona DN, qual cidade que a senhora nasceu?		
DN		Pausa longa	
Imc	É de São Paulo?		
SL	Não		
Imc	Paraná?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	É do Paraná?		

DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	Também Paraná?		
CF	Olha [e'saw][e'saw]		
Imc	Paraná como a CF? Paraná?		Apona para CF
DN			Balança a cabeça afirmando
CF	Olha gente		
Imc	Tem algum documento da senhora ai? carteira de identidade, tem documento?		
DN			Faz um gesto negativo com a mão
Imc	Não, depois a senhora traz, semana que vem? Fala trago.		
DN	Trago		Balança a cabeça afirmando

Na sessão do dia 25/11/2002, os participantes do grupo II do CCA se organizam em dois grupos de cinco integrantes para um trabalho de dramatização de cenas da vida cotidiana, no caso situações que acontecem na praia. Eles ensaiaram três cenas: a primeira cena com alguém se afogando, a segunda cena com um hippie vendendo artesanato e alguém comprando um colar para a esposa e a terceira cena em que **DN** vende coxinha. *Sketch* é uma prática comum nas atividades coletivas e individuais do CCA (Coudry, 2002a), também chamada de *role-play*, que se constitui de pequenas cenas em que os sujeitos encenam uma certa situação; vejamos um trecho da transcrição da sessão:

Situação comunicativa 25/11/2002

1-Tópico: Vendendo coxinha na praia

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Quem quer coxinha fresquinha?		Entrega uma vasilha para DN

Imc DN	Coxinha fresquinha [coxinha fresquinha		
Imc	Todo mundo vai comer coxinha, então, são três cenas, quais são as cenas? Primeiro, esse aqui tá se afogando		Aponta para DB
IC	Afogando		
Imc	E dona DN, não, dona IC vai salvar seu AI, ele é hippie, ele vai vender artesanato, depois tem ela e ela vai comprar, e o senhor vai comprar também //segmento ininteligível//		Fala com o grupo
Imc DN	Coxinha fresquinha, coxinha fresquinha [coxinha fresquinha... coxinha fresquinha		
Imc	Tá bom, tá ensaiado? Tá tudo ensaiado?		
Imc	Bom, agora, a nossa terceira cena... a senhora vai vender coxinha e grita quem vai querer...		Dá uma cesta para DN
DN	Coxinha quentinha		Anda pela sala
Imc	Oh gente, essa ... esse trabalho que a gente fez hoje de dramatizar, de improvisar principalmente, né? que é legal que ai você fica com uma mobilidade, se acontecer alguma coisa na vida, você tem cacife né? você tem condição de enfrentar ... essa é a questão, isso é muito legal, a gente só precisa soltar mais o corpo, soltar, dona DN com a cestinha soltou a voz na estrada ... coxinha fresquinha		
CF	Olha [e'saw][e'saw] ótimo		
Imc	Então, isso ajuda a trabalhar com o corpo, gesto, com a percepção, isso é legal //segmento ininteligível// no começo, ai o afogado socorro! tem que gritar:: socorro!	Fala bem baixinho com Tom de exclamação	

A atitude de **Imc**, como podemos observar nessa sessão, é a de inserir **DN** e os demais afásicos em situações comunicativas com variados eventos comunicativos que fazem parte da prática clínica em que não se separa língua, cultura e sociedade. Dessa forma, os participantes em meio a atos de fala e ações pela linguagem, se fazem sujeitos da linguagem e usuários da língua, em condições sociais. Inicialmente **DN** *repete* o que **Imc** fala, “coxinha fresquinha”, mas em seguida atua como vendedora de coxinha, andando pela sala oferecendo “coxinha fresquinha” aos demais participantes da situação; além disso **DN** amplia o repertório comunicativo inserindo “coxinha quentinha”, o que é uma conquista para ela e para todos do grupo.

É interessante destacar que estados de afasia podem não afetar a relação entre linguagem verbal e não verbal e, nesse sentido, os sinais com a cabeça, sinais não-verbais, ajudam a conduzir a comunicação sem a fala; embora os gestos de positivo e negativo sejam cristalizados, eles estabelecem um papel importante porque se inserem no lugar da linguagem verbal e mantém a interação. Gestos compartilhados pela comunidade CCA são, dessa forma, atividades significativas construídas histórica e culturalmente. A sinalização não verbal contribui proficuamente para a organização da interação com o corpo, fazendo parte, também, do repertório comunicativo do grupo. Assim, podemos afirmar que nem tudo o que se compreende na interação social que ocorre no CCA vem envolvido em linguagem verbal, mas muito está na própria relação que se constrói entre os indivíduos e nas atividades contextualizadas, ou seja, significativas e vivenciadas.

Na sessão de 23/06/2003, o grupo comemora a festa junina. Nesse dia, os participantes, além de lançarem comida típica, brincaram de falar palavras que fazem parte do *frame* “festa junina” sem repeti-las. **DN** ficou em silêncio todas as vezes que era para falar uma palavra. Seu silêncio foi respeitado. Lembramos aqui que sua religião não permite esse tipo de comemoração. Seu silêncio, aqui, de fato é silêncio e não

pausa e faz parte da sua integração em outra comunidade. O silêncio aqui é entendido como um tipo particular de interação e como veiculador de sentidos. Com já postulado, o silêncio significa, ele é significado e interpretado. O silêncio, então, não é ausência de interação, não é refúgio voluntário e idiossincrático em meio à batalha verbal e ao domínio da fala; não é falta ou excrescência se comparado à linguagem. Antes, se o silêncio faz parte da construção do sentido (da interação, da comunicação), é também ato de linguagem, ato de significação. Podemos afirmar que onde há linguagem, há também silêncio, ou seja, o silêncio faz parte e está na ordem da linguagem.

Os demais participantes se divertiram com a brincadeira e organizaram uma quadrilha. **SL**, sujeito de quem falaremos adiante, faz trocadilho “organizar uma quadrilha para assaltar um banco”. Todos dão risadas e **DN** permanece afastada e quieta (como se estivesse falando: Não tenho nada a dizer). No segundo momento da sessão, há uma apresentação de palhaço, *Clown*, e, a partir daí, como os demais participantes, **DN** vibra e participa sem constrangimento. Há, nesse caso, a quebra de tabu religioso que é rompido pela arte e pela alegria do palhaço.

Na sessão de 30/06/2003, como se vê abaixo, aconteceram duas oficinas: uma de culinária (ministrada por duas afásicas, **IC** e **DN**) e uma de poesias (ministrada pelo afásico **SL**). **DN** não domina a leitura, mas no que se refere ao seu letramento, ou seja, às práticas sociais da leitura e escrita que participam de seu cotidiano, percebemos que ela consegue acompanhar a receita e orientar o preparo de uma lasanha, o que ocorreu na sessão de 02/06/2003. Nesse dia, **DN** leva seu livro de receitas, lê, com auxílio de **Imc**, os ingredientes de algumas receitas e coordena o grupo de alunas da Graduação e Pós-graduação no preparo da lasanha, orientando, com a mão, o grupo na montagem das camadas do prato. Verificamos assim a função comunicativa dos gestos por ela utilizados e sua interpretação pelo grupo.

Em relação à dinâmica de funcionamento do CCA onde as práticas

com a linguagem envolvem também a linguagem não verbal, observamos que os gestos e ações corporais ocorrem junto ao verbal, complementando ou especificando o sentido em questão, além de transmitirem sentimentos. Sabemos que os gestos desempenham várias funções: podem substituir a fala, regular o fluxo e o ritmo da interação, manter a atenção dando ênfase aos tópicos e contribuir para caracterizar e memorizar o conteúdo do que é dito. Como abordado anteriormente, diversos aspectos não verbais (expressões faciais, gestos, hesitações e silêncios) estão presentes no processo de comunicação e são carregados de significações. Portanto, a expressão corporal (que envolve vários gestos com o corpo) se integra ao verbal. Observando **DN** nas situações comunicativas e a influência da auto-imagem nesse processo de comunicação, podemos afirmar que a aceitação do seu repertório comunicativo pelo grupo a inclui na situação comunicativa, ou seja, ela não é excluída (por falar menos; por gesticular mais que outros); ao contrário, os demais participantes acolhem seu repertório.

Situação comunicativa 30/06/2003

Tópico 1: oficina de culinária

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
DN			Aponta para os ingredientes necessários para a lasanha e para a assadeira onde será montada a lasanha
Ivc	Vai colocar o molho direto?		Falando com dona DN
DN		Pausa longa	
DN	Não.		
Ivc	Então, por o molho aqui e depois põe o que?		
DN	()		Passa a mão encima da forma

Ivc	Põe o queijo, o presunto ou o macarrão?		
Ici	O molho, como é que é? tem que pré aquecer o forno primeiro?		
DN	Não		

Na situação comunicativa 16/03/2004, transcrita abaixo, foi perguntado a **DN** o que ela fazia em casa. Ela verbaliza as respostas com “sim e não” com facilidade e, com dificuldade, responde algumas perguntas como falando “luça” por “louça” Li por Lionete e responde “terça e quinta” “vou”, “não é”.

Situação comunicativa 16/03/2004

1 Tópico: Arrumação da casa

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	dona DN, a senhora tem cozinhado na sua? casa tem feito comida? tudo direitinho? Não, o que a senhora tem feito na sua casa, o que será ?o que a senhora faz? limpa a casa de manhã? não?		DN balança a cabeça negando
DN		Pausa longa	
DN	Terça e quinta		
Imc	Vem pra cá, pronto, a senhora vai pra igreja?		
DN	Vou.		
Imc	Vai todos os dias?		
DN		Pausa longa	
DN	Não.		
Imc	Sábado?domingo?domingo então domingo vai pra/igreja olha o que a senhora faz, freqüenta igreja, em casa faz alguma coisa, não é? cozinhar? Iff- Não é? Cozinhar, limpar ...		DN balança a cabeça afirmando

Imc	Limpar, arrumar a cama.		
DN	Eh		
Imc	Lava a roupa?		
DN	Não		
Imc	Passar?		
DN	Não eh::		
Imc	Então arrumar a cama, ajudar na cozinha, assim, lavar alface, escolher arroz, escolher feijão...		
Imc	Então, escolher arroz, varrer não?		
Iff	Espanar?		
DN	Ãhn?		
Iff	Espanar os móveis?		
DN		Pausa longa	
DN	Não		
Iff	Lavar banheiro?		
DN	Não		
Imc	Arrumar a cama?		
Iff	Quantas coisas a senhora faz arrumar a cama, escolhe arroz e feijão?		
DN		Pausa longa	
DN	Não		
Imc	Arroz não? nem feijão?		
Iff	Nada da cozinha ?		
DN	Sim		

Iff	Faz coisa da cozinha		
Imc	Lava a louça		
DN	É::		
Iff	Lava a louça		
Imc	Lavar a louça, enxugar a louça		
DN	Luça		
Imc	Louça fala		
DN	LO:: -ÇA::		
Iff	Isso, arruma as compras nos armários, é isso?		
SL	Ração pa cachorro		
Imc	E quem cozinha na sua casa, quem? quem faz a comida? sua filha?		
DN	Sim		
Imc	E qual que é o nome dela, a senhora sabe? qual é?		
DN	Li		
Imc	Li ... li		
Pi	Lionete		
Imc	Como?		
SL	Da comida pro cachorro? quem que cuida dos cachorros?		
Iff	[Sua filha cozinha pra/família inteira? e a sua filha fica o dia inteiro com a senhora?		
DN	Não		
Iff	Não, oh lá, oh, a senhora tem cachorro em casa dona DN?		
DN	Não		

Iff	Não tem nenhum bicho e é em casa que a senhora mora?		
-----	--	--	--

Imc recorre a suposições que levam **DN** a aceitá-las ou não. Assim, como exemplo, Imc pergunta “quem cozinha na sua casa quem? quem faz a comida?” Oferecendo em seguida uma possibilidade “sua filha?” o que leva **DN** a uma conclusão “Sim”. Observa-se um processo complexo, que vai além da escolha binária (sim/não), porque o que se diz está contextualizado em relação ao que se faz, e leva em consideração, também, detalhes como o olhar, a entonação e o comportamento do corpo. Além disso, esses eventos comunicativos contribuem para estreitar o conhecimento mútuo entre os participantes do grupo e dizem muito da relação do sujeito com a linguagem, no caso uma afásica que tem pouco contato com o mundo pela religião a que se vincula, o que restringe sua participação em certas situações vivenciadas no grupo, restrição que se quebra em algumas *situações de riso comum*.

Na situação comunicativa de 27/04/2004, após terem feito o passeio à exposição de Picasso no espaço da Oca-Ibirapuera, São Paulo, **Imc** solicitou que cada um contasse o que achou mais interessante. **DN** respondeu que gostou mais do quadro “a menina dos pés descalços”, que foi o primeiro quadro que ela viu na exposição. Nesse dia, **Imc** teve a idéia de enviar um cartão com flores para a diretoria do IEL, que proporcionou o ônibus para o passeio, e pediu que cada um escrevesse uma palavra relacionada à exposição. **DN** escreveu: descalço e escultura.

Nessa sessão, em especial, percebemos que houve uma mudança de **DN** no alinhamento da cabeça/do rosto, uma vez que nas sessões iniciais ela mantinha sempre a cabeça baixa. Essa mudança na sua postura é visível nos vídeos analisados, principalmente, quando começa a se interessar pela leitura do jornal. Isso, provavelmente, é efeito do estabelecimento de laços de afetividade que foram se construindo entre os membros do grupo desde a sua chegada, e, também, do fato de ter acesso à leitura/escrita, quando levanta os olhos para *ler*. Consideramos com naturalidade a idéia de que a aparência física e os movimentos do

corpo desempenham um papel em nosso relacionamento social. Eles exprimem uma parte de cada um de nós e, percebidos pelas outras pessoas, permitem captar certas características do nosso modo de agir. Acompanhando as gravações, a imagem que **DN** nos transmite através dos sinais corporais mostra satisfação e segurança.

5.3 Fotografias de RL

RL tem o 2º grau completo, estudante do curso técnico em bioquímica, tem conhecimento médio da língua inglesa, é torcedor do Corinthians, nasceu em Campinas e é solteiro. Em 27/02/2001, após um acidente de moto, teve um TCE e foi internado em coma, durante nove dias, no Hospital das Clínicas da UNICAMP.

Na sessão de 09/09/2002, **RL** foi apresentado ao Grupo II, juntamente com **DN**. Vejamos alguns momentos transcritos sobre ele nessa sessão:

Situação comunicativa 09/09/2002

Tópico: Apresentação de RL ao grupo

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Bom, hoje temos... quem é novo aqui hoje? que a gente não conhece?		
CF			Aponta para RL
RL	Eu		Levanta o dedo
Imc	Quem é ? ... Malu		
CF			Aponta para DN e depois para RL
RL	Quem não era?		
CF	Nova		Aponta para DN

Imc	Pera ai, nos temos um integrante novo, faz três semanas e também só um integrante, só uma pessoa nova?		Olhando para DN
IC	(um casal)		Mostra dois com a mão
CF	Aponta para DN e RL		
Imc	DN olha pra gente aqui ó, olha aqui para mim (no meu olho), então, temos a DN que hoje veio a primeira vez e ...		Estrala os dedos Aponta para RL
RL	R		
Imc	E o Re-gi-nal-do		
CF	[naldo		
RL	R		
Imc	Tem nome de jogador de futebol, não tem?		
CF	Ah Corinthians		
RL	Eu sou corintiano .		
Imc	Ele é corintiano		
CF	Ah ótimo		Pega na mão dele toda alegre
RL	Eu já.. já joguei bola no Guarani ...já		
Imc	Já jogou bola no Guarani ele foi jogador do Guarani do do time Junior ?		
RL	Do dente de leite		
Imc	Do dente de leite		
RL	E por azar... com doze anos eu quebrei o tornozelo e tive que por o pino... tive que parar de jogar bola		
Imc	A então o que		
CF	Olha:::		

Imc	que aconteceu com ele quando ele teve doze anos?		
Imc	Quebrou o tornozelo e teve que por um pino		
CF	[zelo ... pino		
RL	Dois		Mostrou com os dedos
Imc	Dois pinos		
CF	Pino ah [e'saw]		Pega no ombro se confundindo com o tornozelo
Imc	Aqui oh ... tornozelo aqui oh pé teve que por pino		Mostrando o pé
CF	Oh gente		
RL	Aqui eh do tornozelo... que eu vi aqui eh do acidente meu		Arrasta a cadeira para mostrar tornozelo
Imc	Bom ele teve duas ...então esse do tornozelo você caiu?		
RL	Não deram um carrinho em mim		
Imc	Carrinho sabe o que que é um carrinho? do futebol?		Dirigindo-se a todos do grupo
RL	O cara pulou e e veio por baixo		
Imc	O cara pula com os dois pés, né? pula com os dois pés , ai quebra mesmo, bom ai ele quebrou e não pode mais jogar futebol		Faz um movimento de impulso com as mãos
CF	Oh senhor		
RL	A só podia brincar né?		
Imc	Brincar, mas não profissional		
CF	Credo		

Tópico: O Acidente de RL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Então, vamos perguntar o que que aconteceu com ele, por que que ele tá aqui e depois para a DN, né DN?		
DN			Balança a cabeça afirmando
RL	Oh éh o seguinte... no carnaval de de dois mil e ... eu tava em Campinas... tava com uma amigo meu		
Imc	No carnaval de dois mil e		
RL	E um		
CF	Um		
RL	Né? eu tava com um amigo meu, nós fomos pro bar do mineiro, ou (caseiro) não lembro daí ...	Ritmo acelerado	
SL	De (ônibus)?		
RL	De moto.		Olhando para SL
CF	Opa ah::		Gesticula estar andando de moto
RL	Isso. de moto perto do barzinho da alemã. ele bateu a moto no poste. ai . um amigo meu morreu, eu fiquei nove dias em coma, quinze dias sem abrir o olho, um mês sem falar, quatro meses sem memória, oito meses sem andar, tem uma médica aqui da Unicamp, uma enfermeira que dizia que eu tava morto, já que quinze dias aqui sem (comer)	Ritmo acelerado	
CF	[coma		
Imc	RL, fala um pouco mais devagar, porque assim ele fala muito e blau blau e come as palavras		

RL	todo mundo fala isso, no carnaval, eu sofri um acidente de moto, bati num poste	Ritmo acelerado	
Imc CF	Acidente de moto [moto		
RL	Bati num poste... um amigo meu morreu		
Imc	Que era o motorista		
RL	Era motorista... eu fiquei nove dias em coma... quinze dias sem abrir o olho, um mês sem falar, quatro meses sem memória, oito meses sem andar, faz um ano e seis meses e eu não tô no normal ainda se (coferi) que foi violento o acidente	Começa compassadamente e aumenta o ritmo	Gesticula bastante com as mãos
Imc CF	Então, e agora o que que ele, qual é o problema que ele tá manifestando agora? essa coisa do ritmo da linguagem [agem		
Imc	hauhauhauhau		Gesticula com as mãos
CF	Ah [e'saw]		
Imc	Do ritmo		
RL	(ela falou em linguagem)		
SL	//segmento ininteligível// de conversa //segmento ininteligível// (enfermeira)		
Imc	Do acidente		
SL	Eh pra falar agora		
CF	Calma		Faz um gesto apontando todo mundo que esta na mesa
Imc	Calma, Bete! calma, Bete!	exclamando	
CF	Oh senhor!		
RL	//segmento ininteligível// e cabeça, eu to com problema na voz, o lado direito meu tá meio		

	dormente aind, por causa que eu bati a cabeça do lado esquerdo, né?		
Imc	Hum hum		
RL	<i>//segmento ininteligível//</i> Foi uma pequena lesão cecerebral		
CF	[bral		
RL	Não da nem pra ver, né?		
CF	Olha		pega em Imc e aponta para RL
Imc	Tá falando bem		
CF	Ótimo		
RL	Não da nem pra ver no (exame)		
Imc	Precis... não da mais pra ver a lesão		
CF			Bate na mesa toda eufórica
Imc	A lesão		
RL	A lesão não, porque eu não (conheço) você, eu não sei, né?		
Imc	Vamos ver, né?		
RL	Mas é muito pequena		
Imc	É, então, então, é falar um pouco mais devagar		
CF	[gar		
RL	Tá bom, já falaram pra mim isso.		
Imc	Né , IC?		
IC	Eh::		Balança a cabaça afirmando
Imc	GS		

GS			Só balança a cabeça
Imc	Quando a gente não entender, DN, AC, SL, RL, OS, quando a gente não entender um ao outro, a gente pergunta: ó fala mais devagar		
CF	[gar		Apontando para cada um deles
Imc	Fala de novo, que nem né? cada um tem, cada um de nos tem um ponto fraco.		
CF	[fraco		

Contar sobre o que aconteceu logo na entrada para a comunidade CCA é uma forma de os sujeitos se identificarem uns com os outros, por algo em comum que trazem na linguagem, no corpo, na percepção, na memória, ou seja, no estado de afasia com que passam a conviver. RL após o TCE, ficou, como ele mesmo afirma, “*nove dias em coma... quinze dias sem abrir o olho... um mês sem falar ... quatro meses sem memória... oito meses sem andar... faz um ano e seis meses e eu não to nonormal ainda... se (coferi) que foi violento o acidente*”. Considerando a neuroplasticidade (ou plasticidade neural) que se refere à capacidade dos neurônios de se transformar e de adaptar a sua estrutura e função em resposta às exigências externas e internas do organismo, podemos afirmar que a neuroplasticidade permitiu a recuperação parcial das funções cerebrais de RL.

No estudo neurolingüístico de Pereira, (2006), Linguagem e aspectos vísuo-espaciais: uma abordagem discursiva, a autora toma o conceito de (neuro)plasticidade⁷ para argumentar em favor dos avanços produzidos no seguimento terapêutico de JS que, pelo quadro neurológico que apresenta, deveria estar associada uma demência, o que

⁷ Lent (2001, p. 135, *apud* Pereira, 2006) define plasticidade como a capacidade de adaptação do sistema nervoso, especialmente a dos neurônios, às mudanças nas condições do ambiente que ocorrem no dia-a-dia da vida dos indivíduos. Trata-se de um conceito amplo que se estende desde a resposta a lesões traumáticas destrutivas até as sutis alterações resultantes dos processos de aprendizagem e memória. Toda vez que alguma forma de energia proveniente do ambiente de algum modo incide sobre o sistema nervoso, deixa nele alguma marca, isto é, modifica-o de alguma maneira.

não ocorre no período estudado. Referindo-se à comunidade CCA, a autora chama atenção para os efeitos que um ambiente discursivamente orientado podem ter na plasticidade do SNC, ou seja, nos arranjos e rearranjos neurais que ocorrem. É característica desse ambiente que os sentidos não se estabelecem previamente, que a interlocução seja vivida, que o funcionamento lingüístico seja heterogêneo e incompleto, que outros sistemas de base semiótica circulem pelo espaço discursivo, que o jogo de imagens entre os interlocutores não seja fixo. A relação entre discurso e plasticidade é uma estrada de mão dupla. O próprio cérebro precisa de um ambiente sempre desafiador para que suas potencialidades se apresentem e para que os processos cognitivos funcionem em toda sua complexidade. Esse ambiente que afeta o cérebro, por sua vez, também afeta a linguagem.

Nessa sessão, **RL** relata que teve problema de memória logo após o acidente automobilístico. Dois anos depois de participar do CCA, em 2004, o que pode ser observado no trecho transcrito, a seguir, ele continua se queixando de que não recuperou sua memória. RL se queixa dos problemas de memória porque a relaciona à amnésia temporária que se manifestou no período em que ficou internado. Entretanto, no decorrer das sessões, percebemos que RL não tem problema de trazer para o presente cenas recém-acontecidas (a chamada memória de curto prazo - que produz um registro temporário) e nem cenas mais antigas (a chamada memória de longo prazo que registra por mais tempo eventos pessoais, coletivos e factuais). Assim, como verifica Freire em sua tese de doutorado sobre linguagem e memória (2005, p.166):

Saber dizer e se fazer compreender, interpretar o que é dito, expressar o que se conhece e reconhece do mundo, recordar para contar ao outro suas memórias não depende de um conhecimento prévio dos recursos expressivos da língua, mas sim de operações de construção de sentidos dessas expressões na situação dialógica, de um e outro interlocutor.

A evocação de palavras, gestos, cenas, afetos, cheiros etc. ocorre em situações enunciativas, em contextos determinados, sobretudo na relação com as pessoas, em relação às pessoas e aos contextos. O que RL relata como falha de memória, após ter se recuperado do acidente automobilístico, é comum no contexto de normalidade. Assim, o que ele relata posteriormente, não é estranho aos processos que constituem a memória. Nesse sentido, a sensação de perda da memória a que RL se refere é algo que pode se dar com pessoas que como ele ficam à margem da convivência e de experiências psicossociais mais amplas. Como o próprio **RL** afirma, abaixo, a sua memória está ruim, mas ele tem que exercitar, uma vez que ficou dois anos sem estudar: essa ausência de convivência com pessoas de sua idade e com os conhecimentos veiculados no curso de química que fazia é que dificultam o trabalho da memória.

Freire (2005) nos ajuda a pensar a questão da queixa de RL sobre sua memória. Ela se serve de Freud para desenvolver seu estudo e qualifica a memória conforme esse autor:

A memória, tal como Freud a descreve [1895/1990, 1896/1990], registra as vivências do sujeito e é, portanto, passível de modificações ao longo da vida. Corpo e mundo se relacionam em virtude do que pode ser recordado e, portanto, repetido. O que se lembra é, em certa medida, ajustado às necessidades do sujeito e à realidade objetiva: os registros são selecionados em virtude da atuação do eu que tem sua atenção voltada para os signos de realidade, sejam eles de natureza perceptual ou lingüística. Assim conteúdos lembrados ou pensados se tornam conscientes. O funcionamento da memória depende não só da integridade do aparato neurofisiológico para regular o grau de resistência das barreiras de contato, mas também de um eu ativo - orientado pela atenção psíquica - para inibir níveis elevados de prazer e desprazer, selecionar os melhores trajetos, direcionar as catexias. (Freire, 2005, p.87)

Destaca-se que uma vez, em 2005, inserido no Cursinho Machado

de Assis, no IEL, RL deixa de se queixar da memória porque há o que compartilhar, esquecer e se lembrar. Como parte das aulas do cursinho, RL tem a tarefa de ler em voz alta poesias de SL (integrante do grupo e recém-falecido), o que ele também faz nas sessões do CCA, como forma de homenagear o amigo e enfrentar o controle da velocidade de fala.

Situação comunicativa 04/08/2004

Tópico: A memória de RL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Curso técnico em bioquímica?		
RL	eh		
Imc	E corresponde ao colegial, né?		
RL	É mais		
Imc	É mais, né?		
RL	É mais que o colegial, é perto da faculdade.		
Imc	E como tá você, lá?		
RL	Não, a minha memória tá ruim, lá minha memória tá muito ruim		
Imc	Mais tem que prestar atenção no professor, no que ele tá falando		
RL	Ah:: eu acho também que eu tenho que exercitar		
Imc	Quanto tempo faz que você não estuda?		
RL	Ah:: eu parei em...		

Imc	Faz dois anos, né?		
RL	É, eu fiquei um ano e meio afastado, depois voltei, eu acho que eu tava mais desanimado, mas, agora, to mais animado		
Imc	Mas tá conseguindo anotar as aulas? Entender o que o professor explica?		
RL	Então, eu peço pra ele, mas eu não consigo anotar rápido		
CF	Eh oh [e'saw] oh		
Imc	O quê? Porque às vezes a gente pensa que a memória tá ruim		
RL	Não, mas a minha, eu sei, tem prova amanhã, aí, eu estudo, eu to assistindo aula, mas, quando chega na prova, eu esqueço tudo		
Imc	E você conversou com os professores, eles sabem do seu caso?		
RL	Eu falei com eles		
Imc	E a parte de conversa, você tá falando com os alunos? Tá interagindo?		
RL	Ah:: tá tudo normal, eu tô falando bem, tô falando normal, dá pro pessoal entender		
Imc	Vai mais devagar às vezes porque quando você pega dispara e não para ... dá umas pausas respira porque às vezes ele fecha o olho e vai		

No trecho transcrito acima, além da questão da memória, **RL** fala

sobre a questão da velocidade de sua fala e percebe as variações de velocidade em sua fala comparando-a com a fala dos outros. Ele faz o julgamento considerando que o seu ritmo é acelerado. No grupo, há um trabalho, em conjunto, para a diminuição da velocidade de fala na leitura e na fala espontânea. Essa diminuição da velocidade de fala é voluntária, mas, no decorrer do processo de integração de **RL** no grupo, vai se tornando cada vez mais automática. Esse trabalho acontece de forma contextualizada, esse é um grande diferencial nos estudos que se desenvolvem dentro da Neurolingüística Discursiva. Atualmente RL foi inserido em um grupo de estudo de voz vinculado ao Curso de Fonoaudiologia, no CEPRE/UNICAMP, sob a responsabilidade da Profa. Dra.Lúcia Mourão, o que o tem ajudado muito.

Na situação comunicativa abaixo, RL brinca com a palavra “como” e suas possibilidades de significado: *como* - com o significado de: igual a uma onda e *como* –o verbo comer conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo. Possibilidades que fazem parte do seu conhecimento lingüístico. Vejamos:

Situação comunicativa 02/03/2004

Tópico: Um trocadilho: como uma onda, o guloso

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
RL	Imc ah música é da... é do (gugulosos) né?		
Imc	O quê?		
RL	Como uma onda.	Tom de humor	
Imc	É do Lulu Santos.		
RL	Como uma onda.		

Imc	Ah::como uma onda, me perdoe, você fez um trocadilho daqueles bem...	Tom de humor	
Iff	Ô eu acho que o pescoço do dunga tá// <i>segmento ininteligível</i> //		Iff passa o Dunga, personagem que aparece no grupo quando alguém ultrapassa certos limites, em respeito aos partipantes.
Imc CF	Ele é pesado pra caramba [ramba		
Imc	Será, fala ai o quê cê falou oh::		
RL	Eu falei que a musiquinha ,que a música é do guloso, como uma onda, e a Imc disse do Lulu.		
Imc	Como uma onda	risos	

De modo geral, os afásicos são considerados de forma negativa pela sociedade. A sociedade

vai bem: cada um toma o seu café e se precipita para o trabalho, não sem antes ter enfrentado... o trânsito ou a multidão apressado no metrô; conversa com colegas, toma decisões, telefona para clientes, escreve cartas executa ordens. Depois é a hora do almoço; a gente aproveita para ir ao banco. Cada um volta para casa e se reintegra à vida familiar: novas conversas, outras discussões, pequenos problemas a resolver, decisões a tomar; é preciso controlar as lições das crianças... contas a pagar... E nem perdemos o fôlego com essa maratona cotidiana!...Logo vão chegar as férias. Ih! Não podemos esquecer de fazer reservas: colocar isso na lista de telefonemas a dar amanhã. Assim, o cérebro reflete, raciocina, memoriza, decide, calcula decodifica e produz uma enormidade de mensagens. O corpo se ativa, se desloca, se alimenta, repousa. Simples rotina na vida de

cada um. O mundo do afásico agora é restrito. (Le may, 1995),

É através da linguagem que assumimos nossa posição na sociedade e que somos reconhecidos como a pessoa que somos. Por isso o afásico tem mais dificuldade para aceitar os problemas verbais do que os problemas motores. A sociedade vive a toda velocidade, mas a velocidade do ritmo da fala de **RL** pode comprometer a inteligibilidade do que diz e agir contra ele. No CCA, **RL** comenta suas dificuldades e a superação delas como pode ser observado,

Tópico: Atitudes do grupo sobre a forma de RL falar

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	E a parte de conversa, você tá falando com os alunos? Tá interagindo?		
RL	Ah tá tudo normal eu tô falando bem... tô falando normal, dá pro pessoal entender		
Imc	Vai mais devagar, às vezes, ... porque quando você pega, dispara e não pára ... dá umas pausas... respira... Porque, às vezes, ele fecha o olho e vai		

Qual a impressão da fala de RL pelo grupo?ele mesmo responde:

Situação comunicativa 02/03/2004

Tópico- Atitudes do grupo sobre a forma de RL falar

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais

RL	Ehn Michelli, o SL disse que eu não pareço afásico, e esse aqui disse que eu pareço bom, aí eu falo: tô bom, só venho aqui pra tumultuar sabe?		
Ims	Só vem pra complicar a situação	risos	

Na sociedade, a fala de RL não é valorizada. No CCA, ao contrário, sua dificuldade é acolhida e orientada; o olhar do grupo volta-se para o potencial humano. Consideramos aqui, mais uma vez, a atitude de Coudry (2002) que afirma que *há linguagem na afasia quando há sujeito* e que afásico e não-afásico partilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua. Sabemos que para conhecer uma língua não é suficiente apreendê-la somente do ponto de vista gramatical; é necessário, também, saber o que é social e culturalmente aceitável entre os seus falantes. O conhecimento, que combina o saber gramatical com saber social, constitui a *competência comunicativa* dos indivíduos, e esses saberes são integrados nas situações comunicativas da comunidade CCA.

5.4 Fotografias de DZ

DZ estudou até a 5ª Série, é operador de máquina, canhoto, casado. Em 2000, teve um AVC, com paresia de membros inferior e superior. Apresenta pouca seqüela em membro inferior. Segundo o Departamento de Neurologia, os exames RM e SPECT mostram alterações compatíveis com infarto cerebral nas regiões Têmporo-parieto-occipitais esquerdas. O estudo de seu caso deu início ao projeto da aluna Murai, “Escrita e letramento na afasia: estudo de um sujeito canhoto” - interrompido por DZ ter se mudado de Campinas e arrumado um emprego.

Na sessão de 11/11/2002, estavam presentes **OS, RL, SL, CF, MM, DN, ICS** e **Imc**. Nessa sessão, **DZ** foi apresentado ao grupo. Após contar como ocorreu seu AVC, participou do evento comunicativo em que o grupo narrava os acontecimentos do noticiário sobre o futebol e liam a capa da revista “Veja”. No fim da sessão, a investigadora provoca o grupo para que percebam diferenças entre DZ e os demais, DZ comenta suas dificuldades em torno da escrita/leitura, atividades envolvidas na sua profissão, além de se queixar de uma *gagueira* que não se confirma quando ele fala.

Vejamos alguns trechos transcritos da situação comunicativa 11/11/2002:

Situação comunicativa 11/11/2002

1 Tópico: Adivinhar o que DZ tem de diferente dos demais

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Ele se acha, vamos voltar pra DZ, o que é que o DZ tem que ninguém tem?		
SL	Ah, mas aí eu não sei		
Imc	Oh DZ, onde é que foi o seu derrame, você sabe?		

	Onde foi?		
DZ	Foi aqui do lado		Pega do lado esquerdo da cabeça
Imc	Que lado que é esse? Que lado que é esse?		
CF	Ai oh [e'saw]		
Imc CF	Lado esquerdo [querdo		
Imc	Todo mundo aqui teve do lado esquerdo?		
RL	Eu, eu não tive derrame		
Imc	O seu foi um (trauma), mas quem que teve derrame?		
MM			Pega no lado direito
SL	Não você você tem...		Aponta para MM
Imc	O direito, a parte motora, mas o derrame foi do esquerdo, o dele foi do lado esquerdo, mas ele tá falando sem nenhum problema, por que será?		
CF	Ai [e'saw][e'saw]		
Imc	Por que será?		
RL	(vo::z) não cortou né?		
CF	Ai [e'saw]		
RL	Não cortou a voz, né?		
Imc	O que controla a voz.		
RL	Ah uma parte do cérebro		
SL	Aqui oh tan tan		
Imc	Por que que ele tá falando tão bem, se ele teve uma lesão do lado esquerdo, que nem vocês? Tá falando tão		Pega do lado esquerdo da testa

	bem,. tão//segmento <i>ininteligível</i> // como ele é, ele não mudou a parte da fala, cada um de vocês mudou, não mudou? Você não mudou?		Falando com SL
Imc	A senhora não mudou, dona DN, o jeito?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	dona IC, seu MM, CF...		Todos balançam a cabeça afirmando
Imc	Ele não mudou		
DZ	Mas eu... eu ainda.. quando eu não tinha o derrame, eu falava normal... agora, depois do derrame, eu gaguejo um pouco		
Imc	Você tá gaguejando tanto DZ	Tom de brincadeira	
DZ	Antes eu falava bem rápido, agora não sai nada.		
SL	Então, puxa (deveria falar muito rápido mesmo) porque se não...		
Imc	Poxa! ninguém tá entendendo.		
CF	Nada [e'saw][e'saw]		Bate palma
Imc	O que será que ele tem?		
CF	A fala		aponta para DZ
Imc	Fala você, o que que é que você é diferente? Você é destro ou canhoto?	Falando com DZ	
DZ	Eu sou canhoto		
SL	Ah, então, é isso.		
CF	Oh tchu tchu nhoto		

DZ	Agora se eu fosse direito //segmento ininteligível// essa mão não me ajudava		
Imc	Isso, como ele é canhoto, ele pode continuar escrevendo com a esquerda.		
CF	Olha e[‘saw]e[‘saw]		Aponta para a lousa
SL	Oh oh //segmento ininteligível// começa a sua...		
Imc	Não, aqui todo mundo é destro //segmento ininteligível// porque a representação do cérebro com a mão é cruzada, né? e a linguagem tá geralmente representada no nosso cérebro do lado esquerdo, pra quem é destro. Pra quem escreve com a direita, ele é o contrário, ele teve uma lesão do lado esquerdo, mas como ele é canhoto, ele tem vantagens sobre nós ... é uma população pequena, mas que tem vantagem, porque nada afetou na linguagem, a não ser essa gagueira que ele disse que tem.	Todos dão risadas	
Imc	Mas enfim, ele tá um pouco hesitante, mas perto de outras dificuldades, você tem muito menos, o que que ele reclama, qual é a queixa, por que que ele tá aqui? Porque a escrita dele, parte da escrita tá com mais problemas, né DZ?		
DZ	É		
Imc	Então, ele vai mexer com a escrita.		

DZ	<i>//segmento ininteligível//</i> alguma coisa eu não consigo ler <i>//segmento ininteligível//</i> pra escrever “Campinas”, não entra na minha cabeça como se escreve Campinas.		
Imc	Também, ele tem uma lesão posterior.		
CF	[e'saw] [e'saw]		
Imc	Foi a escrita, então, a gente vai trabalhar mais a escrita		
CF	[crita olha		
Imc	O dele, ficou preservada a área da linguagem oral		
SL	Mas o agora <i>//segmento ininteligível//</i> que você <i>//vai fazer para voltar escrever//</i> voltar, eu acho eu não sei, né?		
Imc	Não! como é que volta? Mexendo trabalhando.		
CF	Olhando, oh, senhor! os sem trabalho		
Imc	Então, aqui, tem, vocês sabem que aqui tem computador, a CF fez <i>//segmento ininteligível//</i> os alunos também podem ajudar vocês, a gente vai fazer um trabalho de pesquisa sobre <i>//segmento ininteligível//</i> de um jeito que ... para arrumar um emprego, ele tava contando que tudo o que ele vai fazer tem que preencher ficha, aí ele se dana ele ... porque a pessoa pensa que ele é bobo que ele não sabe		
CF	Ai oh [e'saw]		
Imc	E as, viu DZ, e as dificuldades que você sente na escrita		

	<i>//segmento ininteligível//</i>		
CF	Oh, senhor!		
Imc	Tem na cabeça, mas não sai <i>//segmento ininteligível//</i> cada um tem uma dificuldade.		
RL	Se você sabe escrever, só não entende é o <i>//segmento ininteligível//</i>		
SL	<i>//segmento ininteligível//</i> foi quando <i>//segmento ininteligível//</i>		
Imc	Onde você tava quando teve o derrame?		
DZ	Eu tava em casa.		
CF	Olha! senhor !	Tom de exclamação	
DZ	Eu tava em.. ai... essa mão aqui... minha... ela caiu assim... eu fiquei preocupado, mas o que que tá acontecendo com a minha mã?o.... que eu não sinto?... ela, assim, movimentando? Eu não conseguia levantar ai foi pra o hospital ouro verde	Falando da mão direita	Olhando para a mão direita

Para falarmos sobre a atitude de **DZ** frente à afasia, é preciso considerar determinadas questões socioculturais, que não apenas possibilitam o reconhecimento da sua condição, mas também servem de estímulo para que o afásico assuma a atitude de pensá-la, abandonando certos preceitos em que ele próprio se vê como naturalmente dependente e, portanto, incapaz.

Em “*Mas eu... eu ainda... quando eu não tinha o derrame, eu falava norma, agora, depois do derrame,... eu gaguejo um pouco*” e em “*Antes eu falava bem rápido, agora não sai nada*”, verificamos que há a atitude, por parte de **DZ**, de mostrar que era socialmente capaz, no que tange à leitura e à escrita, e que após o AVC vem alcançando resultados muito limitados. Dessa forma, verificamos o abismo imposto entre o que

se convencionou chamar o "normal" e o "patológico".

As situações de comunicação são o ambiente “natural” para o exercício de atividades linguageiras que se desenrolam em zonas de cooperação social estabelecidas. Essas atividades são orientadas por objetivos que são da ordem da vontade (inter)subjativa e implicam uma representação do seu efeito no âmbito da cooperação e da interação sociais. É o julgamento social que delimita as ações. Nesse sentido, a atividade pode também ser definida como um sistema de ações. De maneira mais concreta, uma ação da linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos. Tendo em conta as diferenças de formas orais e escritas entre produção, compreensão ou memorização, podemos distinguir diversas modalidades instrumentais de realização das ações na/da linguagem.

No trecho transcrito da sessão de 11/11/2002, é possível observar que apesar de pensar que gagueja e que não fala bem, tem consciência de que o seu maior problema está relacionado à necessidade de escrever, como Imc relata que *“ele tava contando que tudo o que ele vai fazer tem que preencher ficha, aí, ele se dana ... ele porque a pessoa pensa que ele é bobo, que ele não sabe”*. Verificamos nas sessões que **DZ** não gagueja. No entanto, para ele, falar bem é não hesitar, não estabelecer pausas, uma vez que esses fenômenos são incompatíveis com o que se imagina sobre a fluência, nesse caso, na língua portuguesa.

Um conjunto de fatores que vai desde pequenas atitudes pessoais e formas de pensamento até a transformação, mudança ou mesmo enfrentamento de âmbito social, envolvendo familiares e instituições está ligado aos problemas que **DZ** enfrenta por causa da afasia, uma vez que para a sociedade o “bom falante” é o indivíduo cuja performance comunicativa engloba: discurso objetivo, claro, fluente, contextualizado, respeitando as normas formais da língua.

Na situação comunicativa de 17/03/2002, podemos verificar que, na realidade, **DZ** não perdeu a leitura e a escrita. Com relação à leitura, ele

relata que passa pelo fenômeno do “deu branco” em determinados momentos. Sabemos que **DZ** estudou até a 5ª série, mas, pelo seu relato, verificamos que ele somente cultivava algumas práticas sociais que usam a leitura e a escrita, como a leitura da parte policial de um jornal, com as imagens ali apresentadas, como em “*Não sei... tem uns jornalzinho que eles entregam ... os folhetos de... só de assassino ... que mataram em São Paulo... mataram em Campinas*” e em “*É, eu acho que é esse mesmo, quando eu tava trabalhando todo dia... eu comprava um jornalzinho e ai... na hora do almoço... eu ficava lendo ele*”. Com relação à escrita, lembramos aqui que a maior dificuldade de **DZ** é escrever com a mão esquerda que ficara paralisada. De forma geral, apesar de **DZ** se queixar de perda de fluência na escrita, quando questionado por Imc “*Certo e você tinha o hábito de escrever também ou não?*” ele respondeu que não “*Não de escrever também não*”, observa-se que sua prática de escrita estava relacionada a preenchimento de formulários. Destacamos, nesse trecho, o interesse que vai se constituindo pelo que diz o novo integrante do grupo, o que se insere naturalmente na dinâmica de funcionamento da comunidade de fala do CCA.

Situação comunicativa 17/03/2003

2 Tópico: Leitura e escrita de DZ

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Não ... mas saiu daquela fase ruim, nossa, o DZ, você consegue ler manchete? Como tá a sua leitura? Ou tá tudo difícil?		
DZ	Alguma coisa eu sei ler, mas, de repente, da uma <i>//segmento ininteligível//</i> que a paciência <i>//segmento ininteligível//</i>		
Imc	Você não tem paciência pra insistir, mas você consegue ler palavras assim? Aqui, você consegue ler o que nessa manchete ?		

DZ	É		
Imc	Tem um acento então é é		
DZ	É		
Imc	E essa palavra aqui, você consegue, forma ela inteira na sua cabeça?		
DZ	Hoje		
CF	Olha olha		
Imc	Eh hoje		
DZ	O dia da verdade		
Imc	Verdade		
CF	Oh, senhor!		
Imc	E, hoje é o dia da verdade, diz Bush, então, você lê, você lê mais devagar do que você lia?		
DZ	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Não, mesmo ritmo, o que que ocorre ? você se sente cansado?		
DZ	Dá uma fadiga, não tem paciência pra continuar lendo.		
Imc	E antes você tinha ?		
DZ	Não		
Imc	Ué! então você não tinha antes da lesão, você não lia antes ?	Tom de exclamação e questionamento	
DZ	Eu lia		
Imc	Hum, mas antes você não tinha fadiga?		
DZ	Não		

Imc	Você lia normal?		
DZ	Normal		
Imc	E você gostava de ler?		
DZ	Não, não gostava muito de ler não...pra dizer que eu não gostava muito não.		
Imc	Mas o que que você lia em geral		
DZ	Assim o jornal assim eu lia		
Imc	No trabalho você lia alguma coisa?		
DZ	Lia		
Imc	O que que você lia no trabalho?		
DZ	Ah principalmente...		
Imc	Manual de instrução, construção		
DZ	Não sei... tem uns jornalzinho que eles entregam ... os folhetos de... só de assassino ... que mataram em São Paulo... mataram em Campinas		
Imc	A o jornal		
DZ	É um jornalzinho	Pausa	
DZ	Jornal do sindicato	Pausa	
DZ	Não é do sindicato, é de São Paulo		
RL	<i>É um famoso //segmento ininteligível//</i>		
Imc	Diário Popular?		
RL	É Diário Popular... né?		

DZ	É ... eu acho que é esse mesmo ... quando eu tava trabalhando todo dia... eu comprava um jornalzinho e ai... na hora do almoço... eu ficava lendo ele		
Imc	E ai pra saber as notícias		
DZ	É eu sabia as notícias tudo falava sobre futebol notícias em geral		
Imc	Certo, e você tinha o hábito de escrever também, ou não?		
DZ	Não, de escrever também não.		
Imc	Não... mas você escrevia.		
DZ	Mas eu escrevia.		
Imc	É agora, você tá com dificuldade de escrever?		
DZ	Só o meu nome		
Imc	Você só escreve o nome?		
DZ	Só o meu nome,		
Imc	Que não sai legal,		
DZ	Inclusive, por exemplo, se eu for fazer um cheque, eu não preencho o cheque, só assino o cheque, pra mim assinar um cheque, eu tenho que ponhar a minha letra corrida direto.		
Imc	Se você pensar...		
DZ	Se eu parar um pouquinho		
Imc	É interessante isso, parou fica com dúvida?		
DZ	Eu já estraguei um monte de folha de cheque com esse negócio.		

Imc	Se for cinqüenta reais, você tem que escrever cinqüenta reais rapidinho?		
DZ	Não, cinqüenta reais eu nem escrevo, só o meu nome só.		
Imc	Só a assinatura, então é isso, que a Ims vai trabalhar com você		Bate palma
CF -	[Oh [e'saw][e'saw]		
Imc	Você também quer? A Cf que tudo.		
CF	Oh [e'saw][e'saw]		
Imc	Vamo fazer uma coisa, aqui, agora, vamo tentar soletrar os nomes das pessoas aqui, soletrar o que que é soletrar?		
SL	(dar o nome) da letra		
Imc	O nome da letra, é o nome da letra ... o, no Brasil, não é em todo lugar que se soletra da mesma maneira, né? por exemplo, aqui em São Paulo você vai aqui no <i>//segmento ininteligível//</i> biotônico Fontoura, lembra do biotônico Fontoura? lembra da propaganda b a ba ?		
CF	B i bi oh senhor!		
Imc	B a ba b e be bi bi-o-tônico Fontoura quer dizer b a ba ó b a isso aqui vai dar o quê? Ba		
CF	[e'saw][e'saw]		
Imc	B a ba... b e be		
RL	B e be		
Imc	Olha, b com é da be, b com a da ba, né ?tem um jeito		

	de soletrar que não é da gente não é isso?		
CF	Olha [e'saw][e'saw]		
Imc	Todo mundo quer ... cada um soletra o próprio nome, pra ver se a gente lembra dos nomes das letras		
DZ	E tem outra coisa também que eu queria falar, eu posso ler uma letra, assim, mas aí, de repente, se passar dois minutos, eu não sei o que tá escrito		
Imc	É como se fosse uma palavra nova, né?		
DZ	É ai tem que começar tudo de novo		
Imc	Então, nos vamos soletrar o nome de todo mundo aqui na sala, tá? Junto, vamos fazer juntos.		
SL	//segmento ininteligível// o meu nome é pequeno	Todos dão risadas	
Imc	A CF escreveu aqui que letra é essa?		
CF	C		
Imc	CF Fonseca, agora, vamos soletrar CF vamos?		
Imc	Ceu		
CF	[Ceu		

Observamos em várias situações comunicativas que ocorrem na prática clínica com a linguagem desenvolvida no CCA, a preocupação com o letramento enquanto condição de transformação de condições cultural e social, ou seja, preocupação com o *modo* de viver na sociedade, a *inserção* na cultura, a relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais. Enfim, relacionamos essa prática clínica ao aprimoramento do estado ou condição que um grupo social ou indivíduo adquire como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

A competência comunicativa, como visto aqui neste trabalho, no capítulo 3, está relacionada ao repertório comunicativo de um falante. Na comunidade CCA, as práticas com a linguagem levam à utilização profícua desses saberes por seus partícipes. Assim, as marcas que reafirmam a história de **DZ**, dentre outros, que constituem e reforçam o patológico, vão sendo redimensionadas e focalizadas naturalmente nas diferentes práticas com a linguagem que se exercem no CCA, condição que os ajuda a superar certos limites impostos pela afasia, bem como os fortalece para que recorram a processos alternativos de significação (COUDRY, 1986): outras formas convencionais ou não que o próprio sistema da língua dispõe; sentidos construídos pelo trânsito entre sistemas verbais e não verbais que torna possível restaurar o dizer. Há no CCA, assim, o compartilhar de limites e possibilidades com outras pessoas, afásicas e não afásicas, que, por sua vez, também vivem a incompletude da linguagem.

5.5 Fotografias de SL

SL é Graduado em administração, funcionário público, fotógrafo profissional, escreve poesias e é casado. Em 03/11/ 2001 foi acometido de um AVC, têmpero-parietal-occipital esquerda, por cardiopatia, como seqüela apresenta hemiparesia à direita nos membros superior e inferior.

A primeira sessão de **SL** foi em 26/08/2002. Nessa sessão estavam presentes **Imc** e **C**, investigadoras, **IC**, **CF**, **AC** e **OS**. Ao ser apresentado, o grupo fez perguntas para o novo integrante.

Situação comunicativa de 26/08/2002

Tópico: Apresentação de SL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais

SL	Você eh dis ... dis		
Imc	Destra		
CF	Eh:: detra		
SL	Eu sou vagabundo	Tom de brincadeira Risos	
CF	E óh óh me:: éh óh óh		
Imc	O senhor! eh daqui ou de Sumaré?		
SL	Samaré/		
M	Sumaré		
SL	E vê, você eu tive tá/ da das as da da ti ti	rindo	
M	Nossa de vez em quando canária [nário/		
CF			
Imc	Canária		
CF	[e'saw]		
SL	//segmento ininteligível// mercado		
Imc	Supermercado		
SL	Ti/		
Imc	O senhor teve um supermercado		
SL	Eh tive um maré/		
Imc	O senhor teve um supermercado em Sumaré.		
SL	anos antes de separar maré/		
Imc	Ah:: o senhor teve antes de separar Sumaré de Campinas		
SL	Outo/ outo/		
Imc	Hortolândia né? isso		

SL	Morava lá então eu era ainda de São Paulo		
CF	[Paulo eh::		
SL	Do mer/ de maré/		
Imc	Do supermercado né isso? de Sumaré?		
SL	Foram separar		
Imc	Separar tudo junto		
SL	Onde era ah Horto/		
Imc	Hortolândia era tudo junto		
SL	Era tudo junto, aí separou de Sum/ ...		bate na mesa e faz expressão de cansaço
Imc	Ai que esforço		
CF	Me/ [e'saw] me/		
SL	Uns seis sete anos		
Imc	Lá em Sumaré?		
SL	Tinha de tudo	rindo	
MC	Tinha de tudo		
CF	Soumaré/		
SL	Sou/ faltava falar o difícil	rindo	
Imc	O senhor não fala o difícil		
SL	Não eh eh que preciso ...		
Imc	Agora precisa melhorar essa fala né?		
CF	Eh::		
Imc	Mas , de vez em quando, vocês perceberam a dificuldade dele, de vez em quando as palavras [

CF	lavras		
Imc	Os sons se encaixavam e ficava aquela coisa ai limpa		

Na situação comunicativa 26/08/2002, no momento em **SL** tenta falar a palavra Sumaré, verificamos que ele demonstra cansaço, emoção, e surpresa. Além disso, rejeita a condição de afásico a que está submetido. A expressão facial indica, juntamente com o cerrar do punho e o bater na mesa expressando, que seu poder verbal esta falhando. Para ele, o difícil está em falar “maré”, onde há a tonicidade da palavra. A instabilidade da sua fala é comentada por Imc que diz *“Mais de vez em quando vocês perceberam a dificuldade dele de vez em quando as palavras / Os sons se encaixavam e ficava aquela coisa ai limpa”*. A instabilidade na fala repercute no seu humor, pois o deixa, às vezes, irritado, como pode ser observado na transcrição abaixo. Afirmamos isso porque no decorrer das sessões, sua disposição de ânimo para contar piadas, fazer brincadeiras e trocadilhos é interrompida por essa instabilidade. Se verificarmos ainda na transcrição acima, veremos que, de forma divertida, **SL** se refere a ele mesmo como “vagabundo”.

Situação comunicativa 11/11/2002

Tópico: Instabilidade e irritação de SL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	O que será seu O? O o que será que ele tem que a gente não tem? O que que a baiana tem?		
CF	Tem tantanta		cantando

SL	Cabelo é cabelo		coloca a mão na cabeça (careca)
Imc	Cabelo sim ele tem e você não tem		
CF	Há há há [e'saw][e'saw]		Pega na cabeça de SL
SL	Mas //segmento ininteligível//		pega no cabelo
Imc	Tá nascendo tá nascendo		
SL	//segmento ininteligível// médio		
Imc	Remédio		
SL	Há há há		Risos
Imc	Vai ajudar o seu visual assim vai mudar o seu visual		
SL	//segmento ininteligível//		Irrita-se por não conseguir falar
Imc	Mas?		
SL	É muito bom		

Nessa sessão, verificamos a instabilidade na fala de **SL**, mais uma vez. Podemos perceber a necessidade da colaboração do seu interlocutor, em meio às dificuldades de expressão e pausas. Mas, pensando como Coudry (2002), como já apresentado no item 2.2 desta tese, quem nunca participou do sentimento/atitude de incompletude frente à linguagem e à língua? As situações enfrentadas por **SL** que o levam a ter menos controle sobre o que diz não impedem que ele participe das sessões. Através da cooperação de alguns falantes, em particular, e de interlocutores ratificados, fala mais seguido do que outros participantes, em virtude de sua capacidade de atrair a atenção de interlocutores ratificados, na grande maioria das vezes, contando piadas ou fazendo trocadilhos. Assim, a língua apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua quando usada não só pelos afásicos, mas também pelos sujeitos “não-cérebros-lesados”. Nesse sentido, a dispersão, a contradição, a

incompletude, a falha, o equívoco constituem o real da língua e tanto o imaginário quanto o real são intermediados pelo simbólico. O real é aquilo que não pode ser dito pela língua (pelo sistema), mas é apreendido pela discursividade, isto é, pela ordem do simbólico; esta é a representação do real da língua pela linguagem; o real se opõe ao simbólico e vice-versa.

Ao invés de uma língua lógica ou sistêmica ou idealizada, a posição teórica postulada aqui trabalha com o que Pêcheux nomeia como “real da língua”. O real da língua, diz o autor, se encontra na disjunção entre a ordem própria à língua com seus efeitos. É uma ordem exterior, “remetendo para uma dominação a ser conservada, restabelecida ou alterada” (Pêcheux, 1981, p. 27). Se o próprio da língua é a possibilidade do deslizar significante, produzindo efeitos de sentido, e os poetas bem sabem disso, essa ordem exterior, à qual Pêcheux se refere, aponta para as coerções gramaticais e lingüísticas sempre evocadas em nome da clareza e da coerência.

Se na fala SL tem essa instabilidade - própria da afasia, no caso a que incide no eixo paradigmático (Jakobson, 1969) - ou seja, na seleção de palavras que se combinam no eixo sintagmático, o que o faz hesitar e desistir de muitas de suas iniciativas verbais; diferentemente, pela escrita ele consegue fluir melhor a comunicação, por isso recorre a ela para suprir as dificuldades de fala, em muitas situações. Destaca-se que, em 2005, SL retomou a escrita de poemas [que trabalha prioritariamente com o eixo paradigmático e com a tradução intersemiótica de que fala Jakobson (op. cit.)], o que teve efeitos positivos na fluência da sua atividade oral.

No trecho transcrito abaixo, podemos verificar que há uma sintonia, como o próprio grupo indica, entre **SL** e **RL** na contagem de piadas e na elaboração de chistes.

Situação comunicativa 02/12/2002

Tópico: Piadas e chistes

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
SL	Eu... ele vamos fazer		Aponta para RL
Ibd	Dupla sertaneja?	Todos dão risadas	
SL	Há há há eu faço a primeira e ele a marcha ré.	Risos	
DN			Olha para o lado coloca a mão na boca e da risada
Ibd	Olha RL vai sobrar pra você		
SL	Eu faço a primeira e você faz marcha ré		
Ibd	Ele é responsável pelas piadas do grupo		
SL	Não () eu não consigo falar		
RL	Ele só gosta de contar piada suja		
Ibd	é ou não ou não		
RL	Aquela do Lula é um pouco suja.		
	...		
RL	<i>//segmento ininteligível//</i> quinze minutos <i>//segmento ininteligível//</i> não tem ônibus lá		
SL	A cidade cidade de primeira		
Ibd	Se passar a Segunda		
SL	Se passar a Segunda tchau há há há	Risos	
RL	Tem lá na placa: bem vinho! ... ai, você lê o outro lado, tem escrito volte sempre	Todos dão risadas	
Ibd	A senhora tá percebendo que aqui eles não poupam ninguém, eles não poupam ninguém, ninguém, tudo é motivo pra piada inclusive o próprio Corinthians que vai ter depois uma sessão especial		

	...		
Ibd	Perguntar qualquer coisa pra RL DZ IC DN pode perguntar pra eles qualquer coisa menos pedir pra contar piada há há há	Risos	
SL	a do elefante sabe?		
Ibd	A piada do elefante?		
Ics	Vai com calma seu SL		
Ibd	Deixa eu lembrar o senhor que temos senhoras na verdade só temos senhoras aqui temos o DZ R eu e você de homem na verdade as mulheres estão em maioria		
SL	Tinha um elefante e um búfalo		
RL	Idéia do Lula		
SL	E um alemão ... eu não contei?		
RL	Pra mim não		
SL	Que o alemão tava no <i>//segmento ininteligível//</i> a mulher ir buscar <i>//segmento ininteligível//</i> pra ela		
RL	O quê?		
Ici	Ir buscar um copo d'água pra ela		
SL	<i>é//segmento ininteligível//</i>		
Ici	Prá mulher ir buscar		
SL	A mulher prá buscar <i>//segmento ininteligível//</i> foi ele dois três quatro <i>//segmento ininteligível//</i> a Maria falou pro alemão: vai pomar na cozinha!	todos dão risadas tom de brincadeira	
Ibd	Gente, gente		
SL	Mas pode uma coisa dessa <i>//segmento ininteligível//</i>		
Ibd	Só porque a Imc não ta aqui eu queria ver contar essas piadas na		

	verdade...		
Ics	O que você acha da gente contar pra ela?		
Ibd	Exato ... Olha o nível das piadas ... olha o nível		

Nesse trecho transcrito da sessão 02/12/2002, podemos observar que pela dinâmica de funcionamento do CCA – que se apresenta como um lugar ao mesmo tempo de pesquisa, formação e assistência - há investigadores que deixam de frequentá-lo como há os que passam a fazê-lo. E isto tem se mostrado muito produtivo porque é similar ao que ocorre na vida em sociedade, onde há historicidade, imprevistos, irregularidades, assim como regularidades e cristalizações. Mas há sempre um investigador que coordena os trabalhos do dia; na sessão em foco, **Imc** não estava presente e foi coordenada por alunos da Graduação e Pós-Graduação do IEL.

Na maioria das sessões, os participantes falam um de cada vez. Mas há interrupções, sobreposições e assaltos nas interações, como em qualquer atividade coletiva em que todos podem e têm o que falar. O cuidado do investigador que coordena é equilibrar – o que nem sempre é possível – os intuitos de dizer para que todos possam se manifestar. O coordenador dá a palavra a cada um em função desse equilíbrio. Mesmo assim, pelas diferenças entre os sujeitos, há quem fale mais, há quem fale menos; outra condição similar ao que ocorre em nossa sociedade. A tomada da palavra por qualquer participante também ocorre, como acontece com frequência com **SL** e **RL**. Os turnos podem ser do tamanho de uma palavra, ou do tamanho de uma frase, ou mesmo um balançar de cabeça e o silêncio, como no caso de **DN**.

Observamos que na dinâmica do CCA, há sistematicamente transições de um participante para outro, caracterizadas por intervalos curtos ou sobreposições breves; enfim, verificamos que há regras para tomar a palavra, mantê-la, desistir dela, o que também ocorre na nossa

sociedade.

A próxima situação comunicativa ilustra o equilíbrio pretendido e a sobreposição de vozes, momento em que **Imc** alerta os integrantes sobre necessidade de dar oportunidade a todos nas conversas, isso porque o ato-seqüência, ou seja, a ordem para a tomada da palavra pode ser sempre quebrada com o fenômeno da sobreposição, como pode ser observado no trecho transcrito abaixo:

Situação comunicativa 09/03/2004

Tópico: Falar e ouvir

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Sabe que tem uma coisa que a gente tem que conversar um pouquinho		
SL	Uhn::		
Imc	Claro que tem, todo mundo, aqui, tem pessoas que falam mais, e outras que falam menos, seu OP fala pouco, dona IC fala pouco ou fala muito?		
IC	POU - CO		
Imc	SL fala pouco ou muito?		
Ici	Pouquinho		
SL	eu comecei a falar		
Ici	Quase não fala		
Imc	Eles tão mentindo eles tão mentindo ô seu Y	Tom de humor	
SL	Eu comecei a falar, mas antes eu não falava moderadamente	risos	
JS	Eu falo modera...		
Imc	Moderadamente, um europeu do norte, moderadamente, se fosse um italiano (um matinho um matinho)		CF entra na sala

JS	Olha tem pessoas que repetem.		
Imc	Então, a gente podia fazer esse esforço de falar e ouvir... pode tomar água, ela já trabalhou tanto que já tá com sede.	risos	CF aponta para o filtro

Observando os videoteipes, verificamos que há uma grande contribuição do sujeito ouvinte para a organização da interação (com o verbal e o não verbal) como o que ocorre com **DN** e **Imc**, **SL** e **RL**. Apesar dos estudos apontarem para o fato de que o comportamento de falantes e ouvintes se diferencia principalmente pelo fato de o falante se comunicar através da linguagem verbal e não verbal e o ouvinte se comunicar somente de forma não verbal, isso não é o que ocorre no grupo, uma vez que o afásico exercendo o papel de falante exige a participação do ouvinte enquanto falante para construir seus turnos, como pode ser observado no trecho transcrito a seguir. Observamos nesse trecho que **RL** fala de seu acidente antes que **SL** contasse a piada do bêbado que atravessou o poste e morreu. Começa falando de um acidente que se parece com o seu se referindo ao período do *carnaval* e a um *bar*, fazendo seus interlocutores pensarem que estava bêbado, o que ele acaba confirmando. É interessante destacar nesse trecho o que ocorre em muitas outras situações discursivas, ou seja, uma sintonia entre **RL** e **SL**, quase uma cumplicidade: enquanto o primeiro fala de (seu) acidente, o segundo aproveita o tema, como humor negro, para contar uma piada de bêbado e poste.

Situação comunicativa 02/03/2004

Tópico: Acidente e piada

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
RL	Foi no último dia de carnaval de dois mil e um num/ bar		

Iff	Num precisa nem dizer mais nada.		
Imc	Nada, já entendi tudo.		
RL	Não, mas eu tava bom.		
Imc	O carro que num tava	Risos	
RL	Não carro ... a moto		
Imc	A moto		
RL	O poste o poste		
SL	O poste que estava na frente		
Imc	O poste		
Iff	O poste tortinho		
RL	Não, não na minha vista que eu tava ... bêbado, eu não deu pra... não bater no poste	Risos	
Imc	Não deu pra você.	SL deu risada	
Iff	O poste, o poste		
Imc	Eu queria saber como o poste anda ?	Risos	
RL	Então		
Iff	Ele jura que ele viu, ele viu		
RL	Foi assim...		
SL	Teve que atropelar logo, oh:		
Imc	Não tinha outra coisa? logo, o poste?		
SL	O cara chegou bêbado, né? ele seguro no poste, né? que o mundo eh ô o o que o mundo vira não, não		
Imc	Pera ai que eu não ouvi nada pera ai		
SL	Um bêbado atravessou um poste.		

Imc	Um poste.		
SL	E falou assim		
RL	Morri		
SL	O mundo agora ...e meu casa vai passa por aqui		
Imc	A minha casa vai passar por aqui	Imc deu risada	
Iff	a minha casa vai passar por aqui ai fica esperando lá, né? [
SL	não não		
Imc	Ah ca ...o poste, não tem ninguém na hora... que passar, sai na hora passa e entra		
SL	Eh verdade isso ai		

Na situação comunicativa de 02/03/2004, **Imc** comenta que recebeu a árvore genealógica da sua família e **SL** mostra um livro sobre a árvore genealógica da família dele. Com isso trabalha-se no grupo com uma dentre as diversas modalidades das chamadas “práticas sociais da memória”. Na prática (clínica) com a linguagem que se exerce no CCA, outras práticas sociais da memória fazem parte dos eventos comunicativos: histórias de vida; da doença – como se pode observar no primeiro contato de um sujeito no grupo; álbuns de família; visitas a museus, patrimônios nacionais; atividades com o corpo realizadas em conjunto (oficinas; dramatizações); narrativas históricas e comemorações. Essas práticas têm importante papel nos processos de produção e manutenção de identidades e memória individuais e coletivas.

Após acompanharmos a inserção de **DN**, **DZ**, **RL** e **SL**, no grupo II do CCA e a trajetória de cada um entre 2002 e 2004, afirmamos que, independente do grau de escolaridade, partindo da relação língua(gem), cultura e sociedade, a atitude deles, como sujeitos cérebros-lesados, com dificuldades que decorrem da afasia, quando inseridos em práticas

discursivas/comunicativas, se mantém sujeitos de linguagem na sociedade.

Com relação à atitude dos pesquisadores do CCA, a partir do que foi observado na prática clínica com os sujeitos cérebros-lesados, afirmamos que a atitude deles é a de inserir os sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos, através dessa prática clínica em que não se separa língua(gem), cultura e sociedade, o que pode ser verificado no decorrer deste capítulo.

Ressaltamos, neste capítulo, que faz parte da dinâmica dessa comunidade receber visitas e se integrar com a família dos sujeitos que dela participam, o que será abordado nos próximos itens através do evento comunicativo *visitante no CCA*, dos depoimentos que constam no documentário *Afasia* e da relação entre **GS** (mãe) e **Inl** (sua filha), ambas participantes do CCA.

5.6 Fotografias de visitantes no CCA: Pe e Prof. M

A história de vida e da doença é um tema recorrente nas sessões do CCA. Além das histórias dos sujeitos que participam do centro, há sempre a visita de pessoas que passaram por experiências semelhantes, como por exemplo, a visita do artista plástico **Pe**.

Antes de receber **Pe**, ocorreu uma conversa prévia sobre o visitante para introduzir o tema da próxima sessão, conhecimento importante para os afásicos se sentirem mais à vontade com o visitante. Vejamos:

Situação comunicativa 25/11/2002

Tópico: Planejando a visita de Pe

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	//segmento ininteligível// Pe, que aprendeu pintura depois de afásico		

CF	Ah		Bate palma
Imc	E ele virá aqui pra fazer uma palestra... contar como aconteceu esse processo, e faremos uma exposição dos quadros dele, ou aqui no CCA ...ou então ...tem um restaurante do lado, chamado espaço cultural, que é um lugar que tem ... que a gente pode organizar a exposição dele lá... todos juntos, podemos organizar essa exposição lá... o que que vocês acham? Então, a gente faz aí um café gostoso //segmento ininteligível// faz um verdadeiro comes e bebes, o que que vocês acham? Porque o legal é que ele se tornou um artista plástico ...um pintor, depois de afásico, né? Então, ele explorou, ele teve contato com uma coisa que ele não conhecia.		
SL	Mas ele já era...		Faz um gesto de tempo passado
Imc	Não, mas ele não era pintor antes, depois que ele ...		

Em 16/12/2002, **Pe** visitou o CCA, fez a exposição dos seus quadros e contou a sua história. Os integrantes fazem perguntas sobre os quadros e sobre a vida dele. **Imc**, logo no início, pergunta a **Pe** se não seria melhor que eles fizessem perguntas. Isso faz parte da dinâmica do CCA e tem sido eficaz para que ocorram possibilidades de dizer, com os recursos que os afásicos dispõem, o que confere naturalidade às diferentes formas que os sujeitos lidam com as modificações produzidas pela lesão.

Situação comunicativa 16/12/2002

Tópico: O material para pintura

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Pe	Eh:: eu eh :: sentimento os quadros é caro //segmento		

	<i>ininteligível</i> // sentimento e ::: as caras eh:: vai eh::		
Imc	MA (Pe) ajuda se a gente fizer pergunta? Então a gente pode fazer perguntas ai fica mais tranquilo pra você e ... uma coisa você tem muita coisa pra <i>//segmento ininteligível</i> // como é que você ... surgiu esse talento como é que começou esse história?		
Pe	Pintar eh::		
Imc	Foi depois que você teve o AVC		
Pe	Isso		
Imc	Antes?		
Pe			Balança cabeça negando
Imc	Nada?		
CF	Nada		
Imc	Nada vezes nada		
Pe	Mas a Laura pequena		
Imc	É a sua filha?		
Pe	Eh isso eh:: (ele sente)		
Imc	Presente?		
Pe	Isso eh:: <i>//segmento ininteligível</i> //		
Imc	Você ganhou o material de presente ?		
Pe	Isso		
CF	Olha gente pinta		
Pe	<i>//segmento ininteligível</i> // e pra frente começar		
Imc	E não parou mais e não parou mais		

Pe	Não eh:: pincel e mais nada e::		Balança a cabeça negando
Imc	Quer dizer que quase foi por acaso que você ganhou o presente		
Pe	Exato		
Imc	Da sua filha Laura		
Pe	Exato		
Imc	Pincel uma tela		
Pe	Mais faz tempo		Estrala os dedos
Imc	Faz tempo		
Pe	Dois anos não eh::		Mostrando o número três
Imc	Três anos um dois três		Contando nos dedos

O texto transcrito a seguir é um diálogo entre Imc e Pe sobre o estilo de sua pintura, o que **Pe** fazia antes do AVC (**Pe** era fotógrafo) e sobre a sua concepção de vida. **Pe** conta que a vida lhe ensinou que estar doente é outra fase da vida (**Pe** – “*Não seu eh sentimento eu eh a vida ensinou isso isso eh ei acho eu um dois três quatro cinco seis... doente não outra fase da vida mais eh mais () afasia*”) e Imc compartilha desse pensamento dizendo que um outro sentido da palavra afasia está relacionado à palavra *fase* (**Imc**: “*você sabe que um dos sentidos da palavra afasia é relacionada com as fases da língua (querendo dizer lua, referindo-se a um texto clássico de Broca, uma carta dirigida a Trousseau, em 1864, em que o autor defende o termo afasia, de autoria ainda questionada)? Você sabia disso? Que a palavra fase faz parte da palavra afasia?*”). Ela se apóia nesse sentido e o relaciona à nova frente que a pintura abre na vida de **Pe** para se expressar.

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
-----------------------	-------------	--	--

Pe	Eu vi um livro, a cultura do estilo <i>//segmento ininteligível//</i> buscando, eh buscando		
Imc	Você não sabe onde isso vai parar mais tá buscando ...		
Pe	Exato.		Aponta para Imc
CF	Eh eh [e'saw] buscando		
Pe	Eu acho eu acho eh:: Campinas eh:: eu acho eh::		
Imc	A exposição, aqui, você tá fazendo uma exposição aqui?		
Pe	Não		
	...		
Pe	Eh:: sem serra eh <i>//segmento ininteligível//</i> a vida me ensinou então eu eh:: <i>//segmento ininteligível//</i> e isso e isso aprender eh:: buscando eh:: aprendendo isso eh:: fundo		Aponta para o quadro se levanta da cadeira
Bri	Aprofundando		
Pe	Isso a terra eh a a terra eh ... mais eh:: <i>//segmento ininteligível//</i> isso eh depois eh futuro isso e isso <i>//segmento ininteligível//</i>		Apontando para o quadro
Imc	A gente chama você de MA ou Pe?		
Pe	Os dois		Faz com a mão o número dois
Bri	Você trabalhava com fotografia né?		
Pe	Isso		
Bri	Você continua fotografando?		
Pe	Não		
	...		
Pe	Então, eu gosto, a vida é espinho eh ah isso... não a vida eh::		Apontando para o quadro

Imc	Tá projetada ai?		
Pe	Exato isso aqui serve, eh:: os (quadros) não, eh fundo mais fundo.		
Imc	Fundo mesmo!	Tom de exclamação	
Pe	Verdade a vida //segmento ininteligível// mais eh::fundo		
Imc	//segmento ininteligível// o SL também é::		
RL	Oh fotógrafo, também, fotógrafo		
	...		
Ci	Que mistério né? Inexplicável que vai encontrar no mundo		
Pe	Não, seu... é... sentimento, eu, eh:: a vida ensinou isso, isso, eh:: eu acho, eu um, dois, três, quatro, cinco, seis... doente, não outra fase da vida, mas é mais //segmento ininteligível// afasia		Contando cada integrante do grupo levanta o braço
Imc	Você sabe que uma das outras fases, você sabe que um dos sentidos da palavra afasia é relacionada com as fases da língua? Você sabia disso? Que a palavra fase faz parte da palavra afasia? Como outra fase		
Pe	Eh eh eu não sei		
Imc	Não é uma palavra fechada tem essa ... abertura que você ta expressando com a pintura expressando a emoção projeção quando você falou outra fase		
Pe	Exato eh:: fase fase eh outra vida eh eh		
Ci	Outro processo		
Pe	Outro processo exato		
Imc	Você acha que a pintura na sua vida //segmento ininteligível// reconstruiu restituiu //segmento ininteligível// papel?		

Pe	Eh::		
Imc	//segmento ininteligível// talento?		
Pe	Exato eh::		
Ci	Depois ele fica da a impressão que ele tá voando sobre o corpo você não vê mais esse //segmento ininteligível// que ta ai atrás ele //segmento ininteligível//		
	...		
Imc	Deixa eu te perguntar uma coisa sobre esse quadro?		
Pe	Hum hum		Balança a cabeça afirmando
Imc	Uma projeção de cima e embaixo //segmento ininteligível// essa outra esse renascimento ai ate o//segmento ininteligível// você tem vida tanto na parte superior quando inferior dos pássaros //segmento ininteligível// baixo		
CF	Baixo [e'saw]		
Imc	Só que não tem verde em baixo só em cima		
Já	É uma projeção exata de uma //segmento ininteligível//		
Já	//segmento ininteligível// seria uma árvore //segmento ininteligível//		
Imc	Negativo com negativo		
Já	É uma arvore com um lago alguma coisa assim		
Pe	Eh mais isso		Aponta para o quadro
Imc	Sem vida?		
Pe	Sem vida não eh simples é		
Imc	É uma imagem ?		

Pe	Sim //segmento ininteligível//		Balança a cabeça afirmando e apontando para o quadro
Imc	Sujeira?		
Pe	Eh		
CF	Oh, senhor! Gente! Oh, senhor !	Tom exclamativo	
Pe	Sujeira não é sujeira é::		
Imc	Sem sujeira ?		
Pe	Sujeira mas é antes		
Imc	A outra fase		
Pe	Mas passarinho é isso, é isso é:: é simples, isso, isso, isso é eu//segmento ininteligível// é		Aponta para o quadro
Imc	A vida, o verde		
CF	[e'saw] [e'saw] vida verde		
Pe	É verde		
CF	[e'saw] [e'saw] [e'saw] [e'saw]oh senhor		
Malu	Agora deixa eu perguntar uma coisa a parte de baixo //segmento ininteligível// é antes do AVC? Ela é antes do AVC? //segmento ininteligível// rotina		
Pe	É::		
Malu	A tua vida antes era // segmento inteligível// hoje //totalmente diferente// e tua vida era maior do que era antes? Você enxerga a vida de uma outra forma?		
Pe	Isso		Aponta para Malu
CF	Olha gente		
Pe	É fotógrafo		
Imc	Fotógrafo		

Pe	Nossa, eu é, desculpa, mais fotógrafo.		
Imc	Você era um bom fotógrafo.		

Na situação comunicativa 16/06/2003, houve a participação do professor **M** (lingüista e antropólogo) que sofreu um AVCi transitório. **M** contou sua experiência com o AVC, o contato com os médicos e fonoaudiólogas (o médico ao avaliar os seus exames falou que não se tratava de uma área nobre, ele escutando tudo associa os dizeres do médico aos dizeres de um corretor de imóveis). A fonoaudióloga o fez repetir os fonemas em série, o que ele achou ridículo. **M** relata que se sentiu pequeno, muito perto da morte e pensou “*puxa! Eu deveria ter posto o visa no débito automático, pensando como Veríssimo, essa é a verdade que se revela na hora da morte.*” Lembrou que foi tratado como um idiota, com brincadeiras como: “*ele fugiu do hospital para comer coxinha, primeiro de abril!*”. Conta como foi a sua volta ao trabalho e afirma que o AVC mudou a sua vida, que lhe mostrou que tinha um corpo, como se fosse um ritual de passagem, de uma fase da vida para outra. Mais uma vez percebemos a concepção da doença como uma outra *fase* da vida, e, nessa mesma sessão, **Imc** comenta que a afasia interrompe abruptamente as relações com o outro e o mundo.

Situação comunicativa 16/06/2003

Tópico: Prof. M: A suspeita do AVC e a angústia que passou

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Prof. M	Eh:: eu eh :: suspeitei que estava:: tendo um AVC //segmento ininteligível// fiquei um tempo sem conseguir falar, o braço ficou mais tempo sem movimento ... No hospital, o médico falou “ <i>aqui não é uma área nobre</i> ”, parecendo o dono de uma imobiliária, um corretor falando		Encenando como se estivesse segurando uma tomografia.

	sobre um imóvel.		
Prof. M	Eu eh:: me senti pequeno, fiquei perto de morrer e pensei puxa! Eu deveria ter posto o visa no débito automático, essa é a verdade que se revela na hora da morte... Inventaram que eu tinha fugido do hospital, o hospital é bom! Mas a padaria é melhor, eu estava no corredor, fui tratado ... como um idiota, com o boato que eu tinha fugido para eh:: comer... comer coxinha, primeiro de abril, nos fazem parecer besta.	Tom de indignação	

5.7 Retrato de família

Participam também do CCA, além dos afásicos, do pesquisador-líder e dos pesquisadores estudantes, os familiares dos afásicos. Qual seria o papel da família nessa comunidade? Os afásicos são levados ao CCA por seus familiares, que também fazem parte da comunidade CCA e participam de determinadas situações comunicativas (aniversários, festas de encerramento do semestre, oficinas).

A súbita interrupção da capacidade de se comunicar afeta todos os aspectos da vida do afásico e de suas famílias. Comumente, consideramos a família como um sistema estável, no qual cada membro desempenha um papel específico e complementar ao dos outros membros. A afasia interrompe o estado atual da relação familiar (que necessita ser reestruturada), cria ansiedade e gera novos comportamentos em todos os membros da família.

Imc relata a atenção dada à família, em entrevista para o documentário *Afasia*⁸, cujos depoimentos aparecem neste item.

A gente também faz uma orientação para os familiares... a gente explica o que que é o fenômeno da afasia, como é que é a forma de afasia que a pessoa está apresentando, de forma que a família possa

⁸ Documentário sobre Afasia, em 2003, elaborado a partir do Projeto Experimental de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Faculdade Hoyer. Hortolândia. Produtores: Césas Madioto, Claudionor Picorari, Granz Guimarães, Ruth Werder da Silva.

ajudar também, quer dizer, continuar conversando com a pessoa e não ficar falando dela em vez de conversar com ela, não deixar aquela pessoa só ficar assistindo televisão lá passivamente sem comentar com ninguém... tentar ter uma vida com ela da mesma forma que tinha antes da afasia - que é isso que é importante.” (Imc, documentário sobre Afasia, 2003)

A família também muda suas atitudes diante da afasia. Quer suas reações sejam drásticas ou moderadas, quer suas atitudes sejam adequadas ou negativas, são sempre uma resposta à estrutura familiar que se modificou, como pode ser constatado nos depoimentos (1), (2) e (3):

- (1) “No começo foi muito traumático, né? Foi muito duro.” CLAL – esposa de SL
- (2) “Eu não aceitei assim, eu não conseguia acreditar que aquilo iria fazer parte da vida do meu pai, né? Porque meu pai para mim sempre foi um exemplo de vida; e, quando isso aconteceu, eu não achava que ele conseguiria sobreviver com as limitações que o AVC .. com as seqüelas do AVC; eu achei que o meu pai não fosse aceitar isso para a vida dele.” MHAL - filha de SL
- (3) “Eu acho que o único que não superou ainda foi o meu filho, né? Porque ele já era assim bem introvertido, né? Agora então ele não sabe... ele não consegue. Às vezes ele está na mesa, o pai começa querer falar alguma coisa... assim então ele fica nervoso, ele TENTA se controlar, mas você vê que aquilo tá... fazendo mal para ele, sabe, ele não... mas ele tem paciência como o pai ajuda, né? Em tudo que é preciso, qualquer coisa que acontece, ele corre bem? Aconteceu alguma coisa, né? dá muita atenção, ele tem carinho mas ele não tem muita paciência. Eu acho que ele sofre de ver o pai nessa situação, né?” CLAL – esposa de SL

Com o impacto da afasia, mudanças ocorrem nos papéis familiares. Segundo Boisclair-Papillon (1995), a mudança nos papéis familiares; o sentimento de culpa em muitos dos cônjuges de afásicos frente à doença,

sentimento que, geralmente, é acompanhado por super-proteção; a manifestação de expectativas não-realistas quanto ao futuro do afásico; a perda do sentimento de compartilhar algo e a diminuição da satisfação sexual; a perda das atividades sociais e do lazer - são alguns dos problemas enfrentados pelo afásico e sua família.

É condição para progresso do afásico a manutenção do contato social e as atitudes afetivas e encorajadoras manifestas pelos que são próximos. Dessa forma o objetivo do CCA é, segundo Imc:

(...) uma integração mais completa, nunca se esquecendo que a incompletude é um traço humano, quer dizer, todos nós somos incompletos, mas a afasia é uma condição mais incompleta; então acho que ajuda essa convivência, o interesse pelo outro, a abertura de horizontes. Afasia (2003)

Nesse compasso é que se chega a um depoimento como o da filha de **SL**:

“Ele deu outro exemplo de vida, né? Que foi a superação. Aprendeu a viver com as seqüelas que ele tem, e eu nunca vi o meu pai reclamar, eu nunca vi o meu pai achar ruim das coisas, eu nunca vi o meu pai desanimar, então, para mim, foi muito mais um exemplo de vida do que qualquer outra coisa que eu pudesse vivenciar, né?” MHAL - filha de SL

É com pesar que notificamos que, em julho de 2006, **SL** passou para uma outra *fase* de vida...

5.8 Para além do CCA: GS e Inl disseminando os objetivos desta comunidade

Entre 2002 e 2004, fizemos algumas visitas à residência de **GS**, em Indaiatuba, que, como já informamos no capítulo 4 deste trabalho, cursou o ensino fundamental, é viúva, teve seis filhos, e usava a mão direita (destra) antes do acidente vascular.

Em 05/12/1997, **GS** sofreu um Acidente Vascular Cerebral

isquêmico (AVCi) com seqüela à direita (o laudo da Tomografia realizada em 08/12/1997 apresentou: AVCi recente frontal e dos núcleos da base à esquerda). A partir de 1998, sendo uma das primeiras integrantes do CCA, **GS** começou a participar do CCA, tendo sido levada pela Filha **Inl**, fonoaudióloga formada na UNESP *campus* de Marília.

Logo que ficou afásica, **GS** passava boa parte do tempo calada, como afirma a filha em entrevista com Imc, em 26/05/98. Chama a filha de *mãe* à noite, quando necessita ir ao sanitário ou por outra necessidade. Faz muitas parafasias, principalmente, com nomes próprios.

Inserida na comunidade CCA e tendo vivenciado à prática clínica com a linguagem seu estado de ânimo melhorou aos poucos. Começou a ter mais iniciativa para falar, a se auto-corriger quando diz o nome de um filho no lugar de outro (e são sete).

Analisando as sessões de 2002, observamos que ela está sempre ativa, leva revistas e jornais e discute as notícias com os amigos do CCA, participando das atividades, mesmo com a sua limitação motora. Em casa, joga cartas, e ganha. Ganhou da autora desta tese, mas foi muito divertido. Fala com hesitações, mas dialoga com as visitas. Gosta de ir ao cinema e a shows e leva tudo anotado na agenda para comentar com os amigos do CCA, vejamos:

Situação comunicativa 14/10/02

Tópico: Idas aos shows

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	A agenda é de dona GS que mora em Indaiatuba		
RL	Ah a senhora foi no show do RPM dia nove?		

Imc	Não ela foi		
GS	Fui		Balança a cabeça afirmando
Imc	Foi? No RPM também ai que delícia dona Ge foi em dois shows		GS Faz com a mão o número dois
GS	Foi		
Imc	Do RPM e qual foi o outro?		
RL	Daniel		
GS	Daniel		

Atualmente, **GS** aparece, às vezes, no CCA. A pouca frequência se justifica pelo fato de ter que ajudar a filha Inl a cuidar do pequeno Artur, seu neto.

Quanto a **Inl**⁹, fonoaudióloga, está cursando o Mestrado em Linguística (Neurolingüística), sob orientação de Imc. A autora desta tese acompanhou-a, algumas vezes, em seu trabalho no posto de saúde municipal, em Indaiatuba, e verificou que sua conduta clínica e a concepção de língua(gem) que a orienta são as que fundamentam a comunidade CCA. Em Indaiatuba, além do atendimento individual, ela conduz um grupo que multiplica a experiência do CCA com outros afásicos e não afásicos.

5.9 Algumas considerações sobre a comunidade de fala CCA

⁹ O pesquisador estudante - nos vários níveis de formação: graduação (iniciação, estudos monográficos e estágio) em Linguística, Letras e Fonoaudiologia; mestrado e doutorado (incluindo o Programa de Estágio Docente) em Linguística, além de pós-doutorado – sob orientação do pesquisador líder, Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, contribuem diretamente com sua pesquisa para o andamento da teorização da ND e da comunidade CCA, aqui, citamos alguns: Cinthia Ishara. (2004) Análise do funcionamento da linguagem em um caso de Jargonafasia: Aspectos fonológicos e morfológicos, Dissertação Apresentada ao IEL/UNICAMP; Claudia Mármora (2005) Uma hipótese funcional para (a) praxia no curso da doença de Alzheimer. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP; Fernanda Freire (2005) Agenda Mágica: linguagem e memória. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP Carla Pereira (2006) Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem discursiva. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP.

Consideramos que os conceitos da Etnografia da comunicação foram de grande utilidade descritiva e analítica para o estudo das interações produzidas no contexto específico do funcionamento da comunidade CCA.

Ao descrever e analisar essa comunidade, observamos algumas peculiaridades, cabendo ressaltar algumas. O CCA é uma comunidade que é fruto de uma história, de uma história de grupo e de uma história individual relacionada à afasia: sua vivência, seu estudo e a prática (clínica). Essa comunidade não apresenta anomalias, como o senso comum poderia esperar; quando surge instabilidade na comunicação, aflição para falar, pausas inesperadas, surge também a cooperação.

Essa comunidade rompe com a terapêutica tradicional (em que se nota a ausência da Lingüística para orientar a avaliação e o seguimento terapêutico; aquela que toma como erro fenômenos sintáticos, morfológicos, fonológicos), focada na doença e nas atividades metalingüísticas, como, por exemplo, a **prova de nomeação**, que consiste em mostrar ao sujeito um objeto ou figura a ser nomeada, solicita-se que o sujeito veja, escute e repita. Em seguida, escreve-se o nome da figura ou objeto e pede-se ao sujeito para escrever o nome da figura ou objeto; ou o **teste de leitura e nomeação**, que consiste em completar frases (por exemplo: “Eu corto o papel com a _____ (tesoura)” ou “Eu lavo as mãos com o _____ (sabonete)”, técnicas descontextualizadas). O **teste de repetição**: repita nem aqui, nem ali, nem lá.

Os participantes dessa comunidade estão mergulhados em eventos de diversas outras comunidades, sendo a família uma delas. Para analisar a comunidade CCA não utilizamos a língua como o elemento definidor, mas a prática clínica com a linguagem, um tipo de situação comunicativa que restaura o sujeito como indivíduo socialmente ativo.

Dessa comunidade participam: o pesquisador líder que é permanente e tem como objetivos e interesses entrelaçados na vontade de saber sobre a afasia e os processos relacionados a ela e transmitir esse

saber aos que ali se encontram; o pesquisador estudante – não-fixo – que compartilha dos objetivos e interesses diversificados em torno da vontade de saber sobre a afasia e os processos a ela relacionados; os afásicos - pessoas que são levadas por seus familiares, sendo a maioria fixa; mas há renovações entre eles (impedimentos de continuar, mortes, mudanças de cidade), que têm como objetivo a vontade de falar, escrever, ser sujeitos que agem com e sobre a linguagem; por fim o familiar – pessoa da família que leva os afásicos ao CCA – que tem uma participação eventual nas situações comunicativas e formam um outro grupo que se encontra toda semana embaixo do *flamboyant*, em frente ao prédio do CCA, para conversar, comer, fazer trabalho manual em conjunto, se ajudar.

O verbal, o não verbal, as pausas, as hesitações e o silêncio que aparecem nas situações comunicativas dessa comunidade fazem parte do repertório comunicativo do grupo, mas não são exclusivos dele, porque são fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo nos eventos comunicativos em geral, que são interligados e determinados por constituintes lingüísticos e por circunstâncias sociais, bem como culturais. As hesitações/disfluências comuns estão presentes na fala de todos os falantes. Incluem as pausas silenciosas hesitativas, as pausas preenchidas ("éh", "ãh", "mm"), os prolongamentos finais, as repetições de palavras e os falsos inícios. Nas situações aqui apresentadas, essas repetições de sons e sílabas, os prolongamentos iniciais e os bloqueios ("travamentos") ocorrem mais que o habitual; em outras ocasiões, ocorrem devido às condições enfrentadas pelo sujeito falante. Entretanto, quando isso ocorre, busca-se recursos no não verbal, como no caso de **DN**, ao gesticular com a cabeça, ou buscando o recurso da escrita, como no caso de **SL**. O interessante é que o recurso ao gesto, à escrita, à entonação/ritmo tem se apresentado aos afásicos como uma espécie de *contextura*, no sentido de Jakobson (1969), que restabelece o *dizer*.

6 Considerações finais

Como já no início do trabalho, afirmamos que *os problemas de linguagem como a afasia* podem ser estudados considerando a relação língua(gem), cultura e sociedade. No decorrer deste trabalho, buscamos caracterizar o CCA, a partir da prática (clínica) com a linguagem que nele se exerce, como uma comunidade. Os sujeitos afásicos nesta comunidade são atuantes no curso de suas vidas, através do exercício - reflexivo e intersubjetivo - com a linguagem, a memória, a percepção, o corpo, tal como que se estabelece na sociedade em que se inserem.

Pensando nos aspectos sociais e culturais da linguagem, oriundos dos estudos que surgiram a partir da área da Lingüística que se ocupa das questões e estudos sobre a relação entre língua, cultura e sociedade, ou seja, a Sociolingüística, mobilizamos, para a caracterização da comunidade CCA, conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados aos conceitos e postulados da Neurolingüística Discursiva. Dessa forma, por um lado, os princípios metodológicos como os conceitos da Etnografia da Comunicação foram de grande utilidade descritiva e analítica para o estudo das interações produzidas no contexto específico do funcionamento da comunidade CCA. A aplicação de conceitos como comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala nos levou a investigar diversos aspectos de natureza lingüística e sociocultural não estudados nessa comunidade. Para realizar os estudos neste campo, partimos do princípio geral de que a análise das interações considera fatores que não são exclusivos do âmbito lingüístico.

Por outro lado, a partir dos postulados da Neurolingüística Discursiva, da teorização proposta por Coudry (1986, 1993, 1995; 1999; 2002a, 2002b) e por diversos pesquisadores por ela orientados,

observamos que, nas situações discursivas/comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, heterogênea, onde há lugar para o equívoco, a reformulação, a hesitação, o silêncio, o riso, a cooperação, a fofoca, o comentário, a imaginação e todas as características da ordem própria e estrutural da língua quando usada também por sujeitos não cérebro-lesados. É essa pluralidade que dá vida à comunidade CCA e possibilita a vivência que nela se pratica, o que tem efeitos psico-afetivos, sociais e terapêuticos.

Levando em conta a noção de competência comunicativa, o conhecimento lingüístico, as interações, e o conhecimento cultural, podemos afirmar, mediante os dados apresentados nos capítulos 4 e 5 e no corpo deste trabalho, que os afásicos mesmo com as seqüelas que apresentam, não perdem a competência comunicativa e mantêm a vontade de falar. O estado unipolar de sua linguagem não os torna mais afásicos do que são: usam o eixo preservado, além de recursos alternativos (gestos, escrita, desenho), para participarem das situações comunicativas em que se inserem.

Dito em outras palavras, o grau e a natureza do comprometimento das funções lingüísticas pode ser diferente, entre os participantes cérebro-lesados do grupo. Dos sujeitos focalizados neste estudo, há quem apresente mais e menos dificuldades para se expressar, por dificuldade na combinação de unidades fônicas para formar unidades maiores (**DN**, **IC**, **CF**), ou por dificuldade de selecionar palavras e combiná-las com outras na cadeia sintagmática (**SL**), ou por disartria que modifica o ritmo da fala e causa tensão vocal (**RL**); ou por dificuldades de conter a seleção de palavras na cadeia associativa (**SL**); ou por dificuldades perceptivas que impedem o reconhecimento da escrita/leitura (**DZ**). Mas todos os sujeitos observados continuam exercendo papéis variados com a linguagem que têm: introduzem temas na conversação, mantêm esse tema, terminam as interações quando necessário, solicitam ajuda e ajudam os que precisam, utilizam sistemas semióticos verbal e não

verbal, atuando, assim *com e sobre* a linguagem.

Na visão discursiva da afasia, a confluência entre os sistemas verbais e não verbais é possibilitada pelas práticas significativas - interativas - que produzem juntos. Conforme Coudry (2002b), “justamente onde pode se dar um mar de palavras, uma pá de imagens, uma cesta de gestos, uma nuvem de cheiros, uma lua de canções, etc.”. Isso as *fotografias* de **DN**, **RL**, **DZ** e **SL** revelam.

Considerando a construção teórico-metodológica da Neurolingüística Discursiva, pensamos a relação afasia, linguagem, cultura e sociedade, para afirmar que o CCA é uma comunidade. Com isso, compartilhamos da concepção de linguagem - que sustenta essa área - ou seja, aquela que não se restringe ao sistema lingüístico propriamente dito, mas dele faz uso; que se torna significativa no seu acontecimento discursivo e, portanto, é sempre dependente de instâncias contextuais que se manifestam nos diferentes tipos de ação humana (na comunicação, nas relações interpessoais, na capacidade de julgar os valores, nas *opções solitárias* e reflexivas) e que se constitui e se renova a cada interlocução (COUDRY,2002a).

Acreditamos que, além de descrever e caracterizar o CCA como uma comunidade de fala, a partir da prática (clínica) com a linguagem, nela exercida, nosso estudo possibilita repensar os chamados “programas de reabilitação” correntes na prática terapêutica com sujeitos em estado de afasia, que pautam a avaliação e a terapia em tarefas essencialmente metalingüísticas (que ainda assim não recobrem a totalidade das atividades metalingüísticas) e não na linguagem em funcionamento e uso por sujeitos falantes. Com a descrição do funcionamento da comunidade CCA, a partir da prática (clínica) com a linguagem que nela se exerce, esperamos ter mostrado que esses sujeitos precisam – e desejam - conviver em sociedade para que suas vidas façam sentido e sejam retomadas.

Esperamos que, além disso, este trabalho tenha contribuído com o *Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados* -

CNPq: 521773/95-4 alimentando o Banco de Dados em Neurolingüística a partir das transcrições das fitas em VHS, entre 2002 e 2004, que constam nas situações comunicativas do grupo II; e contribuindo para a teorização solingüística da afasia. Nesse tocante, a Sociolingüística e a Etnografia da Comunicação podem ser utilizadas por outros estudos que tenham como foco a comunidade CCA e seu repertório comunicativo: o tom, os diversos gêneros, entre outros.

Além disso, partindo da interface com outras disciplinas, como Terminologia e Terminografia, poderá ser feito o levantamento dos termos que estão surgindo a partir da teorização da ND, o que servirá de ferramenta para normatização dos conceitos e termos para elaboração de traduções para outras línguas, o que, por sua vez, possibilita divulgar uma teorização que (re)pensa os programas de reabilitação e (re)inserção do sujeito afásico na sociedade. Uma vez que “*No man is an island, entire of himself*” (John Donne *Devotion XVIII*), o que faz parte do princípio fundante do CCA, ou seja,

Por que a gente chama Centro de Convivência? Porque é a convivência mesmo entre afásicos e não-afásicos ...e o que que nós fazemos lá? Tudo que não-afásicos fazem: então, lemos jornal, conversamos, fazemos fofoca ... contamos o que fizemos durante a semana, cozinhamos juntos, assistimos a um filme e comentamos, vamos fazer visitas pela região, conhecer a região e comentamos, ou seja, interagimos através da linguagem (Coudry)

Confirmamos, assim, que os corpos/sujeitos afásicos que vivenciam a prática (clínica) com a linguagem no CCA, num primeiro momento, mostram em sua história marcas que reafirmam a doença e destacam o patológico. Quando inseridos na comunidade CCA, compartilham seus limites e suas possibilidades com outras pessoas e redimensionam as possibilidades e os limites do corpo/sujeito e de seu papel social.

7 Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. e COUDRY, M. I. H. (2005) *Em torno de sujeitos e de olhares*, 2005(a sair).

ABERCROMBIE, D.. Voice quality and voice dynamics. In: *Elements of general phonetics*. Edinburg: University, 1967.

ALKMIM, T.M. Considerações sobre o campo da sociolinguística. In: Albano, E. et al. *Saudades da língua*. 1ª. Ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

AMATUZZI, M.M. *O resgate da fala autêntica*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1989.

ARGYLE, M. Non-verbal communication in human social interaction In: Hinde, Robert A. (ed): *Nonverbal communication*. Cambridge, New York: Cambridge Univ. Pr., 1972.

BACHMANN, C. et al. (1981): *Language et communications sociales*. Paris: Hatier-Credif, 1981.

BAKHTIN, Mikhail (Volochninov). (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y ara F. Vi eira. São Paulo : Hucitec, 1988.

BAUMAN, R. Speaking in the light: the role of the Quaker minister. In: Bauman, R. e Sherzer, J. *Explorations in the ethnography of speaking*. London: Cambridge University press, 1974.

BOISCLAIR-PAPILLON, R. A família do afásico In: PONZIO, J. et al. *O afásico – Convivendo com a lesão cerebral*. São Paulo: Santos Livraria editora, 1995.

BRITO, C. A pausa como elemento estruturador do texto conversacional. In: *Estudos Lingüísticos XXIII*. Ribeirão Preto, 1994.

BURKE, P. Anotações para uma história social do silêncio no início da Europa moderna. In: *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BUTTERWORTH, B. Evidence from pause in speech. In: *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, 1980.

CAGLIARI, L.C. A importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: Ilari, R. (org) *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. 2ª. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CASCUDO, L. C. *História dos nossos gestos*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia: USP, 1987.

COUDRY, M. I. H. (1986) *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

___ Neuropsicologia: Aspectos biológicos e sociais. In: *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística – Vol. I (38-57)*. Rodrigues, N. & Mansur, L.L. (eds). São Paulo: Tec Art., 1993.

___ *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*. São Paulo: TecArt Editora, 1995. v. IV. 1, 1995.

___ O que é o dado em Neurolingüística. In: Castro, M.F.P (org.) *O método e o dado no estudo da linguagem* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

COUDRY, M. I. H. Centro de Convivência de Afásicos: Fundamentos teóricos e metodológicos In.: *Anais do 1º Encontro do CELSUL*, Vol. nº 1. Florianópolis. 1997 a.

___ 10 anos de Neurolingüística no IEL. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* , 32: 09-23. 1997b.

___ Pressupostos teóricos e dinâmica de funcionamento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Mesa Redonda: Aspectos neuropsicológicos e discursivos: Centro de Convivência de Afásicos (CCA).In: *IV Congresso Brasileiro de Neuropsicologia*. Sociedade Brasileira de Neurologia, Rio de Janeiro, R.J., 1999.

___ Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002 a.

___ *Conceitos de Afasia: clássico é clássico e vice-versa*. Aula apresentada à Banca Examinadora do Concurso de Livre-docência do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002b.

___ *Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados*. CNPq: 521773/95-4 (impresso), 2006.

COUDRY, M. I. H. e POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: IEL/UNICAMP, nº5., 1983.

COUDRY, M. I. H., FREIRE, F. M. P., GOMES, T. M. *Sem falar, escrever e ler e ainda sujeito da linguagem*. *Revista eletrônica do GEL*, 2005.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: *Intonation*. 1^a ed. Cambridge: University Press, 1986.

FEDOSSE, E. *Da relação linguagem e praxia: Estudo neurolingüístico de um caso de afasia*. Dissertação de mestrado em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas: Campinas/SP, 2000.

FISHMAN, J. A. *Sociolinguistics: A brief introduction*. Rowley: Newbury House Publishers. 1971.

____ “Bilingual attitudes and behaviors”. In *Bilingualism in the barrio*. Bloomington, Indiana University. 1971.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: (22):9-39, 1977.

FRANÇOSO, E. *Linguagem Interna e Afasia*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 1987.

FREIRE, F. M. P. *Agenda Mágica: linguagem e memória*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP. 2005.

GUIRAUD, Pierre *Le language du corps*. Paris: PUF, 1980.

HEESCHEN, C. Introduction to Franz Joseph Gall. In P. Eling (ed). *Reader in the history of aphasia*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Co. 1994.

HYMES, D (1967) *Models of the Interaction of Language and Social Setting*, Journal of social issues, vol XXIII, n.º 2, pp 8-28. 1967.

____. (1973) *Vers la Compétence de Communication*. Paris: Hatier , 1984.

___ *Foundations in Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

___. *Foundations in sociolinguistics*. An Ethnographic Approach. Tavistock Publications, London, 1977.

HOUIS, M., *Anthropologie linguistique de l'Afrique noire*, Paris: PUF, 1971.

ISHARA, C. *Análise do funcionamento da linguagem em um caso de Jargonafasia: Aspectos fonológicos e morfológicos* Dissertação Apresentada ao IEL/UNICAM, 2004.

JAKOBSON, R. (1960). *Lingüística e Comunicação*. Trad. Isidoro Bliksteine e José Paulo Paes, São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

JAKOBSON, R. (1955) A afasia como um problema lingüístico. In: Lemle, M. e Leite, Y. (orgs) *Nova Perspectivas lingüística*. Petrópoles: Vozes , 1972.

___ (1969) Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1977.

LEBRUN, Y. *Tratado de Afasia*, São Paulo: Panamed, 1983.

LEMAY, M.-A. O afásico e a sociedade. In: Ponzio, J. et al. *O afásico – Convivendo com a lesão cerebral*. São Paulo: Santos Livraria editora, 1995.

LURIA, A. R. (1981) *Fundamentos em Neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: Neves, Maria Helena de Moura. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. VII: Novos Estudos. São Paulo e Campinas: Humanitas e EDUNICAMP, v. VII, p. 159-194, 1999.

MÁRMORA, C. H. C. *Uma hipótese funcional para (a) praxia no curso da doença de Alzheimer*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2005.

MILROY, Lesley (1980) *Language and social networks*. Second edition, New York, NY: Basil Blackwell (1987/1989)

MORATO, E.M. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. In: *Direito à fala. A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.

MURAI, M. S. *Escrita e letramento na afasia: estudo de um sujeito não alfabetizado*. Iniciação científica (Graduando em Licenciatura em Letras - Português) - Universidade Estadual de Campinas, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, 2004.

OLIVEIRA, E. C. *Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

OMDAL, H. *Attitudes toward spoken norwegian*. International Journal of Sociology of Language, n. 115, p. 85-106, 1995.

PEREIRA, C. Q. *Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem*

discursiva. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2006.

GADET F. & PÊCHEUX, M. *La langue introuvable*. Maspero, Paris. 1981.

PHILIPS, S. U. (1976) Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: Ribeiro, B.T. & Garcez, P.M. (orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RIESE, W. *Selected Papers on the history of aphasia*. Swets & Zeitkunger B. V.: Amsterdam and Lisse. 1977.

SAVILLE-TROIKE, M. (1982). *The Ethnography of communication: an introduction*. New York: Basil Blackwell.1989

SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SHERZER, J. & DARNELL, R. Outline guide for ethnographic study of speech use. In Gumperz, J.J. & Hymes, D. (eds) *Directions in sociolinguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1972.

SILVA, M. C. Pausa em textos orais espontâneos e em textos falados. In: *Revista linguagem em (Dis)curso*. Vol.3, no. 1, jul./ dez. UNISUL, 2002.

___ *Discursos do cuidado de si e da sexualidade em revistas femininas e masculinas*. 354 p. (Tese de doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ANEXOS

Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)

Modelo de Registro

O BDN é formado por: um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no grupo II do CCA e certas especificidades da linguagem patológica.

A fim de padronizar o registro dos dados foram criadas, para o BDN, uma série de “regras”.

1)Tabela

É composta por 6 colunas: Código de Busca, Numeração dos enunciados, Sigla do Locutor, Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

***Coluna Código de Busca:**

É usada a seguinte notação:

Código	Finalidade
\tom	Entonação utilizada pelo falante
\TF	Transcrição Fonética
\her	Hesitação, repetição
\top	Topicalização sintática
\neg	Enunciado negativo
\ins	Inserção
\aí	Aí, daí, então
\né	
\tá	
\rir	Risos/humor
\int	Introdução de opinião
\lei	Leitura em voz alta
\com	Comparação
\esc	Escrita
\:	Alongamento vocálico
\imp	ordem, pedido
\ /	Pausa breve
\ //	Pausa longa
\ ?	pergunta
\ !	exclamação

*** Coluna Sigla do Locutor**

Os sujeitos devem ser identificados por uma sigla(de 2 letras e em maiúsculo) que é formada a partir da primeira letra de seu nome e a primeira de seu sobrenome. Exemplo : CF = Ceumara Fernandes

O investigador é identificado por uma sigla de 3 letras, na qual a primeira será a letra “ i” (Investigador) em maiúsculo e as duas seguintes as primeiras letras do nome e sobrenome em minúsculo. Exemplo: Imc = Investigadora Maria Coudry

***Coluna Transcrição**

Espaço destinado para registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e investigadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: a transcrição fonética (utilizando os caracteres do IPA) e a transcrição simples ou ortográfica.

*** Colunas de Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais**

Espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito mas **como foi dito**. Engloba observações a cerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa, etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração, etc).

Além de observações sobre os gestos(não-verbais).

2) Outras marcações:

* Marcação de ênfase ou acento mais forte que o habitual -----> a transcrição do enunciado é feita em letras maiúsculas.

* Marcação de alongamento de vogal -----> usa-se dois “pontos” após a vogal alongada (:)

* Marcação de Silabação -----> usa-se hífen indicando a silabação. Exemplo: A – DO- REI.

Observação: Nesta pesquisa aqui relatada, consultamos, também, as normas de transcrição do Projeto NURC, abaixo. Dessa forma, nem sempre foi utilizado o padrão do BDN.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO PROJETO NURC

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas retÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os...éh::: ... o dinheiro

Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central...certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos ... ou três razões...que fazem com que se retenha moeda...existe uma retenção
Comentários descritivos	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando a [as linhas	A .na casa de sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	“Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está:tá? você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados
4. Números: por extenso
5. Não se indica ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento* da frase
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::: ...(alongamento e pausa)
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos de língua escrita, como ponto-e- vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.